

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA

NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E ENSINO SECUNDÁRIO

# “Sentimos que não somos ouvidos” – a importância da relação professor-aluno

Frederico André Neves Vitó Bargeño Pinto

**M**

2019



# **“Sentimos que não somos ouvidos” – a importância da relação professor-aluno**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro  
Orientadora de Estágio, Professora Anabela Prata  
Supervisora de Estágio, Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Setembro de 2019



# **“Sentimos que não somos ouvidos” – a importância da relação professor-aluno**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário orientado pela Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

Orientadora de Estágio, Professora Anabela Prata

Supervisora de Estágio, Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro

## **Membros do Júri**

Professor Doutor Jorge Fernandes Alves  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Professora Doutora Maria Jorge Santos Almeida Rama Ferro  
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra

Professora Doutora Cláudia Sofia Pinto Ribeiro  
Faculdade de Letras – Universidade do Porto

Classificação obtida: 16 valores

“Os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam  
serem especialistas em amor: Intérpretes de sonhos.

Rubem Alves

# Índice

Agradecimentos .....	6
Resumo.....	9
Abstract .....	10
Índice de Imagens .....	11
Índice de Tabelas .....	12
Índice de Gráficos .....	13
Índice de Anexos .....	14
Introdução.....	16
Capítulo 1 – Enquadramento teórico .....	20
1.1. – As competências de um professor .....	20
1.1.1. – O compromisso profissional .....	21
1.1.2. – O trabalho em equipa .....	23
1.1.3. – O compromisso social .....	24
1.1.4. – O “tato pedagógico”.....	27
1.2 – A importância da prática afetiva na sala de aula .....	30
1.2.1 – O que é a afetividade na educação? .....	32
1.2.2 – Como aplicar a afetividade? .....	34
1.2.3 – Estratégias conhecidas .....	40
Capítulo 2. – Enquadramento Metodológico .....	50
2.1. Contextualização do Núcleo de Estágio e da escola .....	50
2.2. Metodologia utilizada .....	54
2.3. Caracterização da amostra .....	63
Capítulo 3. – Análise dos Resultados .....	66
3.1 – Observação direta: episódios marcantes ao longo do ano .....	66
3.1.1 – O caso “Sara” .....	67
3.1.2 – O caso “Bruna” .....	69
3.1.3 – Os casos “Nuno” e “Miguel”.....	72
3.1.4 – O caso “Fernando” .....	75
3.2- Resultados do Inquérito por Questionário .....	78
3.3- Resultados dos “focus groups” .....	104

3.3.1 – “Passamos tanto tempo na escola que faz com que ela seja a nossa segunda casa”	105
3.3.2 – “Não temos que estar calados para rentabilizar a aula” .....	107
3.3.3 – “(...) as nossas participações não estejam certas ou erradas, porque elas são vistas mais como uma partilha de uma opinião” .....	108
3.3.4 – “Já me aconteceu uma professora (...) levar a acreditar em mim mesmo” .....	109
3.3.5 – “Nós sentimo-nos muito mais motivados e temos muito melhor rendimento se nos derem asas para voar” .....	110
3.3.6 – “O professor deve ser o capitão da sua turma” .....	112
3.3.7 – “A tolerância e a compreensão são valores que um professor deve transmitir” ..	113
3.3.8 – “Uma data é uma data” .....	114
Considerações finais.....	116
Referências Bibliográficas .....	122
Anexos.....	124

## **Declaração de honra**

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, 4 de novembro

Frederico André Neves Vitó Bargeño Pinto

## **Agradecimentos**

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha família por toda a paciência que tiveram comigo ao longo deste percurso académico algo demorado e incerto. Sem dúvida que, hoje sou um homem bastante mais maduro e com mais certezas do que quero na vida, isto porque vocês não desistiram de mim até quando dei todas as razões para o fazerem.

Agradeço à minha namorada, Cristiana Leite, por me ajudar a acreditar em mim mesmo e ter-me ajudado a ser mais adulto, a cuidar mais de mim e ter contribuído para o meu equilíbrio emocional. Mais do que minha namorada, és a minha melhor amiga.

Agradeço aos meus amigos mais chegados, que, de certa forma, me fizeram “despertar para a realidade” e lutar pelo meu futuro, a esses amigos de verdade, um muito obrigado por tudo e espero que sintam orgulho em mim, porque este trabalho também é muito vosso.

Aos meus colegas de Mestrado, nomeadamente ao Daniel, ao Fábio, ao Mendonça, ao Seixo e ao Ricardo, por terem sido uma motivação e um exemplo para mim. A vossa humildade, boa-disposição, “afrontamento”, sinceridade, mas, acima de tudo, a vossa vontade de procurarem serem sempre melhores naquilo que fazem, fizeram com que eu me tornasse mais responsável e ganhasse outro tipo de consciência que fazia falta na minha vida. Por me terem ajudado a tornar-me mais responsável, mas, acima de tudo, mais feliz, um especial obrigado.

A meu querido Cancioneiro Universitário do Campo Alegre – Tuna de Letras do Porto, não tenho agradecimentos para tudo o que esta instituição me ensinou. Proporcionou-me amigos para a vida, responsabilidades, conhecimentos e muita diversão. À tuna e a todos os tunos que fizeram parte do meu percurso académico e não me deixaram cair, obrigado por terem tornado este menino num homem feito, principalmente à minha “geração” que eles sabem quem são.

Agradeço também aos meus amigos que deixei em Coimbra, quando no ano de 2012 pedi transferência para o Porto. Foi sem dúvida um ano muito intenso e difícil, que

me fez perceber que realmente a vida adulta estava a começar. Se não fossem vocês, principalmente o meu companheiro de batalhas, Diogo Xavier, não seria o homem que sou hoje.

Aos meus “bombeiros”, aos meus colegas de ano que muitos já não se encontram na faculdade, agradeço a vocês também por terem acolhido este jovem perdido vindo de Coimbra no vosso seio. Proporcionaram-me momentos que também não esquecerei.

Ao professor Doutor Luís Alberto, deixo um agradecimento por ter partilhado a sua sabedoria, simplicidade e cavalheirismo. O professor, sem dúvida, é um exemplo para todos nós. Obrigado por ter acompanhado a construção do meu relatório. Agradeço também por me ter dado a oportunidade de ter sido integrado no Mestrado em Ensino em História no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, tendo a noção que a minha reputação ao longo da licenciatura pode não ter sido a melhor. Acabo este agradecimento a relembrar suas palavras na entrevista antes de entrar para o mestrado: “Frederico, nós costumamos falar com alguns professores da licenciatura sobre a vossa performance durante a mesma, mas nenhum tinha informações sobre ti...”. Espero agora ter conseguido deixar uma marca, de preferência positiva.

Agradeço também à Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro, por nunca ter desistido de nós num período muito debilitado da sua vida. Essa atitude foi de tal forma marcante que, para mim, não só é uma excelente professora, mas também uma excelente pessoa com uma força e uma garra que eu não sabia ser possível possuir. Obrigado também por ter continuado com o trabalho do professor Luís Alberto, e ter ficado como minha orientadora neste relatório. Pela sua paciência em ouvir as minhas constantes incertezas e pelo seu *feedback* e ajuda, não existem agradecimentos possíveis. Obrigado por me ter tornado um melhor professor, mas sobretudo por me ter tornado uma melhor pessoa. Tal como ao professor Luís Alberto, espero ter deixado uma reputação positiva.

Ao meu companheiro de estágio, João Gonçalves, obrigado por todos os bons e maus momentos que passamos neste último ano que passou. Um obrigado e um pedido de desculpas, por todos os momentos onde fui mais ansioso e nervoso.

Agradeço às professoras Ana Cristina Carvalhinho e Susana Pereira, um obrigado por se mostrarem sempre disponíveis e me terem dado a oportunidade de lecionar ao 9.º ano e ao 7.º ano, respetivamente. Foram aulas muito importantes e que me permitiram ter uma experiência com turmas do 3.º ciclo, algo que contribuiu muito para a minha formação.

Deixo um agradecimento muito especial aos meus alunos. Agradeço pelo seu carinho e disponibilidade ao longo do ano, sendo essenciais para perceber que realmente é esta profissão que eu quero exercer no meu futuro.

Agradeço ao professor Rui Correia por ter contribuído nas considerações finais do meu relatório. A conversa que tive consigo permitiu-me perceber que a sua competência e sabedoria não deve ser reconhecida apenas por ter recebido o prémio do “Global Teacher Prize Portugal”, mas também por toda a humildade e paixão que tem em ser professor, que é bastante inspirador para um professor em formação como eu.

Por último, agradeço à minha Orientadora Cooperante, professora Anabela Prata, pela sua amizade, paciência, ensinamentos e boa-disposição. A professora não só foi essencial no meu percurso académico, mas também no meu crescimento pessoal. Fez-me acreditar mais em mim e ajudou-me a identificar as minhas qualidades e os meus defeitos, para me tornar uma melhor pessoa e um melhor professor. Todos os dias que tive o prazer de estar consigo, foram dias que me fez ser uma pessoa melhor no fim do ano letivo que passou. Só por ter tido a oportunidade de me ter cruzado consigo, os meus percalços académicos valeram a pena. Por tudo isto, fica aqui o meu último agradecimento e o mais especial de todos. Ficará para sempre guardada no meu coração e terá sempre o meu respeito e amizade.

## Resumo

Ao longo do meu percurso escolar tive vários tipos de professores que me deixaram marcas, tanto positivas como negativas. A relação que tive com os meus professores, muitas das vezes, foram cruciais para obter o meu sucesso escolar, porém também existiram situações que me prejudicaram e fizeram-me não acreditar nas minhas capacidades, conseqüentemente algumas disciplinas não conseguiram despertar o meu interesse.

Foram estas razões pessoais, que me levaram a questionar o seguinte: afinal, que relação professor-aluno é a mais adequada para que os estudantes possam alcançar o sucesso escolar? Qual a relação que os alunos procuram ter com o seu professor? Que características é que um professor deve possuir de modo a garantir o interesse e a motivação do aluno?

Com o objetivo de responder a estas questões, realizei um estudo de caso com cerca de 37 alunos de duas turmas: uma de 11.º ano do curso de Ciências Socioeconómicas e outra do 12.º ano do curso de Línguas e Humanidades, da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, durante o ano letivo de 2018/2019. Nesta investigação recorri a várias metodologias, de modo a obter informações pertinentes para o meu estudo: a aplicação de um inquérito por questionário, a elaboração de “*focus groups*”, entre outros.

O estudo realizado revelou que um professor deve garantir uma relação saudável com os seus alunos, sendo dinâmico, motivador e empático. Um professor deve querer ser um exemplo para os seus alunos, assim como os estudantes devem reconhecer o professor como um exemplo a seguir. Essa relação permite que os jovens alcancem os seus objetivos, tanto escolares como de cariz mais pessoal.

**Palavras-chave:** relação professor-aluno; afetividade; aprendizagem; sucesso escolar.

## Abstract

Throughout my student years, I had several types of teachers that left marks on me, both positive and negative. The kind of relationships I had with my teachers were often crucial to achieve my school success, but there were also situations that cause me not to believe in my abilities, therefore my interest in some subjects wasn't stimulated.

These personal reasons led me to question the following: after all, which teacher-student relationship is best suited for students to achieve school success? What kind of relationship do students seek to have with their teacher? What characteristics should a teacher have in order to ensure student interest and motivation?

In order to answer these questions, I conducted a case study with about 37 students from two classes: one from the 11th grade of Socioeconomic Sciences course and another from the 12th grade of Languages and Humanities course at the Dr. Manuel Laranjeira, School, in Espinho, during the 2018/2019 school year. In this research, I used several methodologies, in order to obtain relevant information such as: the application of a questionnaire survey, the elaboration of "*focus groups*", among others.

The study revealed that a teacher must ensure a healthy relationship with his students, being dynamic, motivating and empathic. A teacher should want to be an example to his students, so students can recognize the teacher as an example to follow. This relationship allows young people to achieve their goals in school and in their personal life.

**Keywords:** teacher-student relationship; affectivity; learning; school success.

## Índice de Imagens

<b>Imagem 1</b> .....	42
<b>Imagem 2</b> .....	43
<b>Imagem 3</b> .....	44
<b>Imagem 4</b> .....	45
<b>Imagem 5</b> .....	51
<b>Imagem 6</b> .....	51
<b>Imagem 7</b> .....	54
<b>Imagem 8</b> .....	54

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1</b> .....	78
<b>Tabela 2</b> .....	96

## Índice de Gráficos

Gráfico 1 .....	80
Gráfico 2 .....	81
Gráfico 3 .....	82
Gráfico 4 .....	83
Gráfico 5 .....	84
Gráfico 6 .....	85
Gráfico 7 .....	86
Gráfico 8 .....	87
Gráfico 9 .....	88
Gráfico 10 .....	89
Gráfico 11 .....	90
Gráfico 12 .....	91
Gráfico 13 .....	92
Gráfico 14 .....	93
Gráfico 15 .....	94
Gráfico 16 .....	99

## Índice de Anexos

<b>Anexo 1</b> .....	126
Distribuição da amostra por género e ano de escolaridade	
<b>Anexo 2</b> .....	127
Distribuição dos elementos da turma do 11.º ano por género e idade	
<b>Anexo 3</b> .....	128
Distribuição dos elementos da turma do 12.º ano por género e idade	
<b>Anexo 4</b> .....	129
Anotações feitas sobre a participação e o comportamento das turmas e de algumas citações dos alunos	
<b>Anexo 5</b> .....	130
Inquérito por questionário	
<b>Anexo 6</b> .....	133
Resultados gerais do inquérito por questionário (Questão 2)	
<b>Anexo 7</b> .....	135
Resultados gerais do inquérito por questionário (Questão 3)	
<b>Anexo 8</b> .....	137
Resultados gerais do inquérito por questionário (Questão 4)	
<b>Anexo 9</b> .....	140
Autorização a preencher pelos encarregados de educação para a participação dos alunos no “ <i>focus groups</i> ”	
<b>Anexo 10</b> .....	141
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo A (nomes fictícios)	

<b>Anexo 11</b> .....	145
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo B (nomes fictícios)	
<b>Anexo 12</b> .....	148
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo C (nomes fictícios)	
<b>Anexo 13</b> .....	152
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo D (nomes fictícios)	
<b>Anexo 14</b> .....	156
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo E (nomes fictícios)	
<b>Anexo 15</b> .....	160
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo F (nomes fictícios)	
<b>Anexo 16</b> .....	163
Relato do “ <i>focus groups</i> ” completo do Grupo G (nomes fictícios)	

## Introdução

Num estudo realizado em 2018, pela Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>1</sup>, é referido que, em cada 100 adolescentes portugueses, quase 30 (29,6%) dizem que não gostam de andar na escola. Para além disto, é de salientar que um dos tópicos que esta organização procurou investigar foi o estilo de vida que os adolescentes portugueses têm e como eles se sentem com o mesmo. Os resultados foram ameaçadores: 17,9% dos adolescentes disseram-se cansados e exaustos; 12,7% acusaram dificuldades em adormecer e 5,9% confessaram que se sentem tristes.

Outro ponto muito importante neste estudo foi que mais de metade dos alunos inquiridos (51,8%) considera-se mau aluno. As razões foram várias, mas a que mais se destacou foi porque os alunos acham que não têm boas notas. Esta questão das notas vai ao encontro de outro fator que é visível nos dias de hoje, que é o stress que um aluno demonstra no seu dia a dia escolar. Em 1998, no mesmo estudo realizado pela mesma organização, apenas 3,8% dos alunos inquiridos sentiam-se pressionados ou stressados com os trabalhos da escola. Em 2018, esta percentagem subiu para 13,7%.

Mas, afinal, de quem é a culpa destes resultados terem piorado desde 1998? Segundo Margarida Gaspar de Matos, coordenadora desta investigação, é do próprio ensino:

“O ensino está virado para a nota em vez de para o conhecimento académico e das pessoas. E isto é uma escola muito punitiva. É uma escola que existe para enfardar conhecimento e não para fazer com que as pessoas desabrochem.”

Foi este “conhecimento das pessoas” e o “fazer com que as pessoas desabrochem” que me despertaram o interesse sobre o que realmente pode ser essencial aos alunos

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.publico.pt/2018/12/19/sociedade/noticia/adolescentes-portugueses-estao-exaustos-percentagem-nao-gostam-escola-triplicou-ultimos-20-anos-1855029?fbclid=IwAR3A9p-54LPOL-cd\\_sCjb6ADE7\\_c\\_NftgM8YdV-bo-QKUZwYJCUpJQxdHG0](https://www.publico.pt/2018/12/19/sociedade/noticia/adolescentes-portugueses-estao-exaustos-percentagem-nao-gostam-escola-triplicou-ultimos-20-anos-1855029?fbclid=IwAR3A9p-54LPOL-cd_sCjb6ADE7_c_NftgM8YdV-bo-QKUZwYJCUpJQxdHG0) consultado no dia 27/09/2019.

aprenderem nas escolas e de que forma a relação com os seus professores pode contribuir para uma melhor rotina nas suas vidas. Sendo assim, decidi aprofundar melhor esta temática no meu relatório de estágio.

Este relatório de estágio foi realizado no âmbito da cadeira de Introdução à Prática Profissional de Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo e Ensino Secundário, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O interesse por este tema surge também devido a razões pessoais. Todo o meu percurso escolar foi marcado por uma relação entre os professores e os alunos baseada no medo e na insegurança. Quando tinha alguma dúvida para esclarecer, o professor muitas vezes era a primeira pessoa a fazer-me sentir inútil por ter a dúvida e, mesmo que a esclarecesse, era sempre feita de uma forma rápida, sem mostrar o mínimo interesse pela minha dúvida, como se eu fosse um robô.

Toda esta situação me deixou marcas. Ainda hoje receio questionar algo ou esclarecer uma dúvida, que conseqüentemente me leva à ansiedade de errar e falhar perante os outros. Numa perspetiva pessoal, posso já adiantar que a importância da relação que um aluno tem com o seu professor é essencial para que este possa evoluir em termos académicos, mas também em termos pessoais, sendo o crescimento saudável do aluno uma das funções mais importantes que um professor deve procurar cumprir (senão a mais importante).

Com o meu trabalho pretendo perceber se os meus alunos pensam o mesmo que eu, o que me levou a formular quatro questões de partida que pretendo esmiuçar ao longo da minha investigação:

1. Que características é que os alunos consideram importantes existir num professor?
2. De que modo a afetividade demonstrada por um professor ajuda um aluno no seu crescimento pessoal e na aprendizagem?
3. Quais são os tipos de aula que motivam e ajudam os alunos a adquirir os saberes necessários à disciplina?
4. Para um aluno, quais são os limites para um professor “informal”?

É de salientar que não pretendo com a minha investigação criticar o trabalho desenvolvido pelos professores, tenciono apenas perceber que aspetos devo ter em atenção para quando começar a exercer a profissão, ouvindo a perspectiva dos alunos.

O trabalho foi constituído por três capítulos:

*Capítulo 1 – Enquadramento teórico*, procurei abordar que tipo de funções é que um professor nos dias de hoje deve cumprir, de forma a contribuir para o rendimento escolar dos seus alunos. Este primeiro subcapítulo foi baseado em autores como António Nóvoa, Philippe Perrenoud, Jorge Rio Cardoso e Rubem Alves. Procurei também averiguar de que forma é que a afetividade nas escolas pode ser uma mais-valia para motivar os alunos a alcançar o sucesso escolar, apresentando vários significados da palavra “afetividade” dentro do mundo educativo, como ela deve ser aplicada e apresentada perante os alunos e também apresentei algumas estratégias já desenvolvidas e transportas para o mundo real. Este segundo subcapítulo foi baseado em artigos e obras publicadas, sendo os artigos realizados por vários psicólogos que refletem sobre a importância da afetividade e das relações interpessoais entre o professor e o aluno, estudando as perspetivas de Paulo Freire, Lev Vygotsky, Henri Wallon e de Jean Piaget. Em relação às obras publicadas, averigui os autores Miguel Santos Guerra, Helena Vieira, Adele Faber e Elaine Mazlish e Juan Bou Pérez.

*Capítulo 2 – Enquadramento Metodológico*, apresentarei a escola que me acolheu no meu ano de estágio, Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, descrevendo a sua história e explicando o que faz dela uma escola de excelência, não só para os alunos, mas também para os professores e funcionários que lá trabalham. Num segundo momento, irei dar a conhecer as turmas que fizeram parte da minha investigação social, uma turma de 11.º ano do curso de Ciências Socioeconómicas e uma turma de 12.º ano de Línguas e Humanidades. Neste capítulo ainda apresentarei quais foram os métodos que utilizei para recolher os dados que necessitava para a minha investigação, passando pela observação direta, a aplicação de inquérito por questionário e a realização de vários “*focus groups*”.

*Capítulo 3 – Análise de resultados* analisarei de forma detalhada os resultados

obtidos com as metodologias utilizadas.

No final deste relatório, farei algumas considerações sobre os resultados obtidos, e que representação têm os mesmos para responder as questões de partida apresentadas anteriormente e, também, juntamente com o professor Rui Correia, vencedor do prémio “*Global Teacher Prize Portugal*”, no ano de 2019, procurarei interpretar que aspetos são realmente cruciais para que haja uma relação professor-aluno saudável e que faça com que os alunos se sintam motivados a aprender e fomentar o gosto pela escola e pelas disciplinas.

Saliento que este trabalho desenvolvido neste relatório de estágio não é para encontrar a solução de todos problemas ligados à educação e às próprias rotinas dos adolescentes. Com as leituras que fiz e com a averiguação das ideias gerais dos meus alunos sobre este assunto, pretendo aprender como é que eu, num futuro próximo, posso contribuir para um melhor funcionamento do mundo escolar, esperando que os alunos possam ganhar o gosto em aprender.

# Capítulo 1 – Enquadramento teórico

## 1.1. – As competências de um professor

“O professor medíocre conta. O bom professor explica. O professor superior demonstra. O grande professor inspira.” William Arthur Ward

É com esta frase de William Arthur Ward que dou início a um dos temas que irei abordar no meu enquadramento teórico. O autor desta frase viveu no século XX, e foi um professor e escritor de renome nos Estados Unidos da América. Por vezes, uma frase que vem do século passado pode não fazer sentido nos tempos atuais, mas, se pensarmos realmente sobre as competências que um professor deve adquirir para executar a sua profissão nos dias de hoje, percebemos que a citação continua bastante atual. Um professor não deve formar a sua reputação de acordo com o conhecimento que tem, mas através da capacidade de o transmitir. Só assim é que pode inspirar e motivar os seus alunos a aprender.

Mas, será apenas com a transmissão de conhecimentos que um professor se torna uma inspiração para os seus alunos? Será que não existem outras potencialidades e competências que um professor pode desenvolver de modo a cumprir a sua profissão com outro brio e responsabilidade? Isto são pequenas questões que englobadas formam uma questão só: afinal, quais são as competências de um professor?

Para responder a esta questão, iremos analisar a obra *“Imagens do futuro presente”* (2009) de António Sampaio da Nóvoa, a obra *“Dez novas competências para ensinar”* (2000) de Philipp Perrenoud e a obra *“O professor do futuro”* (2013) de Jorge Rio Cardoso. Apesar das competências serem diversas, iremos analisar a fundo quatro delas, que estes três autores retratam nas suas obras, tentando dar uma perspetiva pessoal sobre as mesmas.

Existem duas razões para me ter baseado nestas obras que, de certa forma, não são propriamente recentes. Em primeiro lugar, foi o enorme reconhecimento que os autores têm no mundo da educação e da pedagogia, fazendo com que os assuntos por eles tratados

sejam interessantes de explorar para o estudo do meu relatório. Em segundo lugar, foi para interpretar se de facto as competências discutidas outrora são atuais nos dias de hoje.

### **1.1.1. – O compromisso profissional**

O compromisso profissional é, por outras palavras, o encargo de um professor conhecer vários tipos de instrumentos de aprendizagem, procurando sempre a inovação na hora de os aplicar aos seus alunos. Segundo Jorge Rio Cardoso, a missão de um docente *“não parará até encontrar uma maneira, eventualmente diferenciada, de cada aluno aprender a lição”* (Cardoso, 2013, p. 65).

Este compromisso implica que um professor seja responsável e consciente, na medida em que não deve apenas confiar nas suas capacidades já obtidas, mas procurar sempre aprender mais com o intuito de, ao longo da sua carreira, renovar os seus instrumentos de aprendizagem. Um professor deve sempre procurar atualizar-se conforme as mudanças que vão surgindo, sejam elas digitais, ou até mesmo de mentalidades.

Segundo Perrenoud, é relevante um professor manter-se informado acerca das novidades digitais. Quanto mais um professor conhecer acerca do mundo digital, mais instrumentos de aprendizagem terá à disposição:

*“(…) A escola não pode ignorar o que se passa no mundo. Ora, as novas tecnologias da informação e da comunicação (TIC ou NTIC) transformam espetacularmente não só novas maneiras de comunicar, mas também de trabalhar, de decidir, de pensar.”*  
(Perrenoud, 2000, p. 125)

Evidentemente que esta ligação ao mundo digital servirá para o professor se atualizar e conseguir acompanhar não só as mudanças digitais, mas também as mudanças de mentalidade dos seus alunos. Os professores, ao assumirem o seu compromisso profissional, estão automaticamente a assumir que no ensino, nos dias de hoje, é preciso modernização de forma a que os alunos se integrem melhor nas escolas, e assim, combater

o insucesso escolar.

Para Nóvoa, este compromisso profissional deve ser algo que os professores devem ganhar já na sua formação inicial, e passa por “*compreender os sentidos da instituição escolar, integrar-se numa profissão, aprender com os colegas mais experientes*” (Nóvoa, 2009, p. 12).

De facto, este compromisso profissional deve ser algo que os futuros professores devem integrar nas suas formações, e que os professores mais experientes devem auxiliar os professores mais novos, mas não só. Como já foi dito, este compromisso profissional é algo que deve fazer parte de um professor durante toda a sua carreira, e os professores recém-formados também podem auxiliar os mais experientes, nomeadamente no conhecimento do mundo digital.

Durante a minha formação, algo que trabalhamos bastante foram os recursos tecnológicos na sala de aula e como eles podem ser benéficos no processo de aprendizagem dos alunos. Muitas destas inovações são desconhecidas por parte de alguns professores nos dias de hoje, e cabe aos recém-professores partilhar o seu conhecimento digital. Posto isto, a aprendizagem deve ser mútua entre os professores, e a esta reciprocidade só é possível acontecer se os professores estiverem dispostos a trabalhar em equipa com o objetivo claro de fazer com que os alunos aprendam de uma forma diferente e inovadora, e assim, que o processo de aprendizagem seja mais eficaz.

Concluo este subcapítulo com uma frase de Rubem Alves acerca da importância da renovação do ensino:

“Os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a cara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou um adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parece ter com a sua vida?” (Alves, 1994, pp. 13-14)

### 1.1.2. – O trabalho em equipa

No seguimento do que foi dito na parte final do subcapítulo anterior, sem dúvida que outra das competências que um professor deve valorizar é saber trabalhar em equipa, de modo a que possa rentabilizar melhor o ensino.

É nesta perspetiva que Sampaio da Nóvoa se baseia ao referir a importância de os professores se unirem e trabalharem em equipa em prol de um melhor funcionamento do meio escolar. Esta união deve servir para o desenvolvimento profissional dos professores e discutirem estratégias de aprendizagem que sejam benéficas para o crescimento cognitivo e pessoal do aluno:

“É urgente reforçar as comunidades de prática, isto é, um espaço concetual construído por grupos de educadores comprometidos com a pesquisa e a inovação, no qual se discutem ideias sobre o ensino e aprendizagem e se elaboram perspetivas comuns sobre os desafios da formação pessoal, profissional e cívica dos alunos.”  
(Nóvoa, 2009, p. 17)

Perrenoud também refere a importância que tem o trabalho em equipa no seio escolar, corroborando a afirmação de Nóvoa na medida em que a união dos professores servirá não só para melhorar os métodos de trabalho de um professor, mas para fazer parte de vários projetos educativos de forma a discutirem ideias de como melhorar a formação dos seus alunos.

O autor refere também que esta união não deve ser exclusiva só dos professores. A envolvência dos pais é de extrema relevância para que estes conheçam os métodos e ensinamentos em que os seus educandos estão envolvidos, de forma a estes cooperarem para uma formação saudável dos alunos:

“Nas relações com os pais, uma das competências maiores de um professor é distinguir claramente o que diz respeito à sua autonomia profissional (...) e o que tange as instâncias

encarregadas de adotar uma política educacional, os programas, as regras de avaliação ou as estruturas escolares que comandam o momento e a severidade da seleção.” (Perrenoud, 2000, p. 116)

Jorge Rio Cardoso refere que para que esta união entre os professores, e até com os encarregados de educação, seja real, é importante as pessoas envolvidas manterem novamente um espírito de enorme humildade e compreensão entre todos. Particularmente, entre os professores deve haver cooperação entre os mais experientes e os mais inexperientes, para que todos juntos possam alcançar o objetivo que todos têm em comum, que é fazer com que os alunos aprendam:

“Esta cooperação será feita tanto com colegas, como com os órgãos de gestão da escola ou com os encarregados de educação dos alunos. (...) O professor cooperante partilha a informação com os seus pares, sobretudo com os mais inexperientes” (Cardoso, 2013, p. 76).

Tanto os professores como os encarregados de educação devem sempre se recordar que este trabalho deve ser em prol dos seus alunos e respetivos educandos. É certo que o reconhecimento profissional e pessoal de terceiros é essencial para o bem-estar de uma pessoa, mas um professor não pode apenas procurar a sua satisfação pessoal, mas sim uma felicidade conjunta com os seus alunos, tal como refere Rubem Alves:

“A felicidade solitária é dolorosa. (...) Chegou a hora de uma alegria maior: a de partilhar com os homens a felicidade que nele mora” (ALVES, 1994, p. 7)

### **1.1.3. – O compromisso social**

Se por um lado o professor deve ter um compromisso profissional, é também essencial o compromisso social na sua profissão. Que tipo de conhecimentos é que um professor deve adquirir para cumprir com este compromisso? Será apenas o conhecimento científico ou também o conhecimento didático e pedagógico?

Para Nóvoa, o conhecimento é muito mais do que teórico. O conhecimento de um professor deve ser prático, na medida em que *consiste na construção de práticas docentes que conduzam os alunos à aprendizagem*” (Nóvoa, 2009, p. 12).

Nóvoa refere que este é um dos pontos onde a formação dos professores continua a falhar nos dias de hoje, pois ainda se dá prioridade à teoria e não à prática. Com isto, Nóvoa não afirma que a formação dos professores passa por ausência da prática, mas que os futuros professores têm de ter a noção que a profissão “docente” pede muito mais do que simplesmente transmitir os saberes:

“Não se trata de adotar uma qualquer deriva praticista e, muito menos, de acolher as tendências anti-intelectuais na formação de professores. Trata-se, sim, de abandonar a ideia de que a profissão docente se define, primordialmente, pela capacidade de transmitir um determinado saber.” (Nóvoa, 2009, p. 13)

Não posso deixar de comentar que esta obra é de 2009, e, no entanto, nestes 10 anos, penso que a formação inicial dos professores se tem centrado muito mais na prática e no respetivo compromisso social. Durante a minha formação nunca senti que os meus professores valorizassem apenas o conhecimento científico. Quase todas as unidades curriculares tiveram sempre um lado didático, onde os professores nos prepararam para organizar e dirigir situações de aprendizagem.

É sobre esta organização de situações de aprendizagem que Philippe Perrenoud refere como essencial um professor ter em consideração. As situações de aprendizagem não devem ser dirigidas pelo professor, mas pelos alunos, ou seja, um professor tem de conseguir trabalhar a partir daquilo que os alunos conseguem transmitir:

“O importante é dar-lhes regularmente direitos na aula, interessar-se por elas, tentar compreender as suas raízes e sua forma de coerência (...) A competência de um professor é, então, essencialmente didática.” (Perrenoud, 2000, pp. 28-29)

E como é que, segundo Perrenoud, esta competência didática deve ser trabalhada com os alunos para que eles possam aprender? O autor chama a atenção para a importância de que é preciso trabalhar a partir dos erros e dos pensamentos dos alunos:

“Em um trabalho coletivo, inicia-se a discussão, o choque das representações obriga cada um a precisar do seu pensamento e a levar em conta o dos outros (...) A didática das disciplinas interessasse cada vez mais pelos erros e tenta compreendê-los, antes de combatê-los” (Perrenoud, 2000, pp. 31 - 32)

Depois de compreender os erros, como é que os alunos os podem corrigir? Perrenoud refere que um professor deve ter sempre tarefas preparadas para os alunos realizarem, de forma a eles aprenderem por eles mesmos:

“As noções de dispositivo e de sequência didáticos chamam a atenção para o fato de que uma situação de aprendizagem não ocorre ao acaso e é engendrada por um dispositivo que coloca os alunos diante de uma tarefa a ser realizada, um projeto a fazer” (Perrenoud, 2000, pp. 33 -34)

O autor defende que ao fazer com que os alunos aprendam por si mesmos com a realização de uma determinada tarefa, faz com que o professor tenha outra função na sua aprendizagem. Um professor terá de criar o ambiente propício a que o aluno consiga investigar e criar os seus projetos, sendo um ambiente caracterizado pela promoção de boas relações entre os colegas, de modo que possam construir o conhecimento em conjunto.

É este trabalho em conjunto que Jorge Rio Cardoso considera crucial para que os alunos não só possam obter o conhecimento, mas também o seu crescimento pessoal, visto que o trabalho em grupo é algo essencial durante toda a vida:

“Durante a atividade proposta os estudantes clarificam opiniões, comparam impressões, partilham soluções e desenvolvem capacidades de liderança e trabalho de grupo. (...) Na vida em sociedade, nas

organizações, nas empresas o trabalho em grupo é uma competência essencial. A escola é o lugar onde os estudantes devem, com clareza, aprender isto.” (Cardoso, 2013, p. 211)

É com estas estratégias de aprendizagem baseadas na realidade do mundo de hoje que um professor deve cumprir com o seu compromisso social. É importante que consigam, através dos seus métodos de trabalho, fazer com que os alunos conheçam outros tipos de saberes para além da teoria, e que todos os ensinamentos contribuam para o desenvolvimento e crescimento do aluno.

É com o compromisso de fazer com que os alunos obtenham os conhecimentos através de si mesmos, que um professor cumpre o seu compromisso social. Sobre isto, Rubem Alves também expressa a sua opinião na obra “A Alegria de Ensinar”:

“O cientista deve abandonar a sua imaginação divagante que o leva a andar pelos caminhos do seu próprio fascínio e tornar-se uma função dos objetivos determinados pelos interesses da instituição que o emprega” (Alves, 1994, p. 41).

#### **1.1.4. – O “tato pedagógico”**

O compromisso social só é possível de se concretizar se o professor tiver, como os autores referem, o “tato pedagógico”. Mas afinal, o que é o “tato pedagógico” e qual a sua importância?

Para António da Nóvoa, “tato pedagógico” é a capacidade de um professor se relacionar com os seus alunos, de modo a motivá-los a aprender e fazer acreditar que é possível alcançar os seus objetivos, os seus sonhos e uma realidade totalmente nova da que vivem, através do trabalho escolar. E como é que um professor pode desenvolver esta capacidade? Segundo Nóvoa, em primeiro lugar é importante um professor conhecer-se bem, aceitar-se como é e gostar de si mesmo, para que possa comunicar e relacionar-se melhor não só com os alunos, mas também com todo o meio escolar da forma mais aberta e eficaz possível.

Um professor, antes de ser professor, é uma pessoa e se quer ser respeitado como docente, primeiro tem de se dar ao respeito através do que transmite, fora os conhecimentos técnicos ou científicos. O autor defende que este é um ponto crucial para combater o insucesso escolar, pois ajuda a chegar mais facilmente aos “novos alunos”:

“As dificuldades levantadas pelos «novos alunos» (por aqueles que não querem aprender, por aqueles que trazem novas realidades sociais e culturais para dentro da escola) chama a atenção para a dimensão humana e relacional do ensino (...). Ora esta relação (a qualidades desta relação) exige que os professores sejam pessoas inteiras.” (Nóvoa, 2009, p. 16)

É com base neste conceito de “tato pedagógico” que Philippe Perrenoud refere a importância de um professor prevenir a violência na escola e fora dela; lutar contra os preconceitos e as discriminações de género, étnicas e sociais; participar na criação das regras, e, sobretudo, desenvolver o senso de responsabilidade e da solidariedade do aluno:

“É preciso que se criem situações que facilitem verdadeiras aprendizagens, tomadas de consciência, construção de valores, de uma identidade moral e cívica”. (Perrenoud, 2000, p. 142)

E como é que os alunos podem obter esta identidade? Segundo o autor, tudo começa pela postura de um professor. O professor deve ter uma postura descontraída com os seus alunos, de modo a garantir que estes possam estar estimulados para aprender, questionar, pesquisar e solucionar os seus próprios problemas:

“(…) Pode se aprender rindo, brincando, tendo prazer. Ensinar é, portanto, reforçar a decisão de aprender, sem agir como se ela tivesse tomada de uma vez por todas. Ensinar é também estimular o desejo de saber. Só se pode desejar saber ler, calcular de cabeça, falar alemão ou compreender o ciclo da água, quando se concebem esses conhecimentos e seus usos.” (Perrenoud, 2000, pp. 70 - 71)

Para além de um professor estimular a aprendizagem e o interesse do aluno, o “tato pedagógico” também deve englobar a humildade. Segundo Jorge Rio Cardoso, um professor deve realçar sempre a sua humildade. Seja para reconhecer quando uma estratégia de aprendizagem falha e não é compreendida pelos seus alunos, seja para admitir os seus erros, rindo-se deles e passar a mensagem que um professor, antes de tudo, é um ser humano:

“Um professor tem de ter a necessária sensibilidade, ou tato pedagógico, para, por exemplo, se aperceber se a sua mensagem está a ser apreendida pelos alunos. (...) Dentro do tato pedagógico, podemos, ainda, incluir a parte humana e o que poderíamos definir como a capacidade do docente, se for necessário, rir-se de si próprio. Ou, dito de outra forma, manter uma postura humilde.” (Cardoso, 2013, pp. 74 - 75)

É através da sua postura humanizada que um professor consegue obter este “tato pedagógico” e, assim, fazer com que os alunos se interessem pela escola, pelas aulas e pelos conteúdos a aprender. Tudo passa pela capacidade de o professor se relacionar com os seus alunos e os motivar através daquilo que é, e não, apenas, com aquilo que sabe.

Um bom professor tem de ter a noção da sua dimensão social. Muitas vezes, os professores conseguem ser mais influentes para os alunos do que os próprios pais, por isso, temos de ter a noção que podemos servir de modelos para os alunos adaptarem determinados estilos de vida ou até mesmo ajustarem determinada postura. É por isso que é importante um professor transmitir bons valores de “*honestidade, isenção, altruísmo, solidariedade, entre outros*” (Cardoso, 2013, p. 61).

Finalizo este subcapítulo novamente com palavras de Rubem Alves, com as quais refere a importância de um professor fazer parte não só no desenvolvimento cognitivo do aluno, mas também no seu crescimento pessoal. Temos o poder de fazer com que os alunos acreditem nos seus sonhos e nos seus objetivos de vida:

“As palavras são entidades mágicas, potências feiticeiras, poderes bruxos que despertam os mundos que jazem dentro dos nossos corpos, num estado de hibernação, como sonhos. (...) A este processo mágico pelo qual a palavra desperta os mundos adormecidos se dá o nome de educação.” (Alves, 1994, p. 44)

Em todas as obras os autores referiram o “tato pedagógico” como uma das competências mais importantes que um professor deve adquirir, sendo essa a chave para os fazer sentir motivados para aprender e alcançar os seus objetivos pessoais, e o respetivo sucesso escolar. Foi também esta relevância em torno desta competência que me motivou para querer explorar a importância que uma relação afetiva e empática entre um professor e um aluno pode ter para que este possa melhorar o seu rendimento escolar.

Posto isto, falaremos no próximo subcapítulo sobre o significado da “afetividade” no mundo escolar e o que ela procura; em que casos é que a afetividade pode contribuir para o sucesso do aluno e que estratégias já foram pensadas e implementadas ao longo do tempo e os respetivos resultados.

## **1.2 – A importância da prática afetiva na sala de aula**

“O ser humano aprende, por meio do legado de sua cultura e da interação com outros humanos, a agir, a pensar, a falar e também a sentir. (...) Nesse sentido, o longo aprendizado sobre emoções e afetos se inicia nas primeiras horas de vida de uma criança e se prolonga por toda a sua existência.” (Arantes, 2003, p. 23)

É com esta frase de Valéria Amorim Arantes, que começo o segundo subcapítulo do meu enquadramento teórico. Valéria é uma professora da Universidade de São Paulo, cujo a sua área vai desde a psicologia até ao ramo da educação e da pedagogia. Na sua obra “*Afetividade na escola – Alternativas teóricas e práticas*” ela procura nos explicar os benefícios que existem para os alunos quando os professores procuram uma relação bastante empática, descontraída, e, sobretudo, afetiva.

Afinal de contas, segundo a autora, as pessoas só são capazes de aprender algo quando interagem umas com as outras, assim como os alunos só são capazes de aprender quando interagem com os restantes colegas. Portanto, neste subcapítulo pretendo responder às seguintes questões: o que é e para que serve a afetividade nas escolas? Quem são os alunos que a procuram? Quais as estratégias implementadas ao longo do tempo, e os seus respetivos resultados?

Para responder a estas questões, para além da obra já referida de Valéria Arantes, procurei artigos relativamente recentes e outras bibliografias de extrema importância para perceber bem o significado da afetividade escolar, tanto na teoria, como na prática.

Usei três artigos de anos e autores diferentes: um foi composto em 2013, tendo como título “*Relação professor-aluno: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem*”, de 2013 sendo o autor Jeane dos Santos Caldeira; outro foi elaborado em 2018, tendo como título “*Afetividade e ensino-aprendizagem: influência favorável na relação professor-aluno-objeto de conhecimento*”, tendo como autores Francielle Ferreira da Silva e Nair Floresta Andrade Neta e, por último, usei outro artigo elaborado já neste ano de 2019, com título “*Afetividade e Aprendizagem: a relação professor-aluno*”, sendo Elvira Cristiana Martins Tassoni a autora do mesmo.

O que fez pensar que seria útil usar estes artigos não foi apenas o facto de eles serem recentes e atualizados em relação a outros mais antigos, mas também pelos autores que foram citados ao longo dos trabalhos elaborados, que são de enorme relevância para estudar a afetividade e as emoções na comunidade escolar. Paulo Freire, Lev Vygotsky, Henri Wallon foram alguns dos ilustres autores que foram citados ao longo destes artigos.

Em relação às obras publicadas que consultei, para além da obra de Valéria Arantes, usei outras cinco que me auxiliaram na resposta das questões já mencionadas, principalmente para perceber de que forma é que deve a afetividade ser implementada no mundo escolar, e que estratégias efetivamente já foram implementadas e os seus respetivos resultados.

As outras 5 obras que consultei foram as seguintes: “*Como criar uma boa relação pedagógica*” de Maria Teresa Gomez, Victoria Mir e Maria Garcia Serrants, de 1993; “*A comunicação na sala de aula*” de Helena Vieira, de 2000; “*Como falar para o aluno aprender*” de Adele Faber e Elaine Mazlish, de 2005; “*Arqueologia dos Sentimentos*” de Miguel Santos Guerra, de 2006; e, por último, “*Ferramentas de Coaching Educativo*” de Juan Pérez, de 2016.

À semelhança com o primeiro subcapítulo, irei abordar as questões não só através da perspectiva dos autores, mas também tentarei juntar a minha perspectiva pessoal.

### **1.2.1 – O que é a afetividade na educação?**

Se formos ao dicionário ver o significado da palavra “afetividade”, aparece algo como “um conjunto de fenómenos afetivos”. Estes fenómenos afetivos são variados, que tanto podem despertar sentimentos de alegria, de amor e de euforia, como também despertar sentimentos de teor mais negativo, tais como a raiva, o medo e a agressividade. Não devemos confundir o afeto com a emoção. A emoção é algo primário no comportamento humano, visto mais como uma reação natural e irracional, enquanto a afetividade tem um significado mais amplo, que é originada através de vivências humanas. Elvira Tassoni no seu artigo procura mostrar-nos até que ponto estes fenómenos afetivos podem contribuir para o desenvolvimento de um aluno, referindo que a afetividade é fundamental para garantir que haja não só o crescimento do aluno, mas também o seu desenvolvimento cognitivo: “(...) a afetividade desempenha um papel fundamental na constituição e funcionamento da inteligência, determinando os interesses e necessidades individuais” (Tassoni, 2019, p. 5)

Tendo em conta que os fenómenos afetivos são cruciais para definir o modo de ser e de estar de um ser-humano, obviamente que na educação, nomeadamente nas escolas, este processo deve ser trabalhado com os alunos de forma a desenvolver as suas capacidades afetivas.

Mas quem devem ser os responsáveis por esta educação afetiva perante os alunos? Serão apenas os Programas de Educação para a Saúde, o Gabinete de Apoio ao Aluno ou

os psicólogos das escolas capazes de intervir no crescimento afetivo do aluno?

Obviamente que se existe um elemento-chave em todos os anos num percurso académico de um aluno, esse é o professor. Não tirando a importância que todos os apoios escolares possam ter para contribuíram para o bem-estar do estudante, eu acredito que quem tem mais poder para o fazer é o professor, e para o mesmo deve ser do maior interesse que assim seja. No artigo de Jeane dos Santos Caldeira (2013), o autor cita uma frase de Paulo Freire, que nos indica exatamente este pensamento. *“Procurar conhecer a realidade em que vivem nossos alunos é um dever que a prática educativa nos impões: sem isso não temos acesso à maneira que como pensam, dificilmente então podemos perceber o que sabem e como sabem”* (Freire, 1996, p. 55)

Ao relacionarmos com os nossos alunos, estamos a criar uma relação afetiva e de extrema importância para que os professores possam conhecer os seus alunos e adaptar as suas aulas ao estilo de cada um deles, criando assim condições mais favoráveis para a aprendizagem, e o respetivo sucesso escolar. Mas um professor deve ter também em atenção como esta relação afetiva se proporciona, pois para que seja uma relação positiva, “a relação professor-aluno tem que ser baseada no respeito mútuo (...)” (Caldeira, 2013, p. 23637)

Outro assunto que é importante referir neste subcapítulo é o facto da cognição e a afetividade de um aluno serem vistas como algo distante e isolada uma da outra. No artigo elaborado por Francielle Ferreira e Nair Andrade (2018) este foi um dos temas que as autoras decidiram esmiuçar, referindo que ao longo do tempo a afetividade foi sendo posta de parte por parte dos professores no crescimento dos alunos:

“(...) a afetividade foi perdendo espaço nas práticas pedagógicas e a educação adquiriu um aspeto mais engessado, visto que o aluno, agente do processo de ensino-aprendizagem, é considerado apenas como um ser cognoscente, racional, pensante, sem considerar a participação dos fenómenos afetivos nesses processos” (Ferreira & Andrade, 2018, p. 34)

Posto isto, as autoras ao longo do artigo defendem que a cognição e a afetividade não devem ser trabalhadas com os alunos separadamente, porque “a cognição faz com que as emoções e sentimentos sejam aprimorados e controlados de maneira mais eficiente (...)” (Ferreira & Andrade, 2018, p. 34)

As autoras, tal como eu antes de dar início a este relatório, partiram do pressuposto que a afetividade tem uma forte influência no rendimento escolar do aluno, sendo essa influência uma face de duas moedas. Um professor tanto pode fazer com que os alunos tenham uma “comunicação sem bloqueios ou, pelo contrário, impedir que essa comunicação seja fluída” (Ferreira & Andrade, 2018, p. 33); pode interferir na motivação, “incentivando o interesse do aluno pelos estudos ou desmotivando-o (...)” (Ferreira & Andrade, 2018, p. 33) e pode fazer com que o aluno ganhe autoconfiança na hora de participar e de partilhar as suas opiniões, como também pode ser o causador da baixa-autoestima do mesmo.

### **1.2.2 – Como aplicar a afetividade?**

Como já referimos, a afetividade nas escolas é essencial para que haja um ambiente propício à aprendizagem do aluno, nomeadamente para que este possa ganhar interesse e motivação em aprender, e confiança para demonstrar o que aprendeu. Mas, como deve ser aplicada esta afetividade para que o efeito seja o desejado? E em que pontos é que a afetividade podem ser a chave para o sucesso escolar? É através destas questões que iremos abordar mais a fundo que tipo de relação o professor deve implementar com o seu aluno de modo a garantir esse afeto.

Um dos pontos que a relação empática e afetiva procura combater é o mau comportamento dos alunos. Esta é sempre uma temática bastante discutida nos dias de hoje e que trazem constantes discussões entre os docentes de quais as melhores medidas a tomar para inverter esta situação.

Durante esta discussão, é costume os professores questionarem as razões de os estudantes terem a necessidade de destabilizarem as aulas e os próprios professores. É certo que as razões são múltiplas, mas que abrange sempre algo em comum: o bem-estar

do aluno. Todos aqueles que agem de forma inoportuna, são alunos que não estão bem consigo, que procuram atenção e reconhecimento no meio que fazem parte através de atitudes menos refletidas. Na obra “Como criar uma boa relação pedagógica”, as autoras referem os propósitos do mau comportamento das crianças em quatro objetivos:

- “1. Desejo de chamar a atenção do adulto e, desse modo, obter provas de aceitação. (...)
2. Desejo de manifestar o seu poder, desafiando o adulto. (...)
3. Desejo de vingança, porque crê que fazendo mal aos outros conseguirá o lugar que lhe corresponde. (...)
4. Desejo de mostrar certa incapacidade assumida de forma real ou imaginária, a fim de manter o seu prestígio (...)” (Gomez, Mir, & Serrants, 1993, pp. 27-28)

Posto isto, podemos observar que, na opinião das autoras, o mau comportamento demonstrado pelos alunos tem sempre como objetivo alcançar um suposto lugar que a criança ou o adolescente acha que é o dele, com o intuito de manter o seu reconhecimento e prestígio. Na minha opinião, todo este prestígio que o aluno pensa que existe, tem como base as influências dos próprios colegas, pois as crianças, e principalmente os adolescentes, têm uma enorme necessidade de se sentirem importantes, desejadas e amadas no meio que se encontram. Juntando a este fator, a impulsividade nas suas atitudes gera sempre algo desconforto perante terceiros, que, neste caso, origina um desconforto entre o aluno e professor, portanto, a primeira identidade que pode inverter a indisciplina escolar é o próprio professor porque não há ninguém que tem mais influência num aluno, que o próprio docente. Tal como as autoras referem: “(...) quando o professor descobre a influência que pode exercer sobre a criança, esta começa a modificar a sua atitude em relação a ela.” (Gomez, Mir, & Serrants, 1993, p. 29)

É através desta influência que um professor tem de impor uma relação de empatia com seus alunos. Miguel Santos Guerra dá a conhecer na sua obra, “Arqueologia dos

Sentimentos”, uma forma de criar uma relação de afeto e inverter a situação do insucesso escolar e do mau comportamento. O autor refere que o nome desse fenómeno é “Educação Sentimental” e esta pretende que “os indivíduos alcancem a sua felicidade mediante o seu desenvolvimento integral, a aceitação de si próprio e uma boa relação com os outros (...) (Guerra, Arqueologia dos Sentimentos - estratégias par aum educação de afetos, 2006, p. 41)

Existem certos objetivos que, segundo o autor, a educação sentimental deve abranger, sendo os mesmos de carácter humano, emocional e social. Os objetivos de carácter humano que a educação sentimental que o autor fala na sua obra são as “satisfação das necessidades psicológicas” e a “aceitação de si próprio”.

Todos nós seres-humanos temos necessidades que queremos ver satisfeitas. Segundo o autor, ver essas necessidades saciadas são tão importantes como qualquer outra necessidade biológica como beber água. Quando uma necessidade não é satisfeita, o ser humano sofre com isso, criando mesmo impulsos agressivos e de mau estar perante as pessoas que o rodeiam:

“Há quem pense que as necessidades psicológicas não têm a mesma consistência que as necessidades biológicas de alimento, habitação ou o saciar a sede. Mas não é assim. (...) Estamos a falar de leis, não de insinuações. (...) Quando as “leis” não se cumprem, surge a desordem. Podemos suprir, sublimar ou ignorar as necessidades. Porém, quando elas não são satisfeitas, acabamos por pagar um elevado preço por isso.” (Guerra, 2006, p. 42)

Portanto, é necessário um professor criar as condições necessárias para que os alunos possam se sentir realizados. Estas condições devem ter como base o afeto e a estima do aluno, de modo aqueles se sintam seguros com o seu professor e que possam dar valor, não só ao docente, mas a eles mesmos, fazendo com que eles se sintam livres em

comunicar como sabem e agir como são: “Aceitar o nosso corpo, a nossa identidade, a nossa origem, a nossa idiossincrasia, constitui uma parte fundamental da comunicação com os outros.” (Guerra, 2006, p. 42)

Outro campo que a educação sentimental deve incluir é o campo emocional do aluno. Um professor deve fazer com que os alunos reconheçam e aceitem as suas próprias emoções, pois “é uma forma de nos sentirmos vivos”. (Guerra, 2006, p. 43) Não só é importante reconhecê-las, mas também as exprimir. Um aluno não tem de sentir qualquer preconceito em exprimir o que sente, pois é isso que o define num determinado meio social. Para além de ser importante os alunos conhecerem as suas emoções, é igualmente relevante que estes conheçam e respeitem o que as emoções e os sentimentos dos outros também. Um professor tem de passar a mensagem que nós não somos todos iguais, e que se queremos que as nossas emoções sejam respeitadas, temos que respeitar a dos outros: “Num mundo cada vez mais culturalmente diversificado, há que saber o que sentem os outros e qual a sua forma de exprimir essa forma de sentir” (Guerra, 2006, p. 43)

Este último ponto que está ligado à compreensão das emoções dos outros, vai ao encontro do último fator que a educação sentimental tem como referência, que é o fator social. Só é possível os alunos reconhecerem a importância das emoções, se estes compreenderem que vivemos numa sociedade onde dependemos um dos outros para obter sucesso, seja em que campo for. Segundo o autor, o aluno tem que “aprender a conhecer o outro, a respeitá-lo, a escutá-lo, a dialogar, a partilhar (...)” (Guerra, 2006, p. 45) para que possa desenvolver tanto as suas competências sociais, como humanas e cognitivas. Ao relacionar-se com os outros, os alunos vão aprender a solucionar conflitos e perceber que muitas das vezes é preciso de ajuda de outras pessoas para analisar os seus problemas e ter um ponto de vista mais racional sobre os mesmos.

Para que haja uma educação baseada na compreensão dos sentimentos dos afetos, tal como Miguel Santos Guerra defende, é necessário haver também as condições para que esta seja possível. As condições devem ser implementadas na sala de aula, onde o professor passa a maior parte do tempo com os alunos, e que estas são discutidas na obra

de Helena Vieira, “A comunicação na sala de aula”. Tal como Miguel Santos Guerra, a autora refere que “uma das variáveis que parecem contribuir para o sucesso educativo está relacionada com o ambiente afetivo existente na sala de aula” (Vieira, 2000, p. 40).

Para autora, um dos pontos fundamentais para fomentar uma relação positiva entre o professor e o seu aluno, é a comunicação. Hoje em dia, para autora existe quatro tipo de comunicações no mundo escolar: a agressividade; a passividade; a manipulação e a assertividade.

A agressividade por vezes é uma postura imposta por um professor que tem bastantes dificuldades em se impor em determinada turma e procura obter o respeito dos alunos através da submissão dos mesmos. Esta postura na opinião de Helena Vieira “origina um ambiente de trabalho tenso e stressante quer para os alunos, quer para o professor” (Vieira, 2000, p. 44). Outro dos pontos negativos da postura agressiva, é que a agressividade pode gerar ainda mais agressividade, portanto, a aprendizagem do aluno será sempre mais difícil nestas condições, pois uma pessoa agressiva “tende a monopolizar o seu discurso” (Vieira, 2000, p. 42)

Em relação à passividade, se com a agressividade o professor procura obter o respeito dos alunos através do medo, através da passividade o professor tem a intenção de agradar os seus alunos, considerando “as necessidades e os direitos dos outros mais importantes que os seus (...)” (Vieira, 2000, p. 44). Para Helena Vieira, esta também não é a postura correta que um professor deve adaptar com os seus alunos, pois não existe exigência nem empenho para garantir que os seus alunos aprendam, simplesmente a vontade que os alunos agradados com o professor que têm. Para a autora, a postura passiva em relação a uma turma agitada, pode ser uma catástrofe: “Se a turma for agitada e se aperceber deste ponto fraco do professor, as consequências serão devastadoras: o barulho na sala aumentará, a aprendizagem será diminuta e o professor sofrerá um desgaste físico e psicológico” (Vieira, 2000, p. 46).

Quando um professor adapta uma postura baseada na manipulação, este procura obter o respeito dos alunos através da sedução. Os alunos normalmente deixam-se levar “enquanto não se apercebem do seu jogo” (Vieira, 2000, p. 47). Mas, segundo a autora,

ninguém consegue usar uma máscara durante muito tempo, e, quando os alunos descobrem que o professor tem atitudes manipuladoras, a confiança desfaz-se:

“Se o professor utiliza (...) atitudes que os alunos interpretam como manipuladoras, a confiança, principal elo de ligação entre professor/aluno, quebra-se, as relações deterioram-se, dando origem a um clima de suspeição sobre tudo aquilo que se diz ou faz” (Vieira, 2000, p. 49)

Posto isto, a autora apresenta em último lugar a postura que um professor deve adaptar com os seus alunos, que é a assertividade. Segundo a autora, “(...) uma pessoa assertiva é alguém que diz aquilo que pensa ou sente de uma forma livre e apropriada à situação” (Vieira, 2000). Quando um professor é assertivo em relação a si mesmo, gerir uma sala de aula torna-se uma tarefa bastante mais eficaz pois um professor exhibe confiança e exerce influência sobre os seus alunos. É desta forma que o professor permite que os seus alunos sejam igualmente assertivos, e assim, que se sintam seguros quando tem de exprimir as suas ideias, opiniões, pontos de vista, gostos, sentimentos, necessidades e quereres.

É de salientar que, apesar de ser importante o professor manter uma relação afetiva e assertiva com os seus alunos, existem regras que tem de ser cumpridas e que o professor continua a ser quem tem a maior autoridade dentro de uma sala de aula. Aliás, para que o professor possa fomentar este tipo de relação com os seus alunos, a autoridade e exigência são características fundamentais. Sem que haja regras a cumprir, será muito difícil haver o respeito mútuo necessário para fomentar a relação afetiva, e, sobretudo, que os alunos percebam que vale a pena aprender.

Apesar da autoridade e exigência serem essências, estas nunca devem ultrapassar os limites do bom senso. Nos dias de hoje, muitas das vezes a autoridade de um professor é confundida com autoritarismo. A autoridade de um professor deve servir para estabelecer regras para que os alunos e o professor possam conviver em conjunto de uma forma respeitadora e saudável, enquanto o autoritarismo, é quando o professor usa a autoridade para prender os alunos às suas próprias regras, não permitindo que eles tenham

um pensamento livre e descontraído. Paulo Freire também fala sobre a diferença entre a autoridade e do autoritarismo na sua obra “Pedagogia da Autonomia”:

“É meu bom senso que me adverte de que exercer a minha autoridade de professor de classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando a produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo da minha parte. É minha autoridade cumprindo o dever. Não resolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca e confundimos quase sempre autoridade com autoritarismo, licença com liberdade” (Freire, 1996, p. 67)

### **1.2.3 – Estratégias conhecidas**

Agora que já expliquei o significado do termo “afetividade” no meio escolar, e de que forma é que esta pode ser aplicada, veremos alguns exemplos práticos de atividades e projetos que foram desenvolvidos tendo em conta a importância das relações interpessoais entre um professor e um aluno.

É de salientar que a importância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo de um ser humano, começou a ser estudado com Jean Piaget ainda no século XX. Este acreditava que os afetos e o desenvolvimento cognitivo estavam interligados, e que os humanos, desde o início das suas vidas, necessitam de afeto para obter um crescimento cognitivo consistente e saudável. Também tivemos Henri Wallon, que acreditava que a afetividade devia ser parte integral em qualquer sistema escolar de forma que o aluno pudesse desenvolver o seu pensamento psíquico e cognitivo. Entre outros, estes foram os pioneiros que permitiram que a importância da afetividade fosse um assunto ainda estudado nos dias de hoje.

Posto isto, analisando duas obras deste milénio, iremos ver que tipo de posturas, estratégias ou até mesmo atividades afetivas é que um professor pode implementar para criar um ambiente saudável e propício a que os alunos aprendam, e assim, que alcancem o seu sucesso escolar.

No livro *“Como falar para o aluno aprender”* (2005) de Adele Faber e Elaine Mazlish, existem inúmeras estratégias práticas e dinâmicas que um professor pode aplicar nas suas turmas. Estas estratégias são baseadas na cooperação, no respeito mútuo, na harmonia e na afetividade e têm o intuito de ajudar um professor a alcançar uma relação assertiva com os seus alunos. Iremos analisar ao pormenor

Um dos primeiros pontos que a obra refere é a importância de o professor estabelecer regras com os seus alunos. É certo que a própria comunidade escolar estabelece as suas regras ao qual os alunos e os professores têm que as respeitar para que a escola mantenha a sua ordem, mas dentro de uma sala de aula, conforme as turmas que um professor tem, este tem a responsabilidade de as saber gerir e, se for necessário, acrescentar algumas regras para criar uma melhor harmonia numa sala de aula. Apesar do professor já ter umas regras pré-estabelecidas por ele mesmo, é importante que os alunos se juntem nesta tarefa com o professor, porque melhor que ninguém, são eles que sabem quais são os problemas e o que necessita de ser mudado.

Veremos um caso prático presente na obra. Imaginemos o cenário onde uma determinada turma é constituída por alunos que não sabem participar devidamente: participações constantemente interrompidas, a discordância é demonstrada de uma forma humilhante e maldosa e uma simples troca de ideias torna-se num campo de batalha e ofensas. Esta é uma das situações que o professor deve intervir, porque os alunos “precisam de um adulto para lhes ensinar algumas habilidades sociais básicas e para insistir que as usassem”. (Faber & Mazlish, 2005, p. 118)

E como é que um professor se pode tornar este adulto? Propondo aos alunos que, juntamente com ele, estabeleçam as regras de como participar numa sala de aula. Ao permitir que os alunos participem na criação das regras, por um lado o professor está a dar o poder aos alunos de modificar aquilo que acham incorreto. Também é importante o professor fazer com que os alunos desabafem de como se sentem quando são constantemente interrompidos ou humilhados pelos próprios colegas, e depois, que ele mesmo como se sente em relação a isso.

Esta atitude empática do professor, fará com que os alunos usem o poder de criar

as regras em prol de um melhor relacionamento entre todos, porque eles também perceberão que não se sentem bem com as constantes interrupções. Fica aqui em baixo então uma ilustração da obra que nos indica as alternativas criadas pelos próprios alunos:

**Imagem 1** - Ilustração das alternativas criadas por alunos para modificarem a sua forma de participar. (Faber & Mazlish, 2005, p. 123)



Para além do estabelecer as regras, existe outro tipo de estratégias mencionadas na obra. Uma delas é sem dúvida de um professor ter a capacidade de motivar os seus alunos, através da compreensão dos seus sentimentos.

Quando um aluno demonstra desleixo ou uma atitude reprovadora em relação a alguma atividade que esteja a ser elaborada em determinada aula, é sinal que o aluno se encontra desmotivado, e sendo uma das funções do professor fazer com que os alunos se mantenham interessados e motivados para garantir a sua aprendizagem, uma das formas de o fazer é fazer com que o aluno fale do que sente em relação à atividade realizada, e aceitar os seus sentimentos. Dessa forma, o professor irá perceber o que pode mudar para fazer com que esse aluno se sinta novamente motivado, e o aluno irá aprovar essa atitude do professor e colaborar com o mesmo de modo a encontrar atividades que o estimule. Este exemplo está representado na seguinte ilustração:

**Imagem 1** – Ilustração de como despertar o interesse de um aluno.  
(Faber & Mazlish, 2005, p. 27)



Por último, apresentarei mais duas ilustrações presentes nesta obra que demonstram por um lado como devem ser feitas por parte de um professor as chamadas de atenção de modo a não ferir um aluno, e por outro, como um professor deve usar o elogio na sala de aula, de modo a que os alunos reconheçam as suas qualidades.

Quando, por exemplo, um professor percebe que durante a realização de uma determinada tarefa ou atividade um aluno se encontra atrasado em relação ao tempo que resta para que a turma finalize a tarefa ou atividade proposta, por norma este tende a relembrar ao aluno o tempo que resta, chamando-o à atenção ao pouco tempo que tem

para terminar a tarefa. Esta atitude pode ter duas consequências: ou o aluno confia que é capaz, e consegue acelerar o processo de modo a conseguir terminar a tarefa inteira no tempo estimulado, ou desorienta ainda mais o aluno já desorientando, fazendo com que ele não acredita que seja capaz de resolver os problemas no tempo estimulado.

Perante esta situação, segundo os autores, um professor deve chamar a atenção sim, mas nunca esquecer do que o aluno já fez até aquele ponto da tarefa proposta. Deve dar força para que o aluno continue motivado e que confie que é capaz de terminar a tarefa no tempo estimulado, descrevendo o que este já fez. Este exemplo está presente na seguinte ilustração:

**Imagem 3** – Ilustração de como chamar a atenção para um aluno conseguir realizar determinada tarefa no tempo estipulado. (Faber & Mazlish, 2005, p. 163)



Em relação ao elogio, é importante um professor saber direcioná-lo, não com o objetivo de procurar agradar os seus alunos, mas sim para contribuir para que os alunos saibam reconhecer quais são as suas qualidades, e assim, que mantenham uma autoestima estável com eles mesmos. Este elogio deve ser descritivo, ou seja, um professor deve relatar ao aluno o que gostou no seu trabalho desenvolvido, e permitir que o próprio aluno conclua que é capaz de deixar o seu professor feliz. Isto fará com que ele reconheça que o seu esforço foi reconhecido, e nas tarefas seguintes, irá procurar sempre se esforçar e

fazer com que o seu professor fique feliz com o seu trabalho. Este exemplo está representado na ilustração seguinte:

**Imagem 4** – Ilustração de como elogiar um aluno. (Faber & Mazlish, 2005, p. 159)



Posto isto, iremos analisar outra estratégia proposta por Juan Fernando Bou Pérez no seu livro “*Ferramentas de Coaching Educativo*”.

Antes demais, é importante falar sobre o significado do termo “*Coaching Educativo*”. O autor refere que o termo foi inventado depois de este ter-se interessado no termo “*Coaching*” no mundo empresarial e nos benefícios que este mesmo trazia, fazendo com que as empresas alcançassem o seu êxito através de várias estratégias. O autor decidiu então trazer este termo para o mundo da educação, e define-o da seguinte forma:

“ (...) o *coaching* educativo poder-se-ia definir como uma disciplina que defende uma nova metodologia de ensino que implica uma forma diferente de entender o conceito de aprendizagem. (...) Interessam-nos conceitos do ser humano tais como talento, qualidades, capacidades, atitudes, competências, paradigmas, modelos mentais, juízos, emoções, crenças, valores... e analisar a forma como estes processos influenciam as relações académicas, pessoais e

profissionais que se verificam dentro do âmbito educativo.”  
(Pérez, 2016, p. 9)

É neste sentido que o autor nesta obra apresente 12 ferramentas e 25 exemplos práticos de como o *Coaching* Educativo pode ser implementado nas escolas, tendo sempre o objetivo de motivar os alunos a melhorar o rendimento escolar. Irei apresentar de uma forma muito sucinta duas das ferramentas/estratégias que o coaching educativo trouxe para as escolas, e os seus respetivos benefícios para o desenvolvimento do aluno.

A primeira estratégia apresentada tem como nome “MAFO – Melhorias, Ameças, Forças, Oportunidades”. Segundo o autor, esta ferramenta “é utilizada para realizar uma análise exaustiva à situação atual do indivíduo para, a partir dela, se estabelecer um plano de ação que conduza a uma situação ideal” (Pérez, 2016, p. 12)

Esta estratégia serve para trabalhar em grupo e consiste em identificar, através de uma autoanálise, quais as áreas é que os alunos se destacam, que outras áreas precisam de desenvolver, que motivações e recursos é que tem para alcançar determinada aprendizagem e que oportunidades poderão surgir se os alunos efetivamente aprenderem. Para além desta ferramenta levar à motivação do aluno, faz com que este também conheça a si mesmo, conhecendo com rigor as suas qualidades, os seus defeitos, e como pode melhorar no futuro para alcançar certos objetivos de vida. Podemos comparar esta estratégia com a análise SWOT que muitas empresas e direções escolares fazem para que possam reconhecer quais os seus pontos fortes, pontos fracos e ameaças, e assim, que elaborem um plano para desenvolver melhor as instituições. Com os alunos funciona da mesma forma. Depois de eles reconhecerem quais os seus pontos fortes e pontos fracos, a que estabelecer um plano para que possam melhorar ao longo do seu percurso escolar.

A segunda estratégia que é apresentada pelo autor na sua obra é o uso da escrita. Para o autor, a escrita “(...) é uma ferramenta de reflexão e introspeção, um metapensamento, que nos permite descrever tanto uma situação como uma emoção ou um sentimento.” (Pérez, 2016, p. 29)

Para o autor a escrita é tão importante que este apresenta-nos na sua obra 6 atividades que podem ser elaboradas com os alunos onde a escrita é o fator chave para que o aluno possa desenvolver, acima de tudo, valores afetivos e empáticos sobre ele mesmo e sobre quem os rodeia.

A primeira atividade tem como nome “Coisas positivas”, onde o aluno é desafiado a escrever todos os dias um pequeno texto sobre os acontecimentos positivos do dia, não só para fomentar a sua autoestima, mas também para que ele se aperceba das vivências positivas do dia a dia e se torne uma pessoa otimista, e assim, que possa ter uma maior motivação sobre o seu futuro. Esta maior motivação em relação futuro, automaticamente se refletirá na motivação do aluno para aprender coisas novas e de querer obter o seu sucesso escolar.

A segunda atividade é referida como “Agradecimentos”, ao qual os professores colocam na sala de aula uma caixa onde o aluno, de uma forma confidencial, coloca um agradecimento por escrito a determinado colega. Esta estratégia baseada na escrita serve não só para o aluno aprender expressar emoções de gratidão e felicidade com os restantes, mas também para proporcionar um bom relacionamento entre todos os elementos de uma determinada turma, pois quanto mais os alunos se unem entre eles, melhor será o processo de aprendizagem pois não haverá entraves nas suas participações orais, nem vergonha em esclarecer as suas dúvidas.

Outra ferramenta que está ligado ao uso da escrita são as “(auto)mensagens”. Segundo o autor, este exercício “trata-se de mentalizarmos e orientarmos os nossos objetivos através dos nossos pensamentos” (Pérez, 2016, p. 39). Esta estratégia, como as anteriores, serve para que o aluno possa desenvolver a sua autoestima, mas enquanto as estratégias anteriores puxavam pelas atitudes, esta passa meramente pelos pensamentos. Para o autor, para o aluno se sentir motivado e ter mais probabilidades de obter o sucesso escolar, deve consciencializar que o primeiro passo é compreender e dominar os nossos pensamentos. Para que um aluno possa ultrapassar determinado obstáculo, tudo começa nos seus pensamentos, portanto a estratégia passa por fazer com que os alunos realcem

os seus pensamentos positivos e se mentalize que os seus objetivos começam sempre na sua capacidade de ter boas expectativas em relação a si mesmo.

Temos ainda a utilização de um diário como uma estratégia relacionada com o uso da escrita. Com a utilização do mesmo, um aluno pode escrever sobre os seus acontecimentos diários, e os sentimentos que estes o proporcionaram. Ao expressar os acontecimentos, o aluno automaticamente refletirá sobre que tipo de emoções e sentimentos é que esses acontecimentos despertaram, e assim, este irá perceber realmente que situações é que despertam emoções positivas, e como remediar as situações que despertam emoções negativas. Um dos exemplos expressos no livro passa por uma aluna que desceu as suas notas. O autor refere que a aluna deve usar o diário para escrever “os motivos pelos quais julgava que o seu rendimento escolar tinha baixado; qual tinha sido a reação dos pais à descida das notas; que prémios ou recompensas deixou de obter (...)” (Pérez, 2016, p. 42).

Ao perceber como ela se havia sentido quando baixou a sua nota e qual foi a reação dos seus pais, esta sozinha foi capaz de compreender que teria de mudar as suas atitudes para que pudesse alcançar novamente uma boa classificação. Com a aplicação desta estratégia, o autor verificou que “a aluna estava a aumentar progressivamente a sua motivação (...) e começou ela própria a procurar soluções para poder melhorar o seu processo de ensino-aprendizagem” (Pérez, 2016, pp. 42-43)

Todas estas estratégias e ferramentas demonstradas pelo autor nesta obra, ajuda para que os alunos possam estabelecer uma visão de si próprios, tanto no presente, como no futuro. Quanto mais um aluno se conhecer, mais facilmente poderá planificar os seus caminhos para obter determinados objetivos no futuro, futuro este que o autor refere que é “(...) muito importante porque condiciona, determina ou influencia de alguma forma o nosso presente ou realidade atual” (Pérez, 2016, p. 45)

Quando os alunos se conseguem visualizar no futuro, mais motivados e aplicados estarão no presente. Para além conceberem uma visão do seu futuro, também é importante

os alunos planejarem os seus caminhos, de forma a se prepararem para os obstáculos e entraves que eventualmente poderão aparecer, e assim, não desistir dos seus sonhos e objetivos.

Posto isto, o papel de um professor é muito importante para que estas estratégias ocorram da melhor forma e que traga os resultados desejados. Como referi já anteriormente, o poder de influência que um professor tem sobre um aluno é autêntico, e um professor deve aproveitá-lo da melhor forma.

## **Capítulo 2. – Enquadramento Metodológico**

### **2.1. Contextualização do Núcleo de Estágio e da escola**

O ano letivo 2018/2019 será sempre um marco importante na minha vida. O estágio profissional, inserido na unidade curricular “Iniciação à Prática Profissional”, permitiu-me, pela primeira vez, ser um professor ativo num meio escolar. É no ano de estágio que esclarecemos qualquer tipo de dúvida, se a profissão “docente” nos “encaixa como uma luva” e se somos capazes de dignificar uma das profissões mais importantes do mundo.

É certo que esta etapa é composta por desafios exigentes e que nos obrigam a enfrentar uma nova realidade. Existe uma constante pressão sobre nós e sobre as aulas que preparamos ao longo do ano, não só pela avaliação a que estamos sujeitos, mas também por sermos responsáveis por transmitir saberes e valores a um grupo de adolescentes com o intuito de os fazer crescer não só a nível científico, mas também a nível pessoal.

Sendo a ansiedade e o nervosismo indiscutível nesta fase decisiva do nosso percurso académico, existiram sempre pessoas e situações que nos serviram como motivação para continuar. Falo dos colegas que conhecemos, dos funcionários com quem confraternizamos, da orientadora cooperante que nos guiou e dos alunos que às vezes, com um simples sorriso, nos davam a motivação necessária para continuar a ser melhor na tarefa de os ensinar.

Fui professor estagiário na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, e fui bem recebido por toda comunidade escolar, nomeadamente pela Orientadora Cooperante, Anabela Prata. A professora Anabela sempre me deu a confiança necessária para crescer, tanto a nível profissional, como a nível pessoal, sendo ela a responsável por ganhar a confiança que precisava para acreditar que eu um dia serei um bom professor. O núcleo de estágio era composto por mim e pelo colega João Gonçalves, e sempre trabalhamos com o propósito de sermos melhores professores no fim deste ano letivo.

Neste ano letivo de 2018/2019, a orientadora cooperante teve duas turmas de ensino secundário: um 11.º ano do curso de Economia (História B) e um 12.º ano de Línguas e Humanidades (História A e Ciência Política). A mesma foi diretora de turma do 11.º ano (cargo que já ocupava no ano letivo anterior quando a turma se encontrava no 10.º ano). Apesar de não ter sido atribuído à orientadora cooperante turmas do 3.º ciclo, houve colegas do grupo 400 que se ofereceram prontamente para nos acolher numa das suas turmas. Acabei por lecionar uma aula a um 7.º ano e outra a um 9.º ano. Esta experiência foi importante porque fez-me perceber que lecionar uma aula a uma turma do 3.º ciclo é bastante diferente de lecionar a alunos do Ensino Secundário. No Ensino Secundário temos de ter mais atenção ao programa curricular e ao vocabulário específico da disciplina de modo a preparar os alunos para o Exame Nacional, no 3.º ciclo existe espaço para aprofundar melhor os conteúdos de uma forma mais espontânea.

A Escola que me acolheu, começou as suas funções em 1976, como “Liceu Nacional de Espinho” e mudou o seu nome para “Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira”, em 1978. Foi sempre uma escola de renome não só no Concelho de Espinho, mas também em algumas localidades na periferia, tais como Granja, Aguda, Esmoriz, Cortegaça, entre outras. Define-se, segundo o seu Projeto Educativo (2017-2021), como uma escola que promove a “inovação e a excelência” num ambiente escolar influenciado por “constantes e inusitadas mutações (sociais, económicas, políticas e tecnológicas)” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, 2017, p. 3) e onde o respeito pela individualidade do aluno é “um princípio basilar da escola pública, e do nosso agrupamento.” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, 2017, p. 3)

**Imagens 5 e 6** – Logótipo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira e a entrada da Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira.



O Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira foi constituído no final do ano letivo 2012/2013 com o intuito de “melhorar os resultados escolares e de promover o sucesso educativo dos seus alunos” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, 2017). É atualmente constituída por quatro escolas do 1.º Ciclo (EB1 Espinho 3; CE Anta; JI Guetim; EB1 Aldeia Nova – Guetim) e uma do 2.º e 3.º ciclos (Escola Sá Couto – Anta). Nota-se que este agrupamento foi pensado ao pormenor devido à “proximidade das diferentes escolas do Agrupamento à escola sede” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, 2017, p. 6). Isto leva a que os alunos estejam sempre próximos da sua área residencial, e, assim, as deslocações para a escola não são um problema para os estudantes. Este fator leva a um ponto forte do Agrupamento que está referido no seu Projeto Educativo, que é a “baixa percentagem de abandono escolar no Agrupamento.” (Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, 2017, p. 6)

Saliento este como o ponto forte mais importante desta escola, pois o concelho de Espinho “regista uma taxa de abandono escolar na ordem dos 4,1%” (Carta Educativa do Conselho de Espinho, 2007, p. 191). Esta taxa encontra-se ao nível de zonas com características mais rurais em que pouco se comparam com as características mais urbanas de Espinho, o que faz que seja um valor elevado, comparando com grandes cidades que se encontram nas periferias de Espinho: “o abandono escolar tanto na região do Grande Porto como na área de Entre Douro e Vouga se situa nos 2,6% (...)” (Carta Educativa do Conselho de Espinho, 2007, p. 191). Podemos concluir que o Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, sendo um agrupamento acessível a muitos estudantes pela proximidade entre as escolas e as facilidades de acesso, permite que o concelho de Espinho equilibre os seus números percentuais em relação ao abandono escolar.

Outro ponto importante a salientar é o grande número de atividades curriculares e que a Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira foi responsável em organizar ao longo deste ano letivo. Apesar de a escola não ter disponível o seu Plano Anual de atividades na sua plataforma online, notei que a escola procurou sempre inovar e incentivar os seus alunos ao organizar várias atividades na própria escola.

É de valorizar estas iniciativas, até porque a escola não possui muitos meios para organizar visitas de estudo. A falta de recursos financeiros nunca foi razão para desistirem de renovar a sua comunidade escolar com várias atividades escolares ao longo do ano. Confesso que não sei se a escola levou alguns dos seus alunos assistir a uma peça de teatro, mas sei que esta trouxe várias companhias à própria escola, tanto companhias que representavam em inglês como em português. Recordo-me uma em especial que era sobre o 25 de abril e os seus principais acontecimentos. Apesar de não ter tido oportunidade de assistir, percebi que foi uma atividade extramente rica porque os alunos não pararam de elogiar a peça.

Outra atividade de grande importância foi a vinda da feira do emprego à escola. Os docentes foram convidados a levar os seus alunos para que estes pudessem conhecer as diferentes faculdades e politécnicos que existem e os cursos que estas instituições de ensino superior têm para oferecer. Também estiveram presentes as Forças Armadas e a própria Academia de Polícia, sendo estas as áreas mais procuradas pelos nossos alunos do 11.º ano.

Estive presente em duas atividades que ocorreram na escola sede deste agrupamento. Juntamente com a Orientadora Cooperante Anabela Prata, o meu colega de estágio João Gonçalves e com outros três docentes de História, organizamos um evento intitulado “Estado Novo e Democracia: regimes políticos opostos” onde trouxemos o Museu do Aljube – Resistência e Liberdade à escola com o intuito de entrevistar uma ex-presa política que vive no Porto.

Em relação ao outro evento, não fiz parte da sua organização, mas sim do programa do mesmo ao conseguir que a Tuna da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (à qual pertença) viesse à escola abrir o certame cantar algumas músicas que marcaram o fim do regime.

**Imagem 7 e 8** – Participação nas atividades “Estado Novo e Democracia: regimes políticos opostos” e “Sunset Revolucionário”



Para concluir, um último ponto que considerei bastante relevante: apesar da escola abranger um grande número de alunos de realidades socioeconómicas diferentes, nunca notei diferenciações nas relações entre os jovens. Notei uma forte aliança entre os alunos daquela escola, sendo que os menos favorecidos em termos socioeconómicos eram constantemente apoiados e animados por outros alunos com realidades e posses completamente diferentes. Considero este fator muito importante para que o abandono escolar deixe de ser um problema para o concelho de Espinho pois, na minha opinião, não há nada que motive mais um aluno a andar na escola do que saber que encontra lá uma segunda família.

## **2.2. Metodologia utilizada**

No presente relatório, procuro responder às seguintes questões que considero pertinentes para o tema a tratar:

- 1** - Que características é que os alunos consideram importantes existir num professor?
- 2** - De que modo a afetividade demonstrada por um professor ajuda um aluno no seu crescimento pessoal e na aprendizagem?
- 3** - Quais são os tipos de aula que motivam e ajudam os alunos a adquirir os saberes necessários à disciplina?
- 4** - Para um aluno, quais são os limites para um professor “informal”?

Para responder a estas questões, a minha atenção centrou-se sempre nos alunos. Foi a partir das suas opiniões que quis esmiuçar estas questões da forma mais rigorosa e sincera possível.

É inegável que é importante um professor conhecer os seus alunos, portanto, numa primeira instância, procurei conhecê-los para perceber que tipo de atitudes poderiam conduzir a um melhor rendimento em aula e, em alguns casos, melhorar o seu comportamento dentro da sala de aula. Este conhecimento para além de ter sido feito enquanto lecionava as aulas, também foi realizado enquanto observava as aulas da Orientadora Cooperante e do meu colega de estágio através de anotações num pequeno caderno de algumas citações marcantes dos alunos, medos que iam mostrando, atitudes que foram exibindo e algumas características que os definiam, seja como turma, seja individualmente. Graças a estas anotações, consegui compreender melhor algumas atitudes que os alunos iam demonstrando, mas sobretudo agi perante essas situações menos agradáveis. Falarei sobre estes casos concretos e de como eu decidi agir no próximo capítulo do relatório.

No 2.º período, apliquei inquéritos por questionário (**Anexo 5**). Para a formulação do inquérito, procurei auxílio em outros relatórios de estágio cujo tema e questões de partida fossem semelhantes ao do meu relatório. Folheei os trabalhos de Filomena Guimarães (2014) e da Dina Fernandes (2017), sendo este último trabalho uma forte influência não só no meu inquérito, mas também nas questões de partida e na estrutura do próprio relatório de estágio. O trabalho da Dina Fernandes tem como título: “Conta-me histórias – o que pensam os alunos sobre o “bom professor”.

Apesar de tencionar compreender quais são os pontos mais importantes para um aluno para que possam formar uma boa relação professor-aluno, é certo que uma das temáticas que mais me interessa é saber o que é um “bom professor” para os alunos. Ao obter essa informação, poderei caracterizar que tipo de professor é que fomenta uma relação positiva com os seus alunos.

O meu inquérito foi aplicado na última semana de aulas do 2º período no dia 20 de março de 2019, às turmas do 11.º 5 e 12.º 7 (nomenclatura fictícia), no início das respetivas aulas. Responderam 37 alunos.

Antes de os alunos preencherem os inquéritos, expliquei cada uma das questões e o que pretendia com o mesmo. O inquérito era composto por quatro questões. A primeira questão pediu a identificação dos alunos quanto ao género, idade e ano que frequentavam.

Para a segunda questão, foi muito útil o quadro que a Dina aplicou na questão quatro do seu inquérito, onde pediu aos alunos para assinalar o nível de concordância em relação a 12 características expectáveis que um professor tem. Decidi fazer uma questão parecida, onde quis que os alunos indicassem o seu nível de concordância em relação a 15 características que podem influenciar a relação entre o aluno e o professor. Para isso, utilizei a escala de Likert (concordo totalmente, concordo, indiferente, discordo, discordo totalmente) onde os alunos tiveram de escolher uma dessas hipóteses para cada característica que apresentada no quadro.

De seguida, a terceira questão do meu inquérito pediu aos alunos que indicassem, por ordem de importância, as cinco características fundamentais para que haja uma boa relação professor-aluno, dentro das 15 características apresentadas. Enquanto na segunda questão se pedia para darem uma opinião sobre as características apresentadas, nesta solicitava-se que eles escolhessem as cinco mais importantes, no sentido de sintetizar o que é um “bom professor” e como ele pode fomentar uma boa relação professor-aluno com os alunos, de modo a eles melhorarem o seu rendimento escolar.

Por último, a quarta questão pedia para que os alunos referissem, através de um breve texto, um episódio de um(a) professor(a) que lhe tivesse ficado na memória e que tivesse contribuído para o seu sucesso escolar. Para esta questão fundamentei-me na segunda atividade que a Dina fez com os seus alunos que foi pedir aos alunos para relatarem uma boa e uma má experiências que os tivessem marcado com um(a) professor(a) (FERNANDES, 2017, pp. 131 - 132). Esta foi uma questão que os alunos tiveram alguma dificuldade em responder e que fez-me questionar se deveria ter feito como a Dina e ter

dado a possibilidade de o aluno poder escolher entre uma boa ou má experiência, ou dar a hipótese de até mesmo partilhar ambas experiências.

Para analisar a informação recolhida nesta quarta questão, foi necessário organizar os dados através de uma categorização dos dados recolhidos.

Tal como Manuela Esteves indica na sua obra “Análise de conteúdo”, “a categorização é a operação através da qual os dados (invocados ou suscitados) são classificados e reduzidos (...), de forma a reconfigurar o material ao serviço de determinados objetivos de investigação” (ESTEVES, 2006, p. 109).

Todo este processo foi algo demorado, pois tive algumas dificuldades em averiguar que informações seriam realmente pertinentes para o meu trabalho. Por este motivo, apesar de na categorização, devermos rejeitar todas as respostas que não se encaixam no pretendido, decidi considerar todas as respostas dadas na minha categorização pois houve algumas respostas que não foram as solicitadas, tais como as más experiências referidas pelos alunos. Mesmo apesar deste contratempo, segundo Manuela Esteves, o processo da categorização das respostas é sempre algo demorado, com vários avanços e recuos conforme as informações recolhidas: “(...) a categorização é passível de remodelações mais ou menos profundas à medida que os novos dados vão sendo considerados.” (ESTEVES, 2006, p. 110). No meu caso, foram criadas seis categorias diferentes, que serão reveladas no próximo capítulo deste relatório.

Depois de ter elaborado o inquérito e de ter começado a analisar alguns dos resultados, percebi que não tinha as informações suficientes para responder às minhas questões de partida. Apesar de ter sido enriquecedor para perceber que tipo de professor é que os alunos pretendem para fomentar uma relação positiva com o mesmo e que tipo de aulas é que os poderia incentivar a aprender, outras questões tais como de que modo a afetividade demonstrada por um professor os ajudava no seu crescimento e quais os limites para os alunos de um professor “informal”, não foram respondidas.

Esta situação obrigou-me a pensar em outras atividades que poderia fazer com os meus alunos de modo a obter mais dados para a investigação, e pensei em fazer entrevistas em grupo com a turma do 11.º 5 e um período de apoio ao exame nacional à turma do 12.º 7. O que pretendia com estas duas atividades era fazer com que os alunos abordassem as outras questões de partida que faltavam responder. A razão pela qual optei pelas entrevistas, e não pela outra estratégia que decidi implementar com a turma do 12.º 7, foi porque sabia que os alunos muito dificilmente iriam estar disponíveis para se encontrarem comigo já fora do calendário escolar, e, ainda por cima, para estudar. Era algo que não combinava com as personalidades dos alunos, portanto optei por uma estratégia mais direta e eficaz para obter os resultados que pretendia. Os alunos manifestaram bastante entusiasmo quando perguntei a sua disponibilidade para fazerem as entrevistas.

Em relação ao 12.º ano, pensei que todo o tempo útil para eles seria essencial para estudar, e, por isso mesmo, decidi criar uma espécie de estudo contínuo com eles já fora do calendário escolar, também em grupos. Pensei que ao criar uma estratégia onde eles pudessem trabalhar em conjunto e obter melhor rendimento no seu estudo (visto que eram alunos com bastantes dificuldades ao nível do aproveitamento escolar) poderia responder a algumas questões, nomeadamente se esta atividade seria benéfica para fomentar uma melhor relação professor-alunos e se essa relação caracterizada por uma disponibilidade constante e permanente, os iria ajudar a obter uma melhor classificação no seu exame.

Depois de discutir estas estratégias com a minha orientadora, esta chamou-me à atenção em relação à estratégia que queria implementar com a turma do 12.º ano pois poderia ser arriscada pelo facto de haver o risco de não alcançar os resultados que pretendia, em pouco menos de um mês. Ainda para mais, estaria a ser injusto com os professores que acompanharam os alunos desde o 10.º ano, pois eles sempre deram esse apoio ao Exame Nacional durante os anos que passaram, e não seria apenas pela minha atividade que os alunos iriam conseguir obter melhor nota no Exame Nacional.

Confesso que fui ingénuo e que não tinha pensado nestes dois argumentos apresentados pela minha orientadora do relatório de estágio e concordei totalmente com

essas observações. Chegamos à conclusão que se eu quisesse na mesma fazer esta atividade com os alunos do 12.º estaria à vontade, mas que seria muito mais benéfico se aplicasse as entrevistas que iria também aplicar à turma do 11.º ano, e também em grupos.

Foi aí que surgiu o conceito “*focus groups*” e que logo procurei artigos e bibliografia que me fizesse perceber em que consistia este método e como poderia contribuir para a minha investigação social. Depois de o fazer, percebi que fazia todo o sentido em adaptar essa estratégia às duas turmas.

O conceito “*focus groups*” foi algo implementado por sociólogos e psicólogos em meados do século XX, mas que só a partir de 1980 é que começou a ser aplicado em investigações sociais (WILKINSON, 2014, p. 181). O que distingue os “*focus groups*” das entrevistas é que esta metodologia permite haver uma troca de ideias entre os participantes e o moderador, tal como é referido no artigo de Sue Wilkinson:

“ (...) *focus groups* involve the interaction of group participants with each other as well as with the moderator, and it is the collection of this kind of interactive data which distinguishes the focus groups the one-to-one interview” (WILKINSON, 2014, p. 182)

Penso que esta técnica é fundamentalmente para grupos onde possa haver algum constrangimento em responder às questões lançadas ou discutir assuntos de teor mais pessoal, pois fomentará o à-vontade de um aluno mais introvertido de fazer parte da conversa e fazer com que o seu ponto de vista seja reconhecido e partilhado perante os presentes. Não obstante este grande ponto a favor, é também uma técnica que nos permite limar alguns resultados já adquiridos com outro método de investigação de uma forma criativa e distinta, e perceber novas perspetivas que nos possam ter escapado através de outros métodos de investigação já utilizados. Este ponto é referido num artigo escrito por Carla Galego e Alberto A. Gomes, “Emancipação, ruptura e inovação: o “*focus groups*” como instrumento de investigação”:

“Podemos também fazer esta aplicação [*focus groups*] para nos ajudar a clarificar resultados invulgares, assim como para verificar conjeturas. (...)

O *focus groups* pode ser usado para discutir com mais profundidade informações quantitativas, assim como clarificar esses mesmos resultados. (...) [é] também uma garantia de inovação e criatividade num esforço de responder às múltiplas problemáticas que este tem de enfrentar.” (GALEGO & GOMES, 2005, p. 178)

Apesar de todas as potencialidades do “*focus groups*”, tal como todos os outros métodos de investigação, também tem os seus defeitos e os seus riscos. Se, por um lado esta metodologia nos permite discutir vários assuntos de uma forma mais natural e descontraída, por outro, essa espontaneidade pode levar a que os participantes e até o próprio moderador se dispersem do assunto central da questão. Outro defeito pode ser a influência que determinada opinião de um participante pode ter nos restantes intervenientes, levando a que um grupo heterogéneo se torne homogéneo sem muito esforço. Carla Galego e Alberto Gomes também nos alertam para essa situação dizendo que “o próprio grupo pode influenciar a natureza dos dados produzidos” (GALEGO & GOMES, 2005, p. 184).

Para evitar estes riscos, é importante conhecer as pessoas que vão fazer parte deste estudo de caso para que possamos fazer os grupos mais heterogéneos possível. Segundo Carla Galego e Alberto Gomes, deve-se ter em consideração “o perfil dos participantes, o tamanho de cada grupo, o número de grupos a serem trabalhados e o nível de intervenção do moderador.” (GALEGO & GOMES, 2005, p. 180). Outro ponto muito importante é manter sempre o anonimato e confidencialidade dos participantes de modo a garantir segurança e comodidade em participar no “*focus groups*” de uma forma voluntária e sincera.

Tentando seguir estes critérios de uma forma rigorosa, passei para a formação dos grupos em cada uma das turmas. Em relação ao 11.º 5, os critérios de seleção do grupo foi tentar dispersar os amigos uns dos outros, de modo a evitar as influências nas respostas, mas também não quis formar grupos sem critério neste nível, porque poderia haver o risco de os participantes não se sentirem à-vontade de expressar as suas opiniões ao lado de uma pessoa com quem não têm muita ligação. Portanto, tomei em atenção o

aproveitamento escolar de cada um, fazendo três grupos distintos com os 12 dos 18 alunos que participaram nesta atividade.

O Grupo A foi constituído por quatro alunos com um bom aproveitamento escolar. Para além disso, era um grupo que eu sabia que iria sentir-se à vontade em se exprimir, pois os alunos tinham uma boa ligação entre eles e tinham características individuais dispersas, havendo dois alunos mais extrovertidos e outros dois mais pacatos. O Grupo B foi constituído também por quatro alunos, mas que tinham um aproveitamento escolar menos bom. Em termos individuais eram bastante diferentes entre eles, mas tinham uma excelente relação uns com os outros. Por fim, o Grupo C foi constituído por quatro alunos com um aproveitamento escolar mediano, havendo também uma boa relação entre eles.

Havia participantes do Grupo B que eram bastante semelhantes no aproveitamento escolar com alguns participantes do Grupo C, mas por serem demasiado chegados e com receio que pudessem influenciar as opiniões uns dos outros, optei por distribuí-los desta forma.

Em relação ao 12.º ano, constituí quatro grupos com 18 dos 19 alunos que participaram nesta atividade. Confesso que me deu mais trabalho a formação dos grupos no 12.º 7. Eram alunos mais calados e que demonstraram ao longo do ano algum medo de se expressarem e de falarem. Por isso, sem dúvida que um dos pontos que tive em atenção para a formação dos grupos foi a fortes amizades que tinham entre eles, confiando que assim iriam se sentir mais à-vontade para se exprimirem.

Assim, formei o Grupo D que era constituído por quatro alunos que tinham uma relação muito forte entre eles; o Grupo E era constituído apenas por três alunos, mas um dos participantes era bastante participativo e conseguia chamar os outros dois mais pacatos para darem o seu contributo; o Grupo F foi também constituído por quatro elementos que demonstravam uma forte amizade entre eles e o Grupo G, que foi o único grupo que foi constituído por cinco elementos.

A razão para ter constituído o Grupo G com mais um elemento que os restantes e com mais dois elementos do que o Grupo E foi porque nenhum dos participantes do Grupo G se iria sentir à-vontade em contribuir no “*focus groups*” pelo facto de não ter uma relação saudável com os membros do grupo E.

Penso que a constituição dos grupos foi a acertada. Todos os “*focus groups*” que correram como previsto e não houve demasiada dispersão, nem muitas opiniões manipuladas. Os resultados foram satisfatórios e veio contribuir de uma forma muito positiva para a minha investigação, nomeadamente nas questões de partida que acordam a importância da afetividade numa relação professor-aluno e os limites para um professor “informal”. No próximo capítulo iremos abordá-los de uma forma mais detalhada, e também explicarei o que é para mim um professor informal.

Para concluir, é importante salientar que para organizar os “*focus group*”, teriam de ser os grupos a definir onde e quando é que queriam realizar a atividade, de modo a escolherem um espaço onde estariam mais à-vontade para discutir os assuntos que pretendia, de uma forma totalmente livre, conforme as suas disponibilidades. Posto isto, os grupos da turma do 11.º 5 decidiram marcar os “*focus groups*” todos no mesmo dia, na Biblioteca Municipal de Espinho, no dia 12 de junho de 2019 com início às 14h. Os grupos da turma do 12.º 7 escolheram sítios e datas diferentes para realizar a atividade. O “*focus groups*” do Grupo D foi realizado na escola no dia 13 de junho de 2019; do Grupo E foi realizado no dia 10 de junho de 2019 numa esplanada de um café; do Grupo F foi realizado no dia 11 de junho da Biblioteca Municipal de Espinho e do Grupo G foi realizado também no dia 13 de junho, logo depois do “*focus groups*” realizado com o grupo D, numa esplanada de um café.

Todos os encarregados de educação e respetivos diretores de turma foram avisados sobre o que pretendia fazer com os alunos. Os encarregados de educação foram auscultados através de um comunicado em papel, solicitando a devida autorização para os seus educandos fazerem parte desta investigação (**Anexo 9**), seguindo estes moldes. Todos eles autorizaram.

### **2.3. Caracterização da amostra**

Depois de ter lineado que instrumentos de recolha de dados iria usar para a minha investigação, falaremos agora sobre as características individuais de cada turma que fez parte da mesma de uma forma generalizada e formal, mas também de uma forma mais pessoal.

De um modo geral, 52% da amostra eram do género masculino e 48 % eram do género feminino; 52% frequentavam o 12.º ano de escolaridade e 48% frequentavam o 11.º ano de escolaridade. Estes dados fazem com que toda a investigação mantenha características heterogéneas, tanto ao nível do género como na representação dos alunos de cada turma.

#### **(Anexo 1)**

A turma do 11.º 5 era constituída por 18 alunos, 12 elementos do sexo masculino e 6 do sexo feminino. As idades desta turma variavam entre os 16 e os 17 anos: 12 alunos tinham 16 anos e 6 alunos tinham 17 anos, uns porque reprovaram um ano durante o seu percurso escolar e outros porque mudaram de curso no 10.º ano. **(Anexo 2)**

Quanto à turma 12.º7, era constituída por 19 pessoas, 7 do sexo masculino e 12 do sexo feminino. As idades variavam entre os 17 e os 19 anos: 12 alunos com 17 anos, 5 alunos com 18 anos e 2 alunos com 19 anos. **(Anexo 3)**

Passemos agora para uma caracterização mais pormenorizada das duas turmas, de modo a apontar alguns aspetos positivos e negativos de cada uma delas.

A turma do 11.º 5 era uma turma do curso de Economia e a nossa Orientadora Cooperante era a Diretora de turma já desde o 10.º ano. A sua reputação, tanto a nível de aproveitamento, como a nível das suas atitudes e valores, não era a melhor na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira. A turma veio para este ano letivo 2018/2019 desfalcada de 10 (!) colegas, porque muitos deles reprovaram, ou mudaram de escola.

Bastaram as primeiras aulas para perceber que a turma primava pelo barulho e pelo gosto de se fazer ouvir à força: não participavam devidamente, atropelavam-se uns aos outros, e, muitas das vezes tinham brincadeiras escusadas e que não eram de todo

para terem numa sala de aula. Mas apesar desta rebeldia e do constante ruído, eram alunos bastantes curiosos em relação áquilo que aprendiam e questionavam sempre tudo para perceber de que modo é que a história influenciava a sociedade, a economia e a política dos dias de hoje.

É certo que participavam fora de tempo, mas sempre que o faziam participavam com vontade, de forma espontânea, sem maldade quando se atropelavam uns aos outros, mas com alguma falta de controlo em querer partilhar o seu conhecimento. Por essa mesma razão, não considero que tenha sido uma turma desestabilizadora. Apesar da minha ingenuidade e da pouca experiência que tenho como docente, percebi que prefiro ter à minha frente uma turma genuína e com a sua própria identidade (mesmo que seja uma identidade irreverente) do que uma turma que não questiona o que está a ser aprendido, e que não demonstra o mínimo de interesse sobre a matéria.

Concluído, no meio das tempestades que iam causando, no fim considero uma turma amiga, com bons valores e onde os alunos são pequenos diamantes em bruto. Não esquecerei a atitude que 12 dos 18 alunos desta turma tiveram ao comparecer, já num período em que se encontravam de férias, na Biblioteca Municipal de Espinho para realizar os “*focus groups*” comigo, pois não eram obrigados a comparecer.

A turma 12.º 7 era uma turma pacata e que adotou sempre uma postura mais defensiva na hora de intervir. Tanto os estagiários como a Orientadora Cooperante não conhecíamos a turma. O único conhecimento prévio que a professora tinha era que muitos dos alunos tinham médias baixas para prosseguir os seus estudos na universidade e que muitos deles ainda não tinham uma pequena noção de que curso é que queriam seguir ou mesmo se queriam ir para a faculdade.

Não vou esquecer a expressão que eles fizeram quando nos viram pela primeira vez. A postura defensiva que eles involuntariamente adotaram fez-me questionar o porquê de eles escolherem essa postura impulsionada pelo medo. Medo foi de facto a palavra-chave do 12.º 7. Notava-se o seu medo de falar, de se expressar e de arriscar. Tentamos, durante todo o ano, que a turma se expressasse conforme conseguisse, passando sempre

a mensagem que é devido ao erro que as pessoas aprendem e que ganham a confiança necessária para enfrentar as adversidades.

Mas se a falta de participação era de facto algo em que pecavam, a sua postura ao longo das aulas era algo que os glorifica. Não houve um aluno que tenha sido mal-educado e que não olhasse para mim sempre com um sorriso no rosto. Eles tiveram sempre o poder de acalmar um professor estagiário ansioso e sempre foram humildes em aceitar os erros não só dos seus professores, mas também dos seus colegas. O grande problema foi mesmo não aceitarem os erros individuais. É verdade que falta os dedos no ar, mas nunca sorrisos na cara.

Tal como no 11º 5, estes também realizaram comigo os “*focus groups*” já fora do calendário escolar e participaram 16 dos 19 alunos numa atividade que sabiam que era importante para mim que participassem e não eram obrigados a fazê-lo.

Tive sorte no meu ano de estágio ter sido recebido por este jardim de flores, que desabrocham a cada dia que passa.

## Capítulo 3. – Análise dos Resultados

### 3.1 – Observação direta: episódios marcantes ao longo do ano

Tal como referido no capítulo anterior, uma das metodologias que elegi e que decidi partilhar no meu relatório de estágio foi tirar pequenas anotações de alguns comportamentos, atitudes e citações que os alunos iam partilhando na sala de aula. A maioria destas anotações foram feitas ao longo do 1.º período com o intuito de conhecer melhor os alunos.

À medida que ia tirando apontamentos fui reparando em alguns problemas que o 11.º 5 e o 12.º 7 exibiam ao longo das aulas. Como mencionei, a turma do 11.º 5 era uma turma irrequieta que evidenciava alguns problemas de comportamento. A turma do 12.º 7, sendo uma turma mais pacata e que demonstrava algum receio na hora de participar, originava que aulas fossem mais expositivas, contribuindo para que os alunos fossem simplesmente figurantes num ambiente onde seria suposto serem os principais intervenientes.

Tendo isto em consideração procurei tentar compreender o motivo dos alunos do 11.º 5 demonstrarem essa inquietação durante as aulas e, de uma forma totalmente oposta, o porquê dos alunos do 12.º 7 demonstrarem medo na hora de intervir, fazendo com que o dinamismo da própria aula fosse difícil de ser alcançado. Confesso que este contraste entre as duas turmas foi algo que me despertou bastante interesse e sempre que assistia a um episódio em concreto tentei agir de acordo com aquilo que acredito ser a melhor postura que um professor pode ter.

Realço que o objetivo de agir perante alguns episódios não foi por não acreditar nos outros professores ou por querer ser o solucionador dos problemas. Todos os alunos tiveram ótimos professores, que souberam identificar as qualidades e os problemas de cada turma, tanto como um todo, como a nível individual. Aliás, todos eles adaptaram as

suas estratégias de uma forma muito mais experiente, racionalizada e profissional do que eu.

Confesso que quase todas as estratégias que implementei foram todas momentâneas conforme os acontecimentos iam decorrendo sem nunca ter sido algo muito pensado. Os únicos objetivos que tive ao reagir perante estes casos foram simplesmente para me envolver mais com os alunos e perceber até que ponto uma relação afetuosa com os mesmos poderia contribuir para um melhor rendimento escolar.

Apresentarei agora alguns casos de alunos que ao longo do ano me chamaram a atenção, quer por um episódio específico, quer pela sua postura ou até mesmo por algumas citações que foram proferidas numa aula em concreto. Todos os casos são totalmente verídicos e as anotações dos mesmos estão presentes no **Anexo 4**. Também me parece pertinente referir que todos os nomes dos alunos são fictícios de modo a garantir o seu anonimato.

### **3.1.1 – O caso “Sara”**

Como já referi anteriormente, a turma do 12.º ano era uma turma pacata que raramente participava e que mostrava um enorme medo de falar. A Sara foi sempre uma aluna que se destacou pelo oposto. A aluna em quase todas as aulas era a única que levantava o dedo para intervir durante a aula, tanto para expressar alguma opinião pessoal sobre a matéria que estávamos a tratar, como para responder a uma questão lançada pelo professor.

A turma do 12.º ano era uma turma pacata, os alunos raramente participavam e mostravam um enorme receio de falar. A Sara foi sempre uma aluna que se destacou pelo oposto. Em quase todas as aulas era a única que levantava o dedo para intervir, tanto para expressar alguma opinião sobre a matéria que estávamos a tratar, como para responder a uma questão colocada pelo professor.

Numa das aulas lecionadas pela professora Anabela, a mesma direccionou uma questão à turma e mais uma vez a Sara levantou a mão e respondeu corretamente à questão. Mas esta participação da Sara foi diferente de todas as outras, porque mal a Sara respondeu, a professora Anabela com o objetivo que o resto da turma também participasse, direccionou-se para a turma e disse: *“Eu não acredito que a Sara fosse a única a saber esta resposta”*. Prontamente, a Sara responde *“O stôra eles sabem, mas a malta tem medo de falar”*.

Esta frase proferida pela Sara ficou-me na cabeça durante o resto da aula. Comecei a recordar os meus tempos enquanto aluno, quando nós também tínhamos esse medo, que de nada foi produtivo para o nosso rendimento escolar nem para o nosso crescimento pessoal. No fim dessa mesma aula decidi ir ter com a Sara e perguntar porque é que ela achava que a turma tinha medo de participar sabendo qual a resposta correta às questões colocadas pelo docente. De imediato, a Sara respondeu,

*“Por várias razões stôr. Nós estamos habituados a que os professores fiquem chateados quando não nos lembramos das coisas ou se não respondermos à questão tal e qual como o stôr quer ouvir.”*

Esta resposta trouxe-me más recordações. Enquanto aluno algo que me incomodava bastante era quando respondia a alguma questão que o professor colocava, achando que estava a responder da melhor forma, tinha sempre à minha frente uma cara carrancuda, a mexer a sua cabeça da esquerda para a direita, enquanto proferia a mítica frase *“A sério que não sabes isto?”*.

Comecei a perceber a origem de alguns problemas que a turma do 12.º 7 demonstrava na hora de participar. Ao longo do seu percurso escolar cruzaram-se com alguns professores que não aceitavam que os alunos não soubessem o essencial, ou que se esquecessem de algo que tinham aprendido.

Foi devido a esta conversa com a Sara que, se quisesse que os alunos dos 12.º 7 participassem na minha aula, teria de aceitar qualquer tipo de resposta e fazê-los perceber

que o erro é o melhor método para aprender. Também comecei a pensar que tipo de professores é que me deixavam mais tranquilo na hora de participar, enquanto estudante do ensino secundário. Lembrei-me do meu professor de História. A sua postura calma, descontraída e sempre com bom humor ao longo das aulas fez com que eu e os meus colegas nunca tivéssemos medo de falar nem de participar. As nossas intervenções nem sempre eram as mais oportunas, nem sempre respondíamos aquilo que o professor questionava, mas sabíamos que estávamos à vontade para errar, porque aquele professor o permitia.

Baseando-me nesta postura, decidi começar as minhas aulas sempre com bom humor procurando o riso daqueles alunos adormecidos. Quando lecionei a aula sobre Surrealismo, um dos assuntos que despertou o riso dos alunos foi quando disse que Salvador Dali dormia agarrado a uma tela todas as noites para que quando acordasse pudesse pintar logo um esboço sobre o que tinha sonhado. Assim, dificilmente se esqueceria. Este riso originou um à-vontade que desconhecia naquela turma e com esse à-vontade começaram a aparecer os dedos no ar assim que direcionava algumas questões à turma.

Não digo que esta estratégia que fui adaptando tenha sido a chave do sucesso para que os alunos perdessem o medo de intervir, pois dependia sempre do assunto que estávamos a tratar e da própria disposição dos alunos nesse dia, mas, de facto, permiti-me concluir que perante uma turma apática, um professor deve manter uma relação de proximidade e de boa disposição com os seus alunos. O professor deverá ser o primeiro a apontar os seus erros e rir-se dos mesmos porque ao fazer isso está a mostrar aos alunos que eles não têm que ter medo em errar, já que o erro é um passo importante para alcançar a virtude.

### **3.1.2 – O caso “Bruna”**

A Bruna, ao contrário da Sara, era a aluna do 12.º 7 que participava menos. Quando eram direcionadas algumas questões à turma, tentava enrolar-se como um

verdadeiro bicho-de-conta. A mesma tinha obtido um resultado negativo (não muito baixo) na sua primeira ficha de avaliação sumativa.

Mas a Bruna tinha uma particularidade. Quando ela não se conseguia esconder e era solicitada a sua participação, as suas respostas eram quase sempre implacáveis demonstrando que estava por dentro das mais variadas matérias que iam sendo lecionadas ao longo da aula. Comecei a questionar-me sobre o motivo de ela querer disfarçar-se perante o resto da turma, sabendo responder ao que era solicitado e conhecendo os conteúdos, qual seria o motivo dela ter obtido um resultado negativo na primeira ficha de avaliação sumativa.

Uns dias antes da segunda ficha de avaliação sumativa, numa das aulas de revisões, decidi chamar a Bruna à parte com o objetivo de perceber se a aluna estava preparada para subir a sua classificação. Quando ela percebeu que o meu intuito era esse, logo se mostrou constrangida em responder as questões e referiu: *“ò stôr não me faça perguntas sobre a matéria porque eu não sei nada”*. Eu, de forma impulsiva e sem saber se realmente iria ser benéfico para a aluna, respondi o seguinte:

*“Eu não te vou questionar nada, vamos ter apenas uma conversa e vamos imaginar o seguinte cenário: sou um amigo teu, com a mesma idade, e estamos os dois numa esplanada de um café a aproveitar uma bela tarde de sol. Eu, curioso com uma notícia que vi sobre o Holocausto, viro-me para ti e digo «Bruna, tu que tens História deves saber mais que eu sobre este assunto. Os regimes totalitários eram assim tão maus? Como é que eles funcionavam?». O que me responderias?”*

A Bruna, ainda que algo reticente com a situação, começou lentamente a responder-me à questão. Mencionou-me quais foram os regimes totalitários que abordamos nas aulas (até à data), que havia sido o fascismo italiano, o Nazismo na Alemanha e o Estalinismo na URSS. Posto isto, referiu também que uma das razões destes regimes totalitários se terem erguido na Europa foi devido à destruição que a Primeira Guerra Mundial originou no velho continente, fazendo com que várias crises políticas e económico-sociais fossem surgindo em alguns territórios.

Com esta intervenção, e à medida que continuávamos com esta conversa, fui percebendo que a Bruna estava por dentro dos conteúdos e que o seu problema passava por ter a confiança necessária para exprimir o que sabia. Portanto, depois dela me ter falado um pouco das características de cada um destes regimes, optei por interrompê-la e expressar algo errado com o intuito de perceber se ela seria capaz de me contradizer. Estávamos a discutir sobre o Estalinismo e eu referi o seguinte:

*“Então os alemães tinham os campos de concentração e os soviéticos tinham os Kulaks, que eram campos de trabalho forçados para quem era opositor ao regime de Estaline”*

Prontamente, a Bruna corrigiu-me e disse que os campos de trabalho forçados eram os *Gulags*, e não os *kulaks*, dizendo que esses eram os pequenos proprietários que tinha beneficiando com a NEP. Com isto, acabei por referir:

*“Acabaste de corrigir um professor, queres mais confiança de que sabes a matéria?”*

Ela esboçou um sorriso e senti que de facto ela percebeu que sabia os conteúdos que estavam destinados a sair na segunda ficha de avaliação e senti-a mais confiante para a mesma. A Bruna acabou por alcançar a nota positiva, mas apesar de a ter mantido ao longo do ano letivo, nunca conseguiu obter uma nota acima dos 13 valores.

Este episódio contribuiu para que eu percebesse que um professor deve sempre centrar-se nas qualidades e defeitos dos seus alunos. Quando um aluno não tem confiança nele a motivação para conseguir os seus objetivos escolares e pessoais acaba por ser escassa. Um professor tem o poder de mudar a mentalidade do aluno, de fazer com que ele consiga ganhar confiança, às vezes só por elogiar um trabalho que um aluno que por trás das suas incertezas e dúvidas, conseguiu realizá-lo de uma forma exemplar.

### 3.1.3 – Os casos “Nuno” e “Miguel”

O Nuno e o Miguel eram ambos alunos do 11.º 7. Uma das razões para partilhar ambos os casos em simultâneo foi porque os acontecimentos foram semelhantes, ainda que em fases diferentes.

Como já narrado, o 11.º 7 era uma turma bastante irrequieta ao nível da sua participação e que gostava de fazer-se ouvir através do ruído constante, criando um distúrbio enorme na sala de aula. É certo que tanto o Nuno como o Miguel não eram os mais desestabilizadores e por isso mesmo é que estes dois casos me deixaram alerta.

Começar a aula nesta turma era sempre das tarefas mais difíceis que nós tínhamos. Quando os alunos davam o seu primeiro passo na sala de aula, junto com eles vinha toda aquela energia inconfundível e estrondosa. Numa das aulas lecionadas pela orientadora cooperante de modo a tentar evitar mais uma avalanche de ruído na sala de aula, a professora chamou a atenção para que os alunos fossem rápidos a sentar-se porque tinha de começar a aula. A turma baixou o seu volume e no meio daquele raro silêncio, ouviu-se uma gargalhada sonante, que foi do Nuno. De facto, a gargalhada do Nuno era sonante até quando o ruído estava instalado, então quando este a solta no meio do silêncio é inevitável que um professor repare ou que reaja.

Sendo assim, orientadora cooperante reagiu, proferindo apenas uma frase e até de uma forma bastante descontraída “*tinhas que ser tu Nuno...*”. Esta atitude por parte da orientadora cooperante parecia a mais acertada, mas não foi bem aceite pelo aluno. Este, de uma forma impulsiva e até mesmo um pouco agressiva, respondeu à professora: “*Sou sempre eu, já sei... quando são os outros está sempre tudo bem*”.

Como é natural, a orientadora cooperante não gostou do que ouviu e ficou sentida com a atitude inesperada do Nuno, respondendo “*os outros não reagiriam como tu, por exemplo*”.

A situação que envolveu o Miguel acabou por ser semelhante à do Nuno. Era um aluno com um aproveitamento escolar razoável e que quase sempre se mostrava interessado durante as aulas que íamos lecionando, mas, tal como metade da turma, tinha o hábito de se sentar de lado na sua cadeira para poder trocar impressões com o seu colega de trás. Novamente, numa aula lecionada pela minha orientadora cooperante, esta decide chamar a atenção especificamente ao Miguel para que este se sentasse virado para a frente, de uma forma também ela calma e respeitadora.

O Miguel não aceitou esta chamada de atenção e respondeu à professora: *“Porque também não chama os restantes à atenção? Eles também estão sentados de lado e a falar. Porque se virou para mim?”*

Em ambas as situações decidi intrometer-me no fim da aula, ao falar com cada um dos alunos e perceber o motivo deles terem agido de uma forma que não os caracterizava, de todo.

O Nuno mostrando-se arrependido da sua atuação, respondeu-me o seguinte:

*“Hoje dormi mal e estou um bocado mal-humorado. Eu sei que não devia ter reagido como reagi, mas saiu-me.”*

O Miguel, pelo contrário, não se mostrou arrependido do que fez e respondeu-me o seguinte:

*“Comigo está tudo bem stôr, mas estas injustiças deixam-me fúlo. Porque é que a professora se virou para mim se existe gente que se porta pior?”*

A minha resposta foi de acordo com uma das características fulcrais que os alunos identificaram no inquérito por questionário: tentei ser um professor justo e imparcial. Se os alunos acham importante a justiça, por vezes convém lembrá-los que ela tem que ser algo essencial num professor e no aluno.

Referi mais ou menos o seguinte aos dois alunos, em dias diferentes e individualmente:

*“Portanto, achas que a professora foi injusta perante esta situação? Vamos por partes. A professora, que já é a vossa diretora de turma desde o ano passado, sempre ouviu e calou quando um professor vosso ou professora vossa se veio queixar do vosso comportamento e da vossa postura em sala de aula. E eu só falo deste ano letivo, porque é aquele em que estou presente e que te posso dizer que isto acontece. Eu nem quero imaginar como era no ano passado quando eram quase 30 alunos e que os distúrbios eram maiores ainda. Já viste o que a professora deve ter aturado por vossa causa no ano passado e o que atura este ano? E qual é a sua postura cada vez que ela está com vocês? Ela mostra essa frustração? Mostra que está zangada convosco? É agressiva e indelicada convosco?”*

Apesar de o Nuno já se sentir arrependido antes de eu ir falar com ele, o Miguel, que ainda se mostrava reticente, ficou em silêncio e pensativo sobre tudo aquilo que disse. Por fim, ele acabou por admitir o seu erro ao dizer: *“pois tem razão stôr, mas saiu-me”*.

Por fim, propus (não obriguei) que os alunos fossem pedir desculpa à professora Anabela pelas suas atitudes, se achassem pertinente. O Nuno foi pedir desculpa logo após a nossa conversa. O Miguel foi na aula seguinte.

Esta minha partilha não foi para procurar glorificação pessoal, nem para mostrar que sou capaz de resolver situações de indisciplina. Apesar de nestes casos específicos ter funcionado, nas aulas que se seguiram a postura da turma não mudou e tudo continuou igual. O que procuro transmitir com esta partilha é que muitos dos alunos também são adolescentes impulsivos e, como tal, para que estes percebam os erros que cometem, um professor deve adotar uma postura compreensiva e, de uma forma racional, mostrar ao aluno o motivo da sua atitude estar errada. Se um professor responder à postura agressiva do aluno ainda com mais agressividade, as situações podem ficar resolvidas, mas o aluno nunca irá perceber que a atitude do mesmo foi errada

### 3.1.4 – O caso “Fernando”

O Fernando foi um aluno do 11.º 5 que começou o ano letivo da melhor forma. Apesar de ter sido um dos alunos referenciados no ano letivo anterior, a professora Anabela já tinha adiantado que ele era um aluno interessado e que demonstrava recetividade sempre que solicitado, respondia e participava de forma adequada e assertiva perante aquilo que a professora pedia.

Tudo isso começou a ser visível ao longo das aulas. O Fernando era um aluno que apesar de nem sempre participar ordenadamente, manifestava curiosidade e revelava estar atento às aulas ao responder corretamente a muitas questões direcionadas. Juntando a este fator positivo conseguiu alcançar 18 valores na sua primeira ficha de avaliação sumativa.

Apesar de todos estes fatores favoráveis à continua e constante motivação do Fernando, aconteceu absolutamente o oposto. Depois dessa excelente nota, o aluno começou a desligar-se mais das aulas, a deixar de participar e começou a contribuir para o ruído e a destabilização na sala de aula.

Nós e nossa orientadora cooperante começamos a ficar preocupados com a situação do Fernando. Ele vinha a desleixar-se bastante sem um motivo aparente, excetuando o facto de ter deixado de estudar para a disciplina de História B. O seu desleixo veio a confirmar-se quando o aluno na segunda ficha de avaliação sumativa baixou a sua nota de 18 valores para 14 valores, chegando a alcançar em uma das fichas seguintes os 12 valores.

Quando o Fernando recebeu a sua ficha com a nota de 12 valores, eu tomei a iniciativa de me dirigir ao aluno, abordando da seguinte forma:

*“Não percebo o porquê de teres deixado de estudar para história e de teres abdicado daquilo que andavas a construir no primeiro período. Se não te preocupas contigo mesmo, pensa pelo menos naqueles que ficaram felizes quando souberam que eras capaz de chegar aos 18 valores.”*

O meu intuito com esta intervenção foi tentar que o aluno voltasse a ficar motivado para a disciplina e convencido que com estas palavras o fizesse perceber que a nossa felicidade, por vezes, é também a felicidade dos outros, e que se por vezes não conseguimos encontrar motivação em nós, procuramos naqueles que nos querem bem.

O Fernando não expressou qualquer reação ao que disse no momento, mas numa das aulas seguintes pediu para falar comigo no final sobre a ficha de avaliação. Ele então referiu o seguinte:

*“Stôr, eu quis falar consigo para explicar o que tem acontecido para estar a baixar as minhas notas, não só a História, mas também nas outras disciplinas. Eu infelizmente comecei a envolver-me com más companhias e comecei a fumar não só tabaco, mas também uns cigarros de haxixe, de vez em quando. Isto fez com que me desvirtuasse um bocado daquilo que eu era.”*

Confesso que quando ele se direcionou a mim e me confidenciou os seus motivos eu não soube como reagir, durante uns segundos. Foi a primeira vez que um aluno desabafou comigo algo tão pessoal e não sabia que tipo de atitude deveria ter. O que me ocorreu dizer-lhe foi que “As drogas fazem mal”. Também não poderia mostrar-me chocado perante aquela situação, pois correria o risco do aluno se assustar com a minha reação e depois não querer continuar a desabafar comigo.

Foi então que, depois de ter pensado no que dizer, expressei o seguinte:

*“Estás numa idade em que é propício esse tipo de experiências ocorrer. Não adianta estar a dizer-te que essas experiências não são de todo benéficas para a tua saúde e bem-estar, porque tu já percebeste sozinho ao queres desabafar isso comigo. O que te posso dizer é que antes de querermos experimentar algo novo, temos de pensar naqueles que nos amam e que esperam o melhor de nós. Olha pensa por exemplo nos teus pais, e de como eles iriam ficar desiludidos ao saber que tu andas a fumar tabaco ou*

*haxixe. Por outro lado, pensa como eles ficaram quando conseguiste obter 18 valores numa ficha de avaliação, e quanto orgulho tiveram em ti.”*

O Fernando depois de ter escutado o que eu disse, ficou com um olhar cabisbaixo e demonstrou que cada sílaba tinha sido interiorizada da melhor forma. Posteriormente, respondeu-me algo emocionado, o seguinte:

*“Os meus pais não quiseram saber do 18 que tive. Eles não ligam muito às minhas notas nem querem saber muito do meu percurso da escola porque eles querem que eu vá trabalhar assim que acabe o 12.º ano. A única pessoa que ficou feliz foi a minha namorada.”*

Esta resposta do Fernando deixou-me ainda mais preocupado e sem saber novamente o que poderia responder ao aluno de modo a motivá-lo a obter um melhor rendimento escolar. Ele acabou por mencionar não só as suas experiências que contribuíram para baixar a sua nota, mas também alguns problemas familiares que desmotivavam bastante o aluno em questão. A isto só realcei a importância que teria para a namorada ele demonstrar-lhe as suas conquistas, e usar isso como motivação para que conseguisse novamente alcançar uma boa nota.

De facto, a minha conversa com ele, apesar de o ter marcado, não contribuiu para ele voltar a estudar ou a obter os resultados do início do ano. Ele continuou a destabilizar as aulas com os seus colegas, e não demonstrou que a nossa conversa o tivesse motivado a mudar.

Este aluno, por estas circunstâncias, foi um dos alunos que mais me marcou, não só pelos seus problemas, mas também por eu não ter conseguido que ele voltasse a sentir-se motivado nas aulas. Percebi que apesar de não ter conseguido mudar comportamentos, a postura que adotei foi a mais correta. O que aconteceria se chamasse a atenção do aluno, mal ele tivesse mencionado que andava a fumar? Será que ele iria continuar a conversa? Será que ele iria me contar sobre a situação da sua família não dar importância ao seu sucesso escolar?

Posto isto, penso que é importante um professor saber ouvir os seus alunos e tentar perceber os seus problemas. É muito importante para um aluno saber que pode contar com um professor não só para o ensinar, mas também que este seja capaz de o compreender e de o ajudar, caso este precise. Portanto, um professor empático é essencial para que um aluno possa alcançar o seu sucesso escolar e que se sinta motivado a alcançá-lo, ainda mais para o caso destes alunos não encontram essa motivação em mais lado nenhum.

### 3.2- Resultados do Inquérito por Questionário

Como já referi previamente, o inquérito por questionário foi a primeira ferramenta que utilizei para a minha investigação social. Este, para além da primeira parte ter sido destinada à identificação do aluno através do género e do ano de escolaridade, foi constituído por duas questões de resposta fechada e uma questão de resposta aberta.

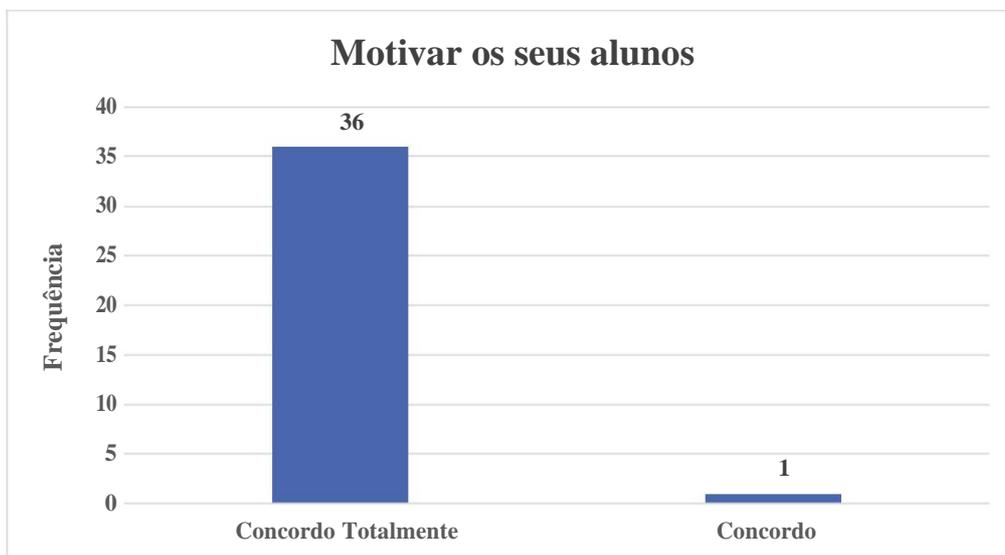
Analisaremos então as questões 2, 3 e 4 de uma forma bastante pormenorizada, sendo que a análise dos resultados gerais da questão 2 e 3 encontram-se nos Anexos, mais precisamente no **Anexo 6** e **Anexo 7**, respetivamente. Como referi ao bocado, a questão 1 foi meramente para os alunos se identificarem através do seu género, turma e idade.

**Tabela 1** – Questão 2 do inquérito por questionário: “Existem determinadas características que influenciam a relação entre aluno e professor. **Assinale com um X, de acordo com o seu nível de concordância, os seguintes fatores:**”

<b><i>É importante um professor:</i></b>	Concordo Totalmente	Concordo	Indiferente	Discordo	Discordo Totalmente
1- Motivar os seus alunos					
2- Promover a participação na(s) disciplina(s)					
3- Ser autoritário e exigente					

4- Ser justo e imparcial					
5- Respeitar os alunos					
6- Ter empatia com os alunos					
7- Ser competente na área científica					
8- Fomentar a autonomia do aluno					
9- Preocupar-se com a vida pessoal do aluno					
10- Ser informal e descontraído					
11- Adotar uma postura formal e rígida					
12- Estar atento às dificuldades dos alunos					
13- Tornar as aulas dinâmicas					
14- Ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos					
15- Ser um professor competente em vez de um professor simpático					

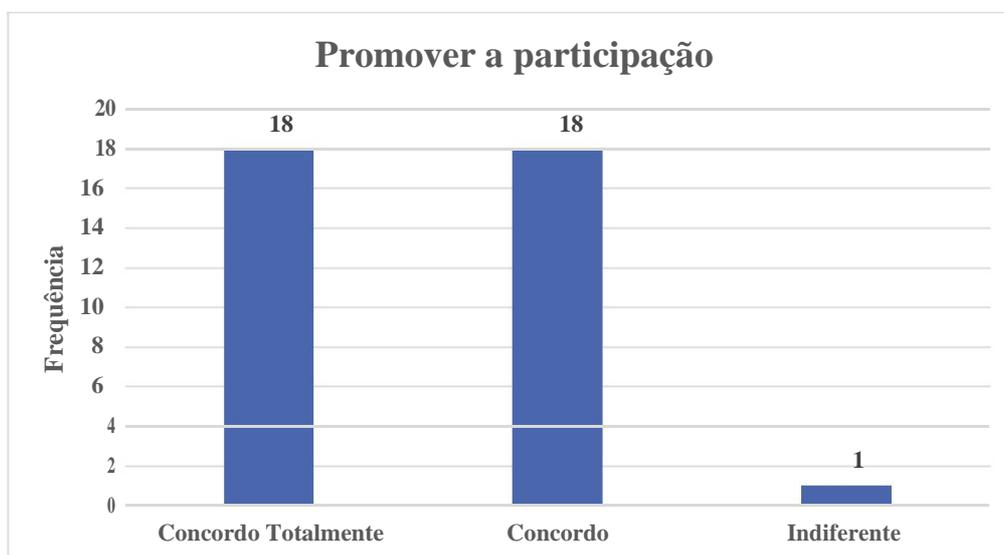
**Gráfico 1 – Característica 1: “Motivar os seus alunos”**



Como podemos observar, se há característica que os alunos consideram que influencia bastante a sua relação com o professor, é este saber motivá-los. Dos 37 alunos do 11.º e do 12.º ano que responderam ao questionário, 36 (97% do total) escolheram a opção “Concordo Totalmente” para esta característica. Apenas um (3% do total) escolheu a hipótese “Concordo”.

De facto, os alunos deixaram bem claro que é bastante importante um professor ser capaz de despertar o interesse pela disciplina. Esta motivação é provocada unicamente pelos recursos, que devem ser sempre variados e apelativos, mas também, pela postura em sala de aula. A postura de um professor é essencial, é importante não só gostar do professor, mas também respeitá-lo e sentirem que efetivamente podem aprender alguma coisa com aquele professor.

**Gráfico 2-** Característica 2: “Promover a participação na(s) disciplina(s)”

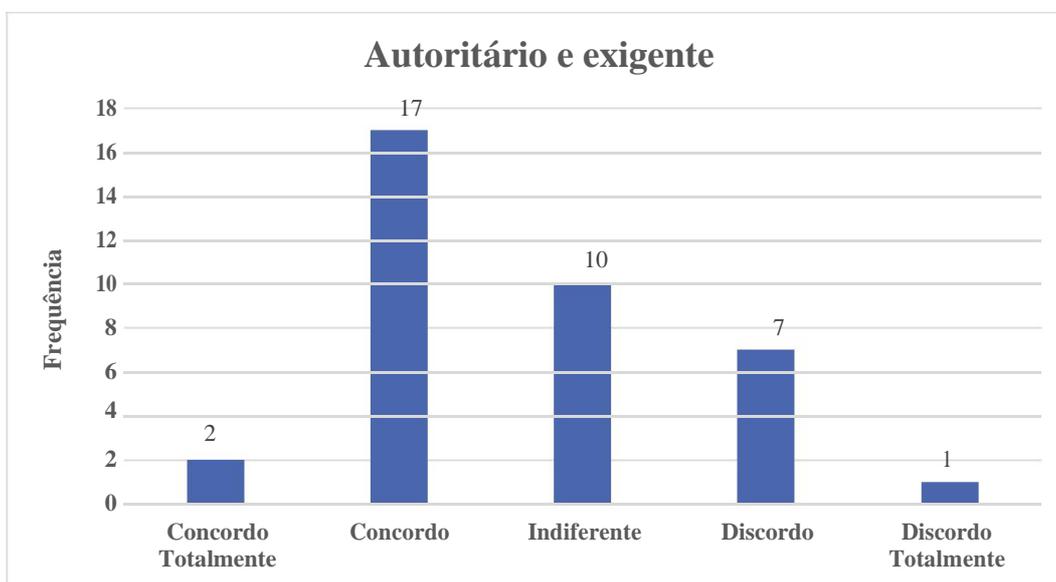


Os alunos consideram que um professor deve promover a sua participação e não esperar que seja o aluno a tomar a iniciativa. Houve 36 alunos dos 37 inquiridos que optaram entre as opções “Concordo Totalmente” e “Concordo” (97% do total). Apenas um aluno (3% do total) considerou indiferente um professor incentivar a participação dos seus alunos.

Eu concordo com a opinião dos alunos. É importante um professor incentivar a participação dos alunos nas suas aulas. Esta atitude evita uma aula monótona e centrada no professor e faz com que sejam os alunos os protagonistas da mesma.

Outro aspeto importante relacionado com esta característica, é que se for um professor a formular as questões e direcioná-las à turma, facilita a tarefa do aluno em perceber o que realmente é essencial conhecerem, o que permite o aluno organizar melhor os seus saberes.

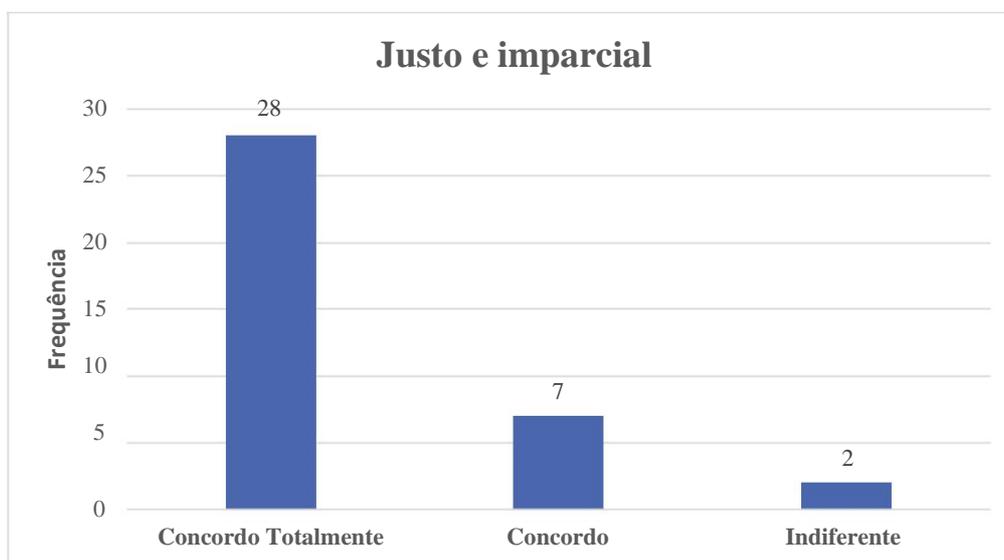
**Gráfico 3 – Característica 3: “Ser autoritário e exigente”**



Esta foi uma das características onde os alunos evidenciaram algumas dúvidas. Por um lado, 19 alunos (2 concordam totalmente e 17 concordam, fazendo 51% do total das respostas dadas) consideram que um professor autoritário e exigente é importante para fomentar uma boa relação entre o professor e o aluno. Por outro lado, temos 10 alunos (27% no total) que acham indiferente esta característica e 8 alunos (sete discordam e um discorda totalmente, perfazendo 22% do total das respostas dadas) que discordam da importância desta característica para fomentar uma boa relação entre um aluno e um professor.

É importante salientar que nesta característica em específico, expliquei convenientemente aos alunos que um “professor autoritário e exigente” não significa que seja um professor “ditador” e que use o autoritarismo para obter o respeito, mas sim um professor que estabelece regras com os seus alunos e certos limites que não podem ser ultrapassados. Em relação à exigência, expliquei que um professor exigente não o é só com os alunos, mas sim com ele mesmo. O professor é o primeiro a cumprir as regras estabelecidas, dando sempre o exemplo, reconhece os alunos que as cumprem e chama a atenção àqueles que não as cumprem.

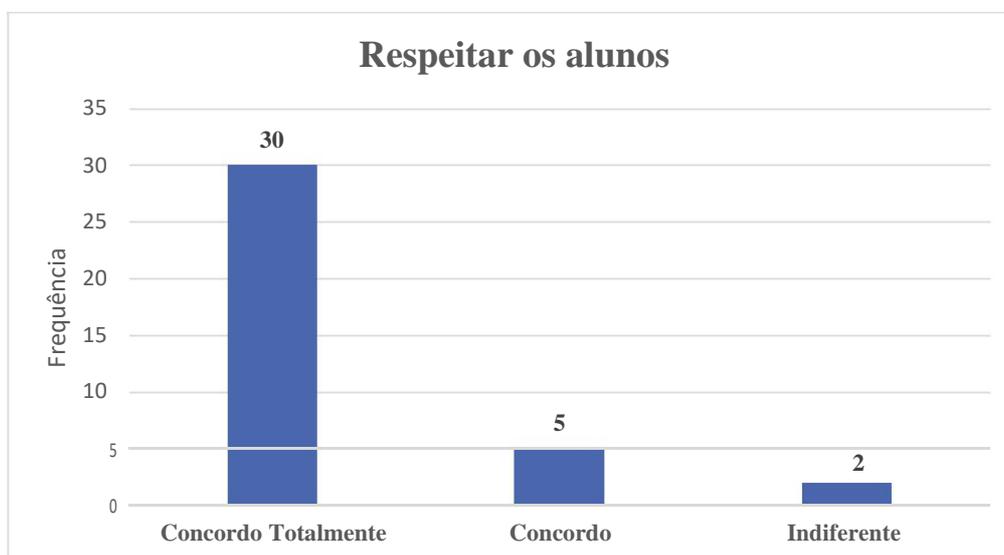
**Gráfico 4 – Característica 4: “Ser Justo e imparcial”**



Para os alunos outra característica essencial que um professor deve ter é ser justo e imparcial, tanto na maneira que trata os seus alunos (em grupo ou individualmente), como na atribuição das notas. Houve 35 alunos (95% do total) que concordam com o fato do professor ser justo e imparcial, sendo que 28 (76% do total) concordam totalmente e 7 (19% do total) concordam. Só apenas dois alunos (5% do total) consideram indiferente esta característica.

Tendo em conta estes resultados, esta é uma das características que os alunos consideram mais importante para manter uma boa relação com os seus professores. Se um aluno se sentir injustiçado, excluído e abandonado pelo professor, este não irá fomentar uma boa relação e, conseqüentemente, irá sentir-se desmotivado e desinteressado pela disciplina.

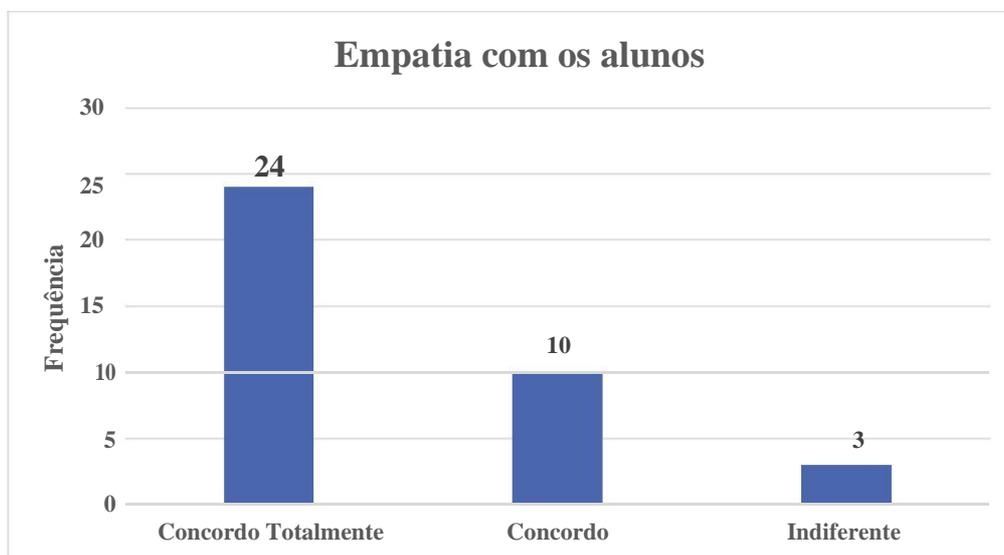
**Gráfico 5 – Característica 5: “Respeitar os seus alunos”**



Para um aluno é bastante importante que um professor respeite os seus aprendizes. Houve 35 dos 37 alunos que concordaram que esta é uma característica essencial para estimular uma boa relação entre o professor e o aluno. 30 concordam totalmente (81% do total) e 5 concordam (14% do total). Só 2 alunos (5% do total) é que consideram que é indiferente um professor respeitá-los ou não.

O respeito mútuo é a chave de qualquer relação empática e saudável entre duas pessoas ao longo de toda a vida, portanto a relação professor-aluno não é exceção à regra. Um professor deve respeitar um aluno que não se sinta à-vontade para participar nas aulas por ser demasiado introvertido e tímido, e encontrar outras soluções para que este possa dar o seu contributo ao longo do ano. Um professor deve perceber que um adolescente, sendo um jovem caracterizado pela sua irreverência e por praticar atos impulsivos, por vezes tome atitudes que nem sempre são as mais apropriadas numa sala de aula. Para além de as perceber, deve agir de uma forma calma, serena e justa perante estas disposições, fazendo perceber ao aluno que essas reações não são benéficas para eles servindo-se de bons argumentos, sem nunca mostrar uma postura agressiva, como eu referi no capítulo anterior, quando retratei os episódios do Nuno e do Miguel.

**Gráfico 6** – Característica 6: “Ter empatia com os alunos”

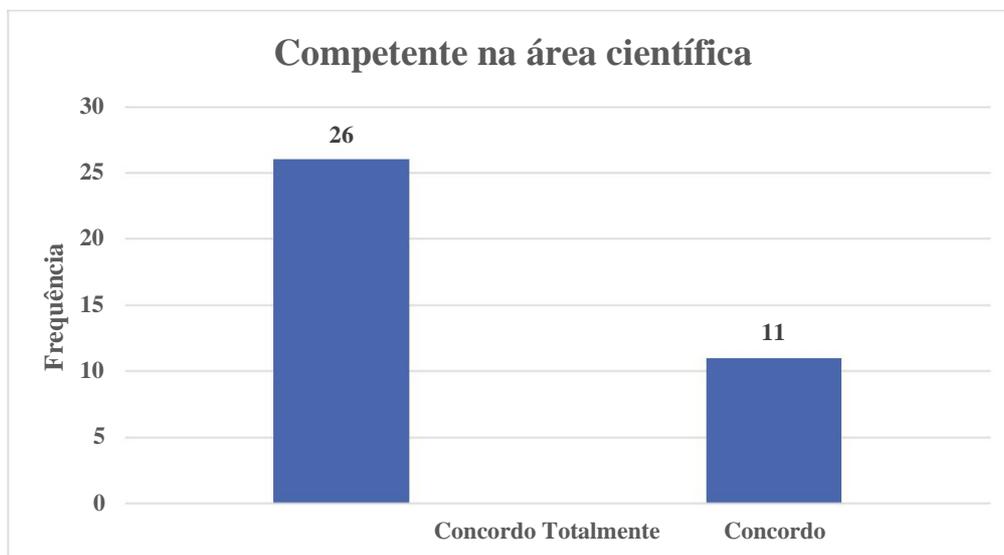


Esta é uma das características-chave para responder a uma das questões de partida do meu trabalho que é saber até que ponto um professor afetivo e empático poderá ajudar na relação professor-aluno e no sucesso escolar dos estudantes. Os primeiros resultados demonstrados neste gráfico, referem a importância que um aluno dá a um professor empático para se relacionar com o seu professor. 34 dos 37 alunos inquiridos concordam que seja uma característica importante, 24 (65% do total) concordam totalmente e 10 (27% do total) simplesmente concordam. 3 dos alunos (8% do total) consideram indiferente se um professor é empático ou não.

O afeto, a boa-disposição, a compreensão e o humor devem ser, na minha opinião, características essenciais num professor. O bom de ainda ser jovem é que ainda me lembro muito bem dos meus tempos de estudante do ensino secundário e lembro-me também o quanto eu e todos os meus colegas detestávamos as aulas dadas por um professor que não procurava estabelecer uma relação divertida e descontraída connosco.

Na minha opinião e na opinião dos alunos, para um adolescente é essencial sentir uma relação de empatia com o professor para que possa fomentar o interesse pela disciplina.

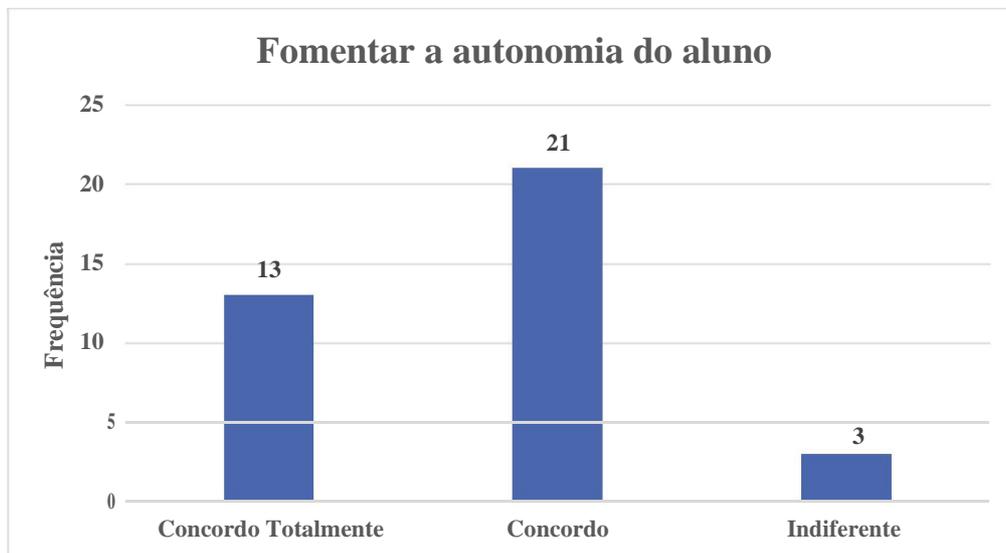
**Gráfico 7 - Característica 7: “Ser competente na área científica”**



Apesar da minha investigação social se centrar na importância da afetividade e nas relações interpessoais entre aluno e professor, não existe uma relação saudável sem confiança. E o que faz um aluno confiar na palavra de um professor é este ser competente na área científica e ser capaz de cumprir com as suas funções de transmissor de conhecimento.

Os 37 alunos concordam que esta é uma característica essencial para um professor conseguir uma boa relação com os seus alunos, 26 (70% do total) concordam totalmente e 11 (30% do total) simplesmente concordam.

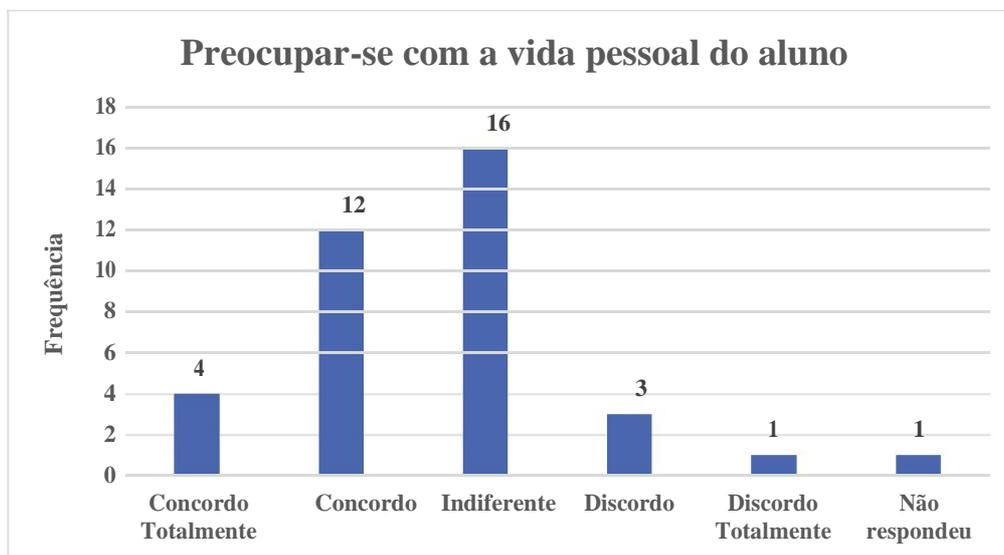
**Gráfico 8** – Característica 8: “Fomentar a autonomia do aluno”



Para os alunos é importante que um professor garanta dar-lhes autonomia suficiente para aprender. Ao fomentar a autonomia do aluno evita que estes pensem que o professor os considera inúteis e que não são capazes de obter o conhecimento sozinhos. Outro motivo é os alunos gostarem de aprender por eles e uns com os outros. Quando estivermos a esmiuçar os resultados dos “*focus groups*”, veremos a importância que os alunos dão aos trabalhos de grupo e aos debates em sala de aula e vamos entender como eles se sentem em obter o conhecimento através dos seus próprios métodos.

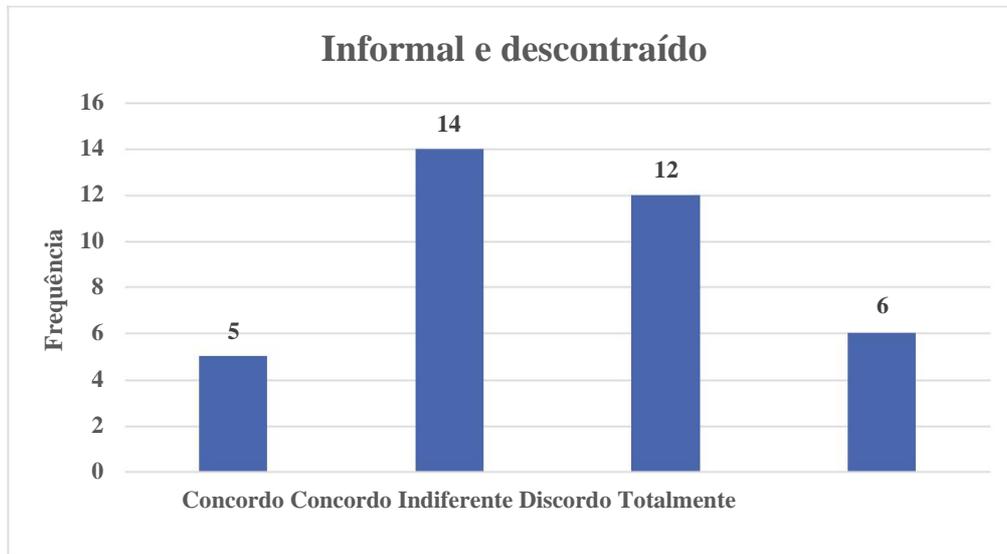
Talvez por estas duas razões é que 34 dos 37 alunos inquiridos (92% do total) concordam que seja uma característica importante. 13 (35% do total) concordam totalmente e 21 (57% do total) simplesmente concordam. 3 dos alunos (8% do total) consideram indiferente esta particularidade.

**Gráfico 9** – Característica 9: “Preocupar-se com a vida pessoal do aluno”



Uma das características que confesso estar curioso por conhecer os resultados, era se de facto os alunos acham importante um professor preocupar-se com a sua vida mais privada. Esperava que uma grande maioria dos alunos discordassem desta característica, mas na realidade 16 dos 37 alunos inquiridos (43% do total) concordam que seja uma característica importante para a relação entre o professor o aluno. 4 (11% do total) concordam totalmente e 12 (32% do total) simplesmente concordam. Apesar de 16 concordarem, outros 16 (outros 43% do total) consideram uma característica indiferente. Justifico esta indiferença pelo facto de vários alunos, ao longo do seu percurso académico, nunca terem dependido de um professor para desabafar ou esclarecer algum ponto mais pessoal da sua vida. Ainda temos 4 alunos que discordam (11% do total), e apenas 1 dos 4 alunos (3%) discorda totalmente. Presumo que estes 4 alunos consideram o professor importante apenas como um ser responsável por transmitir conhecimentos científicos da disciplina, tendo o apoio familiar e dos amigos para outros tipos de intervenções de carácter mais pessoal. Por fim, temos simplesmente um aluno que não respondeu a esta característica muito certamente por distração, visto que foi a única resposta não dada ao longo de todo o inquérito.

**Gráfico 10** – Característica 10: “Ser informal e descontraído”



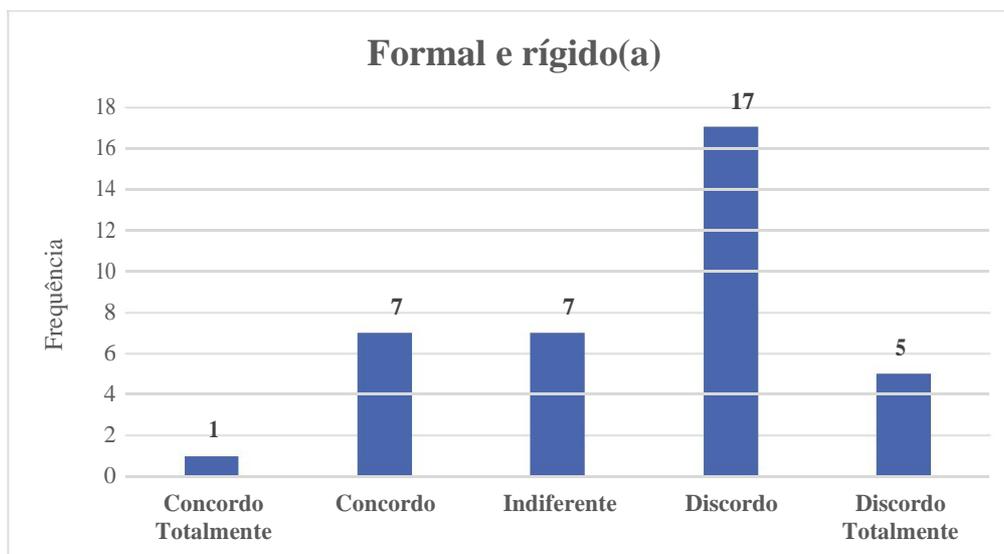
Outro dos pontos importantes para a minha investigação social é saber como deve ser a postura de um professor na relação professor-aluno. Por esse motivo, coloquei à disposição do aluno inquirido duas atitudes opostas pelas quais um professor se pode reger: um professor “informal e descontraído” e um professor “formal e rígido”.

Para mim, um professor informal é aquele que permite ao aluno aprender através de um ambiente baseado na cumplicidade, confiança e familiaridade, não só com o professor, mas também entre os seus colegas de turma. E para que um professor possa ser informal, é importante um professor ser fiel a si mesmo e não ter medo de ser o mais natural possível com os seus alunos.

Em relação aos resultados obtidos, 19 dos 37 alunos inquiridos (51% do total) concordam que a informalidade e descontração deve ser a postura que um professor deve adotar para que haja uma relação positiva com os seus alunos, 5 concordam totalmente (14% do total) e 14 (38% do total) simplesmente concordam. No entanto, também houve 12 alunos (32% do total) que consideram indiferente ser essa a postura a adotar por um professor, de modo a facilitar a sua relação com os alunos. Penso que esta indiferença foi mais por não concordarem nem discordarem, visto que muitos dos

alunos foram comentando comigo que um professor deve ser um intermédio entre o descontraído e o rígrado. Ainda houve espaço para 6 dos alunos (16% do total) discordarem que esta seja a postura correta a adotar.

**Gráfico 11** – Característica 11: “Adotar uma postura formal e rígrida”



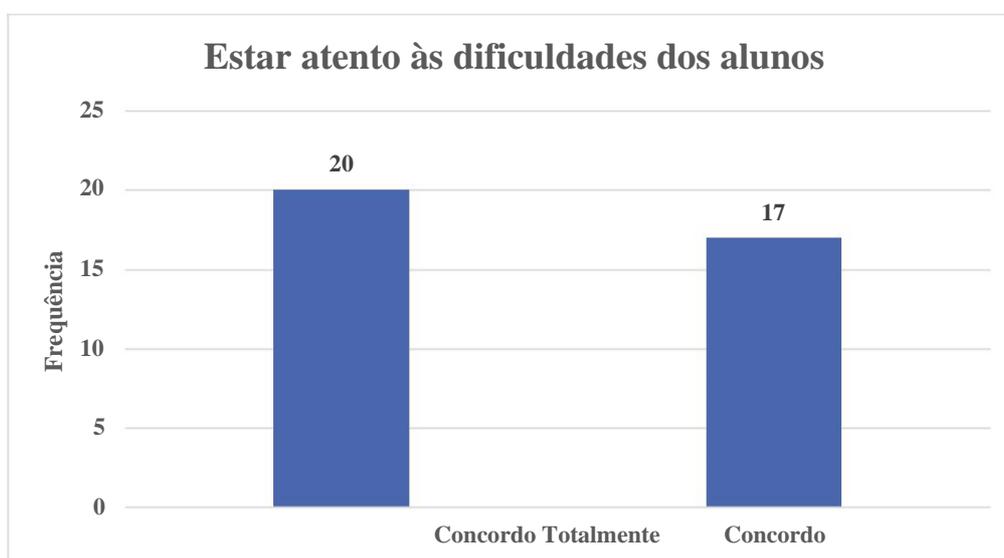
Analisado já a postura “informal e descontraída”, vemos agora que em relação ao professor adotar uma postura formal e rígrida, muitos alunos discordam. 22 dos 37 alunos inquiridos (60% do total) discordam que esta seja a postura que um professor deve ter com os seus alunos, 17 destes 22 (46% do total) discordam e 5 (14% do total) discordam totalmente. Deduzo que a razão dos alunos discordarem será por sentirem que é muito mais difícil criar uma boa relação com um professor que seja formal e rígrido, do que com um professor mais descontraído.

Particularmente, concordo com os meus alunos. De facto, ao longo de todo o meu percurso académico tive bastantes professores que não se deram a conhecer o que interferiu bastante com a minha motivação e interesse por determinada disciplina. É certo que estes professores passavam uma imagem de respeito, mas esse respeito era adquirido à base do medo e da insegurança do aluno. Todavia, ainda houve 7 alunos

(19% do total) que, como em relação à postura mais informal e descontraída, acham indiferente os professores serem formais e rígidos por acreditarem que os professores devem ser um misto entre o formal e o informal.

Por último, temos ainda 8 dos 37 (22% do total) que concordam que esta deva ser a postura a ser seguida pelo professor, apenas 1 aluno (3% do total) concorda totalmente e os outros 7 (19% do total) simplesmente concordam.

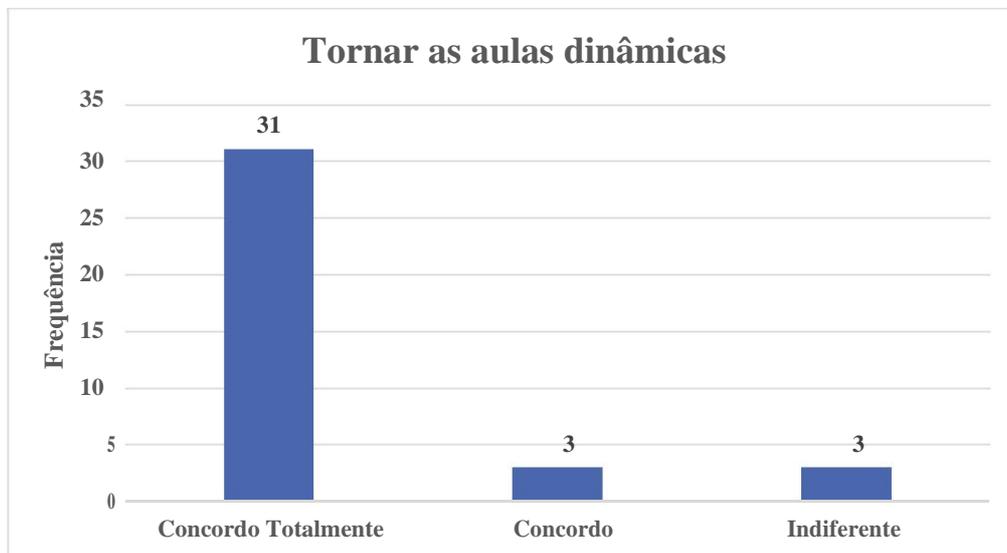
**Gráfico 12** – Característica 12: “Estar atento às dificuldades dos alunos”



Um dos pontos cruciais para um professor é este ser capaz de perceber quando um aluno não está a compreender o que está a ser explicado e ter algumas estratégias para que este as possa apreender. Apesar de devermos ser imparciais, não podemos confundir a imparcialidade com o desleixo.

Tendo em vista os resultados, todos os alunos concordam que a missão de um professor é fazer com que o aluno aprenda, custe o que custar. 20 dos alunos (54% do total) concordam totalmente com esta característica e os outros 17 (46% do total) simplesmente concordam.

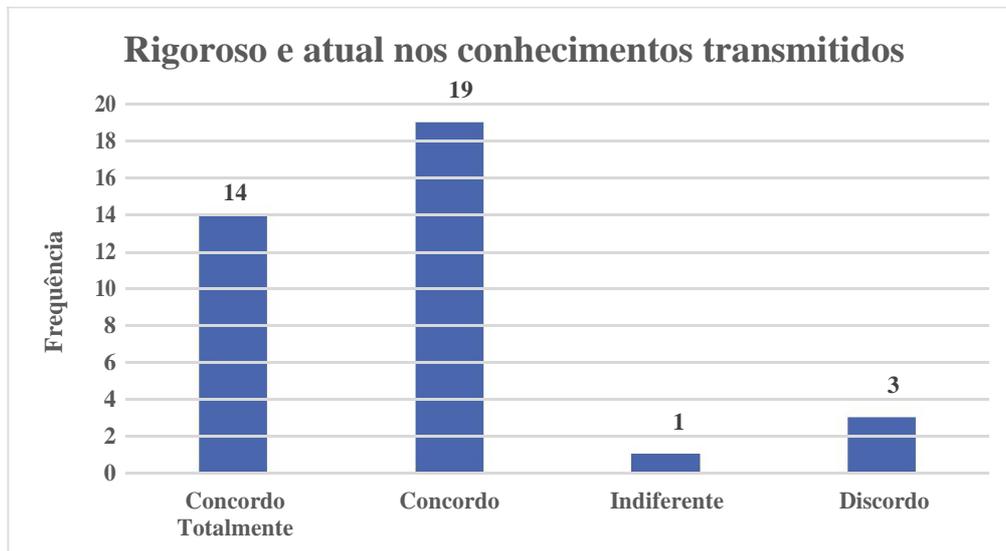
**Gráfico 13** – Característica 13: “Tornar as aulas dinâmicas”



Outra característica bastante importante prende-se com o professor ser capaz de tornar as suas aulas dinâmicas. Os professores devem fazer um esforço para que todas as aulas sejam diferentes, não só com os seus instrumentos de aprendizagem que devem ser sempre variados, mas sim pela sua boa disposição, pela energia que dá à aula e pelo seu envolvimento com a turma ao fazer com que os alunos participem que façam parte integral da aula.

Os alunos mostram novamente que concordam. 34 dos 37 alunos inquiridos (92% do total) consideram importante um professor tornar as suas aulas dinâmicas, 31 dos 34 (84% do total) concordam totalmente com a característica e os outros 3 (8% do total) simplesmente concordam. Só 3 alunos dos inquiridos (8% do total) consideram que é um fator indiferente.

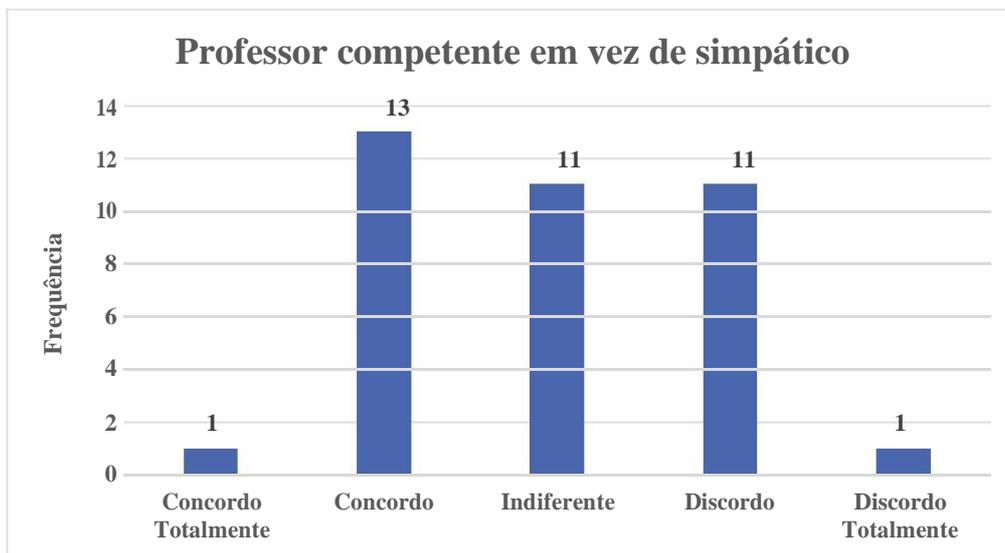
**Gráfico 14** – Característica 14: “Ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos”



Para um professor não basta ser competente na área científica, se esta competência for baseada em conhecimentos adquiridos já no século passado. Um professor deve atualizar-se e instruir-se de acordo com os tempos em que vive e com as novas informações que vão surgindo, independentemente da disciplina que leciona, mostrando assim aos seus alunos a preocupação em estar constantemente atualizado sobre as matérias que leciona. Esta preocupação profissional do professor origina nos seus alunos uma maior confiança dos conteúdos lecionados, e, por consequência, fomenta uma relação mais saudável.

Os alunos acabam por demonstrar que concordam que um professor deve ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos. 33 dos 37 alunos inquiridos (89% do total) acham importante um professor estar atento às novidades que vão surgindo sobre as temáticas estudadas na disciplina, 14 desses 33 (38% do total) concordam totalmente e os outros 19 (51% do total) simplesmente concordam. Ainda temos 1 aluno (3% do total) que acha uma característica indiferente e outros 3 (8% do total) que discordam que seja uma característica essencial para que o aluno fomente uma boa relação com o seu professor.

**Gráfico 15** – Característica 15: “Ser um professor competente em vez de um professor simpático”



Por último, expliquei aos alunos o que pretendia saber com esta última característica: se preferiam ter um professor exímio na área científica e competente na transmissão de conhecimentos, mas antipático e carrancudo ou se preferiam ter um professor mais simpático e empático, mas com menos conhecimentos em termos científicos.

As respostas foram bastantes versáteis. 14 dos 37 alunos (38% do total), preferiam lidar com o professor empático e simpático do que com o professor competente, mas carrancudo.

Onze dos 27 alunos (30% do total) consideram indiferente que tipo de professor seja, apesar de que o que eles pretendiam responder era que não concordam nem discordam, tendo a opinião que um professor deve ter um equilíbrio entre a vertente científica e a vertente humana.

Por fim, 12 dos 37 alunos inquiridos preferiam o professor mais competente do que o professor mais simpático. Esta será uma das temáticas que esmiuçarei mais a frente

nos “*focus groups*”, mas as conclusões que podemos tirar é que não existem alunos iguais, tal como não existem pessoas iguais. Enquanto para uns um professor mais simpático e empático os motiva a aprender e a estudar de modo a perceberem os conteúdos da matéria, existem outros que não ligam ao facto de um professor ser mais ligado aos seus alunos ou não, de modo a preferirem o professor mais competente, porque é esse o estilo de professor que os permite de obter classificações mais elevadas.

Depois de identificarmos se os alunos concordam ou discordam que estas 15 características sejam importantes para a fomentação de uma boa relação com o seu professor, a questão 3 pede para que eles indiquem, por ordem de importância, as cinco características da questão anterior que consideram fulcral para que haja uma boa relação professor aluno.

### **Imagem 5 – Questão nº 3 do inquérito por questionário**

**3-** Das 15 características apresentadas, **indique, por ordem de importância, as cinco que considera fulcrais** para que haja uma boa relação professor-aluno. Coloque apenas os números.

1º- \_\_\_\_\_  
2º \_\_\_\_\_  
3º \_\_\_\_\_  
4º \_\_\_\_\_  
5º \_\_\_\_\_

Para analisar esta resposta, elaborei uma tabela com o número de vezes que a característica foi referida por um aluno nestas 5 hipóteses. Os resultados foram os seguintes:

**Tabela 2 – Resultados da questão nº 3 do inquérito por questionário**

Características	Nº de vezes que a característica é referida
Motivar os seus alunos	<b>31</b>
Ser justo e imparcial	<b>26</b>
Tornar as aulas dinâmicas	<b>25</b>
Ser competente na área científica	<b>20</b>
Estar atento às dificuldades dos alunos	<b>19</b>
Respeitar os seus alunos	<b>17</b>
Ter empatia com os alunos	<b>11</b>
Promover a participação na(s) disciplina(s)	<b>10</b>
Ser informal e descontraído	<b>7</b>
Fomentar a autonomia do aluno	<b>5</b>
Preocupar-se com a vida pessoal do aluno	<b>4</b>
Ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos	<b>4</b>
Ser um professor competente em vez de simpático	<b>4</b>
Ser formal e rígido	<b>2</b>
Ser autoritário e exigente	<b>0</b>
<b>Total</b>	<b>185</b>

Depois de analisarmos a tabela, podemos verificar que todos os alunos responderam à questão 3 do questionário, visto que obtive 185 respostas (37 x 5). É importante salientar que as 5 primeiras características que os alunos escolheram como

sendo as mais importantes que um professor deve adquirir acabaram por ser divididas entre a vertente científica e a vertente humana de um professor.

A característica que os alunos referiram mais vezes nas suas respostas foi “*Motivar os seus alunos*” com a presença no top 5 por trinta e uma (31) das ocasiões; a segunda característica que mais mencionaram foi “*ser justo e imparcial*”, aparecendo nas escolhas dos alunos vinte e seis (26) vezes; a terceira característica mais mencionada foi “*tornar as aulas dinâmicas*”, referida vinte e cinco (25) vezes; a quarta característica mais escolhida foi “*ser competente na área científica*”, referenciada por vinte (20) vezes pelos alunos e, por último, a quinta característica foi “Estar atento às dificuldades dos alunos”, referida por dezanove (19).

Se formos comparar estes resultados com os resultados da questão anterior (questão 2), podemos verificar que as 5 características que os alunos consideram fulcrais, vão ao encontro da importância que dão às mesmas, sendo que em todas estas cinco características, os alunos acabaram por “concordar totalmente” acima de qualquer outra opção.

Nota-se também que a característica “*ser autoritário e exigente*” não consta em nenhum dos “top 5” realizados pelos 37 alunos neste inquérito por questionário. Este resultado é de estranhar, visto que na questão anterior, 19 dos 37 alunos concordaram que esta era uma característica importante. Confesso não encontrar uma explicação para o sucedido, suponho que eles se tenham esquecido do que mencionei ao explicar que um professor autoritário não é o docente que se baseia no “autoritarismo”, mas sim autoritário conforme as regras estabelecidas com os alunos.

Outra nota que reparo é que todas as características ligadas à postura do professor em sala de aula e outros aspetos de carácter mais humano, foram poucas vezes escolhidas pelos 37 alunos. A única que se destaca, para além da segunda característica mencionada “*Ser justo e imparcial*”, é a característica “*ter empatia com os seus alunos*”, que foi referida 11 vezes nos “top 5” dos alunos. Nota-se que as outras características que eu

considero mais ligadas à postura de um professor e ao carácter mais humano do mesmo são: “*Ser informal e descontraído*”; “*Preocupar-se com a vida pessoal do aluno*”; “*Ser um professor competente em vez de simpático*”; “*Ser formal e rígido*” e “*Ser autoritário e exigente*”.

Passando agora para análise dos dados da questão número 4, foi necessário ler os episódios que os 37 alunos partilharam neste inquérito por questionário e organizar bem toda a informação que estes partilharam comigo. Como já referi no capítulo anterior, decorri então à categorização de respostas através de algumas palavras-chaves que iam aparecendo. Foi um processo complicado e, devido ao facto de alguns alunos terem tido dificuldades em contar um episódio com um(a) professora(a) que tenha contribuído para o seu sucesso escolar, decidi juntar à categorização de respostas até mesmo as respostas que não respondiam ao solicitado.

#### **Imagem 6 – Questão nº 4 do inquérito por questionário**

- 4-** Num breve texto, refira um episódio de um(a) professor(a) que lhe tenha ficado na memória e que tenha contribuído para **o seu sucesso escolar**.

---

---

---

---

---

---

---

---

Os dados foram organizados em seis categorias diferentes, sendo elas:

1. Professor dinâmico/motivador
2. Professor empático
3. Professor atento (nível escolar)
4. Não sabe/Não responde ao que é solicitado
5. Episódio negativo
6. Professor exigente

O gráfico seguinte representa as respostas dadas pelos 37 alunos que fizeram parte desta metodologia:

**Gráfico 16** – Categorização das experiências



Ao observarmos este gráfico, podemos averiguar que 32 dos 37 alunos inquiridos (86% do total) partilharam episódios que envolvem um professor empático, um professor dinâmico/motivador, um professor atento ao nível escolar e um professor exigente.

É visível também que 5 dos 37 alunos inquiridos (14% do total) não souberam responder a esta questão. Houve 3 alunos destes 5 que não responderam ao que foi pedido, dando respostas do tipo “todos os episódios foram importantes para o meu sucesso” ou “não me lembro nenhum episódio em concreto”. Os outros 2, apesar de não terem respondido ao que foi pedido (um episódio que tenha contribuído para o seu sucesso escolar), decidiram partilharam comigo um episódio que os marcou pela negativa.

Apesar de terem sido apenas dois alunos a fazê-lo, penso que é importante analisar também a questão do quanto um professor pode marcar o aluno pela negativa. Esta

observação fez-me perceber que devia ter dado aos alunos a hipótese de escolher entre um episódio que os marcou pela positiva ou pela negativa.

Analisando agora os resultados de uma forma mais específica, reparamos que a primeira categoria que os alunos mais identificaram foi a categoria “Professor empático”. Houve 13 episódios dos 37 referidos (35% do total) que falam sobre um momento onde uma atitude de um professor ou professora marcam o aluno por o terem ajudado a superar certas dificuldades. São referidos episódios onde a confiança do professor foi essencial para que o aluno em questão alcançasse o seu sucesso escolar, mas também onde o aluno confiou no professor ou professora para que o ajudasse a ultrapassar alguns problemas de carácter mais pessoal, e assim que o professor auxiliasse o aluno a encontrar as melhores condições possíveis para conseguir ter um melhor rendimento na escola.

Apesar de nas questões anteriores os alunos estarem divididos em relação às perguntas relacionadas com a vertente humana de um professor, percebemos que num aspeto mais pessoal, este é um dos assuntos que lhes toca bastante. Estes resultados demonstram-nos que para manter uma boa relação entre os alunos, o professor não deve só preocupar-se com as dificuldades cognitivas, mas também com o desenvolvimento e os problemas individuais dos alunos.

Posto isto, veremos alguns exemplos onde comparecem esta categoria. Os textos retirados serão identificados pelo número do inquérito do aluno (ex: INQ.1).

Um aluno do 11.º ano afirma o seguinte:

*“Na primária, o meu professor no final do 4.º ano disse-me “Junta-te com os bons e bom serás, junta-te com os maus e serás igual ou pior do que eles”. É a frase que mais me lembro até hoje na minha vida escolar” (INQ. 10º)*

Uma aluna do 12.º ano refere:

*“Sofri de bullying, quando frequentava o 8.º ano, não era agredida fisicamente, mas sim psicologicamente e a situação cada vez piorava mais... tinha medo de falar com um*

*professor ou professora, pois temia que a violência psicológica aumentasse. No entanto, um dia ganhei forças e abri-me com a minha diretora de turma. A partir daí, tudo melhorou, pois, a professora, de uma forma discreta e não dizendo que eu me havia queixado, interpelou quem me agredia e lidou com a situação de tal forma que, finalmente, consegui ir para a escola sem medo. O papel dos professores é muito mais do que lecionar matéria, considero fundamental que saibam sobre a vida dos alunos, para que em situações semelhantes a esta saibam lidar da forma mais adequada possível” (INQ. 24)*

Outra aluna do 12.º ano diz que:

*“No 8.º ano tive um problema pessoal e não conseguia recorrer aos meus amigos pois sentia que não me iam entender. Então, uma professora minha, de Inglês, ajudou-me imenso, falou comigo e isso fez-me sentir muito melhor. O facto de estar com esse problema afetou o meu desempenho escolar, no entanto, essa professora fez com que o meu sucesso escolar voltasse e fiquei-lhe imensamente agradecida.” (INQ.30)*

A segunda categoria mais identificada pelos alunos foi a categoria “Professor dinâmico/motivador”. Com a análise das outras duas questões do inquérito, já tínhamos percebido que algo essencial para um aluno é que o professor seja capaz de os motivar e de tornar as suas aulas dinâmicas, de forma a despertar o interesse do aluno pela disciplina. Portanto, já era de esperar que a motivação e o dinamismo de um professor fossem assuntos mencionados pelos estudantes nos seus textos, que neste caso, foram 11 dos 37 alunos inquiridos (30% do total). Podemos também verificar com a leitura destes 11 episódios que um professor dinâmico e motivador pode estar ligado a um professor empático. Um professor que procura motivar os seus alunos a obter um melhor rendimento escolar, faz com que este professor seja um professor atento, preocupado e generoso.

Tal como na categoria anterior, veremos alguns exemplos em que a categoria foi mencionada.

Um aluno do 11.º ano afirma o seguinte:

*“Tive várias ocasiões com a minha professora de História do 5.º e 6.º ano em que a sua dinâmica na sala de aula promovia a nossa autonomia e participação. Isto permitiu desenvolver o meu gosto pelas matérias em estudo, assim como o gosto geral pela disciplina. Era uma professora simpática e muitíssimo competente, porque também tinha um conhecimento muito grande dos mais variados assuntos. Tenho saudades dela.”* (INQ.8)

Outro aluno do 11.º ano acrescenta:

*“No 8.º ano, desci as notas (no geral) no 2.º período e a minha professora de Físico-Química dialogou comigo de forma a incentivar-me a estudar e empenhar-me mais. Consequentemente, consegui melhorar bastante, visto que, acatei os conselhos da professora e esforcei-me para a agradar.”* (INQ. 12)

Uma aluna do 12.º ano refere:

*“Lembro-me de um professor de Matemática que me ajudou muito porque não era muito boa à sua disciplina. Ele preocupou-se comigo e nas aulas estava mais atento às minhas dificuldades. Também me disse para ter apoio com ele, o que ajudou muito no meu desenvolvimento. Outra coisa que me ajudou foram os trabalhos individuais que ele me mandava todos os dias. Graças a tudo isto tive sucesso em Matemática.”* (INQ. 22)

Se formos comparar estes resultados com os anteriores, percebemos que de facto a motivação e o dinamismo é um ponto crucial para que o aluno possa obter uma relação positiva com o seu professor e alcançar o respetivo sucesso escolar.

Não obstante a estas duas categorias, existiu uma terceira categoria que também merece o seu destaque. Houve 7 dos 37 alunos (19% do total) que identificou a categoria “Professor atento (nível escolar)” nos seus textos. É bastante significativo que um professor repare nas adversidades que os alunos vão mostrando durante as aulas, e que

saiba agir com o intuito de eles conseguirem ultrapassá-las. Veremos exemplos de episódios partilhados pelos alunos sobre esta categoria:

Uma aluna do 12.º ano refere o seguinte:

*“Houve um dia, num teste de Filosofia, que comecei a chorar porque não conseguia fazer o teste. Estava parada a olhar para o teste desde que tinha começado, entretanto, o professor veio ter comigo para falar e pode não ter dito muita coisa, mas o que disse significou muito e nunca vou esquecer. Até esse dia nunca tinha tirado positiva, mas o que o professor me disse motivou-me e fez-me acreditar em mim. Apesar de não ter gostado de Filosofia, ter aquele professor foi o melhor que podia ter acontecido durante aqueles dois anos.” (INQ.33)*

Outro aluno do 12.º ano refere:

*“No 9.º ano, a minha professora de inglês, como sabia que eu tinha grandes dificuldades na sua disciplina, veio falar comigo para me ajudar. A professora disse para participar mais na aula, ler e ver televisão em Inglês para melhorar as minhas notas. Com isto, melhorei as minhas notas a inglês até ao 11.º ano.” (INQ. 37)*

Por último, decidi também dar um exemplo de um episódio que marcou pela negativa um aluno. Apesar de terem sido apenas dois alunos a mencionarem episódios negativos nos seus textos, o facto deles o terem feito numa questão que pedia um episódio marcante pela positiva, é alvo de questionar e analisar que tipo de episódios podem marcar o rendimento escolar do aluno pela negativa. Como o professor Rui Correia diz numa das entrevistas que deu, um professor não deve ficar contente por agradar 90% da turma, mas sim preocupado com os 10% que não conseguiu encantar.

Um aluno do 11.º ano diz o seguinte:

*“Apesar dos momentos bons, os que nos marcam mais, certamente, são os que nos metem para baixo. Uma das principais características que um professor deve ter é a imparcialidade. E, não é a primeira nem a segunda vez que sinto que há um bocado de*

*tentativa de exclusão por parte de um professor, talvez sem a intenção de me magoar, mas se o professor vê que estou com dúvidas ou não estou a perceber algo, qual a necessidade de me perguntar algo sobre essa matéria? Mais uma vez, refiro que há muita falta de justiça e imparcialidade perante os alunos, quer em aulas, quer em notas.” (INQ. 4)*

Tal como os alunos mencionaram em questões anteriores, é importante um professor ser justo e imparcial. Esta foi a 2<sup>a</sup> característica fulcral que os alunos identificaram que um professor deve ter, portanto, não é de espantar que um dos episódios negativos apresentado por este aluno do 11.º ano se relacione com esse ponto. O primeiro passo para o professor respeitar o aluno é sem dúvida tentar ser sempre imparcial tanto nas avaliações, como nas decisões que toma, que devem ser todas com intuito de encontrar o bem-estar do aluno. Este tratamento deve ser equitativo e um professor nunca deve diferenciar os alunos pelas suas avaliações, crenças pessoais, opiniões ou até mesmo pelos seus estilos de vida. Os benefícios de uns, podem ser a desgraça de outros, portanto um professor deve estar atento a todos os alunos que tem à sua frente e não só àqueles que fazem com que aula corra como este quer.

### **3.3- Resultados dos “focus groups”**

O “focus groups” foi a última atividade que realizei com os meus alunos. Como já referi no capítulo anterior, um dos motivos para ter avançado com esta metodologia foi porque percebi que o inquérito não respondia a todas as minhas questões de partida da minha investigação social. Para além disto, outro dos motivos foi para complementar outras informações já adquiridas.

Confesso que tive algumas dificuldades em pensar nas questões que iriam guiar estes “focus groups”, portanto, decidi juntar-me com a minha orientadora e pensar sobre as mesmas. As questões que acabaram por ser pensadas e que serviram como orientação para o decorrer dos “focus groups”, foram as seguintes:

- 1- Gostam de andar na escola? E o que gostam mais e o que gostam menos?
- 2- Qual a vossa disciplina favorita e a que menos gostam? Porquê?
- 3- Que tipo de aulas é que vos incentivam mais para aprender?
- 4- Já vos aconteceu começar a gostar de uma disciplina que nem se identificam muito só por causa do(a) professor(a)?
- 5- Vocês consideram a vossa relação com o professor algo fulcral para o vosso crescimento cognitivo e pessoal?
- 6- Se tivessem de escolher duas características essenciais que um(a) professora(a) deveria ter para melhor o vosso rendimento escolar, quais é que escolheriam?
- 7- Imaginem que tinham um prazo para entregar um trabalho, e no dia que era para o fazer, houve um aluno que não o trouxe feito por um motivo válido. O professor deixava de ser menos rigoroso se desse mais dois dias ao aluno em questão para entregar o trabalho?
- 8- E se a razão não fosse válida e o professor dê-se na mesma esses dois dias ao aluno, deixava de ser rigoroso?

É importante salientar que estas questões de orientação não foram sempre expostas por esta ordem, nem desta forma. Ia mudando conforme o rumo das conversas que ia tendo com os estudantes.

Posto isto, irei expor algumas das respostas que os alunos me deram de acordo com estas questões de orientação, com o intuito de perceber quais são as contestações mais mencionadas por estes em cada uma delas. De forma a manter o anonimato dos participantes, não se fará a identificação dos alunos intervenientes, mas ao grupo que ele pertence. Os grupos constituídos pelos alunos do 11.º 5 que participaram nos “*focus groups*” são o Grupo A (**Anexo 10**), o Grupo B (**Anexo 11**) e o Grupo C (**Anexo 12**). Os grupos dos alunos do 12.º 7 que participaram nos “*focus groups*” estão identificados como o Grupo D (**Anexo 13**), o Grupo E (**Anexo 14**) o Grupo F (**Anexo 15**) e o Grupo G (**Anexo 16**).

### **3.3.1 – “*Passamos tanto tempo na escola que faz com que ela seja a nossa*”**

## ***segunda casa”***

Em relação à primeira questão “Gostam de andar na escola?”, praticamente todos os alunos reconheceram que sim, havendo um aluno que refere mesmo que *“passamos tanto tempo na escola que faz com que ela seja a nossa segunda casa”*. Só dois alunos é que responderam que não, mas mesmo esses dois, tiveram algo de positivo para dizer sobre o meio escolar. Onde os alunos de facto mostraram algumas opiniões diferentes, foi sobre o que eles gostam mais e menos na comunidade escolar.

Sobre o que gostam mais na escola, os alunos referiram o facto de estar com os seus amigos, da escola ser fulcral para o seu crescimento e também gostarem de aprender coisas novas. Dentro destes aspetos mencionados, a maioria dos alunos acabou por referir que o que mais apreciavam eram as amizades que tinham. Sobre o que gostam menos, os aspetos mencionados envolvem as aulas que são lecionadas, a postura e os métodos que alguns professores adotam e o próprio funcionamento do sistema escolar, que acaba por despertar uma grande ansiedade nas suas vidas.

Uma aluna do 12.º 7 referiu:

*“Eu gosto de andar na escola. O que mais gosto é relação que tenho com as pessoas que me mantém motivada e empenhada para alcançar o meu sucesso escolar e o que menos gosto são as aulas onde o professor quer ser a figura principal, esquecendo que tem alunos à frente.”* (Grupo F)

Outro aluno do 11.º 5 diz o seguinte:

*“Gosto de andar na escola porque considero que esta é fulcral para o nosso crescimento, não só individual, mas também coletivo porque nos faz envolver com várias pessoas de diferentes faixas etárias. Também considero que a escola tem um papel fundamental para desenvolver a nossa autonomia e nosso espírito crítico, mas penso que a escola não temos métodos necessários para garantir este desenvolvimento. Considero que isso deve-se ao facto de por vezes os professores nem sempre podem*

*inovar nos seus métodos de ensino pois o extenso programa curricular não o permite. Este é um fator que nos prejudica mais do que nos beneficia e faz com que o sistema escolar se torne monótono e desmotivador.” (Grupo A)*

A maioria dos alunos acaba por se identificar com estes dois exemplos de resposta, apesar de haver alguns participantes que decidiram exprimir tudo que não gostavam na escola e esquecer o que gostam mais. Veremos o exemplo de um dos participantes que referiu vários aspetos negativos da escola. O exemplo é de uma aluna do 11.º 5 e que acaba por referir a citação que complementa o título do meu relatório de estágio:

*“Sim [gosto de andar na escola], mas identifico vários problemas que a escola proporciona na vida de um adolescente. As cargas horárias são muito pesadas e sobrecarrega-nos imenso no dia a dia. Outro problema é sem dúvida a parcialidade demonstrada por alguns professores na hora de ouvir os alunos. Nem sempre um professor está disponível para ouvir um aluno argumentar sobre o que acha correto ou errado. Por vezes, sentimos que não somos ouvidos.” (Grupo A)*

### **3.3.2 – “Não temos que estar calados para rentabilizar a aula”**

Confesso que nesta questão o que me interessava não era saber, em específico, quais as disciplinas favoritas dos alunos e as que menos gostavam, mas sim o motivo das suas escolhas.

As razões indicadas foram variadas. A maioria dos alunos referiu que o principal motivo de gostarem da disciplina é pelas aulas serem mais práticas. Referiram outros, tais como o gosto pessoal que tinham pela disciplina, ser uma disciplina onde o professor os motiva a aprender ou simplesmente por acharem uma disciplina mais fácil de estudar. As razões que os alunos mencionaram para não gostarem de certa disciplina, baseou-se quase sempre no método de ensino do professor e na sua postura em sala de aula. Houve outros motivos mencionados que foram o facto de sempre terem tido dificuldades à disciplina em questão ou por nunca terem gostado da mesma.

Um aluno do 11.º 5 refere o seguinte:

*“A disciplina que gosto mais é Educação Física porque gosto de fazer desporto e são aulas mais práticas e podemos estar mais a vontade. Não temos de estar calados para rentabilizar a aula. A que menos gosto é Português porque a escrita não é igual à de antigamente, por isso, para mim o plano curricular já não faz muito sentido.”*

(Grupo C)

Outro aluno do 12.7º diz:

*“Apesar das minhas notas não refletirem, a minha disciplina preferida é História porque gosto de aprender e saber curiosidades sobre o mundo que nem sempre estão no manual. A que menos gosto é português porque reflete tudo o que eu não gosto da escola. A professora é monótona e não inova nos métodos de ensino, o que nos desmotiva imenso.”* (Grupo D)

### **3.3.3 – “(...) as nossas participações não estejam certas ou erradas, porque elas são vistas mais como uma partilha de uma opinião”**

Quanto à questão *“Que tipo de aulas é que vos incentivam mais para aprender?”*, foi interessante reparar que a grande maioria dos alunos referiu que são as aulas em grupo.

Esta metodologia aplicada pelo professor permite que os alunos interajam não só com o professor, mas também com os restantes colegas, sendo uma mais valia para todos, tanto para aqueles que percebem facilmente os conteúdos das aulas como para os que não entenderam alguma parte dos conteúdos lecionados, pois permite a estes alunos expor as suas dúvidas de uma forma mais natural e espontânea aos próprios colegas.

Para que este método funcione, falaram da relevância dos trabalhos de grupo em sala de aula, dos debates e da própria participação do aluno, que deve ser feita de uma forma constante e mais sincera possível.

Um aluno do 11.º 5 refere o seguinte:

*“Penso que os trabalhos de grupo e debates são aulas interessantes e que faz com que sejamos nós próprios a pesquisar sobre os assuntos e aprender de uma forma diferente e autónoma. A professora torna-se mais nossa orientadora que nos ajuda a organizar o trabalho e nos tirava algumas dúvidas que vão surgindo. Já aconteceu a um colega nosso que está sempre a dizer que é burro fazer um trabalho espetacular porque sentiu-se motivado com esse novo método de trabalho. Eu posso confirmar isso porque eu fiz parte do grupo dele.”* (Grupo A)

Outro aluno do 11.º5 diz o seguinte:

*“Aula com debates entre os alunos e os professores permite aprender para além do que está no livro.”* (Grupo C)

Por último, temos um aluno do 12º 7 que diz:

*“Na minha opinião, eu entendo que trabalhar em conjunto faz com que alcancemos os nossos objetivos e os melhores resultados porque nos permite ter uma postura mais informal e sincera. Faz também com que as nossas participações não estejam certas ou erradas, porque elas são vistas mais como uma partilha de uma opinião”* (Grupo D)

### **3.3.4 – “Já me aconteceu uma professora (...) levar a acreditar em mim mesmo”**

Na questão onde quis saber se os alunos já começaram a gostar de uma disciplina por causa do(a) professor(a), à semelhança do que fizeram na questão 4 do inquérito por questionário, houve alunos que decidiram partilhar comigo casos onde os professores foram os culpados e não os impulsionadores a gostarem de uma determinada disciplina. Também houve alguns alunos que confessaram que já aconteceu ambas as situações ao longo do seu percurso escolar.

Um aluno do 11.º 5 refere o seguinte:

*“Matemática foi sempre uma disciplina que tive bastantes dificuldades, mas já me aconteceu uma professora ter-me motivado de tal forma que me levou a acreditar em mim mesmo e obter um bom resultado à disciplina.”* (Grupo B)

Outro aluno do 11.º 5 diz:

*“A mim já aconteceu começar a gostar e a detestar uma disciplina por causa do professor. Inglês foi sempre uma disciplina que gostei, mas nos últimos anos fui perdendo o gosto devido à professora. Mas também já comecei a gostar de uma disciplina, principalmente quando um professor se sente motivado em nos ensinar. Quando vemos que um professor gosta do que faz, a nossa vontade e o gosto pela disciplina muda.”* (Grupo C)

Ainda temos um último aluno do 12.º 7 que menciona um episódio em que o professor não o fez gostar da disciplina, mas sim detestá-la:

*“Já me aconteceu o contrário. Eu antes de mudar de curso no 10º ano, eu gostava muito do meu professor de português porque ele se esforçava e empenhava-se para ver quais eram as nossas dificuldades e esclarecer as nossas dúvidas. Desde que apanhei esta professora, sinto que a professora tem uma postura de como se nós fossemos todos iguais e que só está uma pessoa à sua frente e não procura se relacionar nem saber quais são as dificuldades de cada um. Trata-nos como verdadeiros robots.”* (Grupo E)

### **3.3.5 – “Nós sentimo-nos muito mais motivados e temos muito melhor**

### ***rendimento se nos derem asas para voar”***

Nesta questão discutimos um dos temas centrais do meu relatório, que é perceber até que ponto a relação com o seu professor ajuda um aluno no seu percurso escolar. É verdade que com as questões do inquérito por questionário e as minhas observações e episódios partilhados nos subcapítulos anterior, posso estar seguro de que são fulcrais, mas decidi trazer esta temática também para o “*focus groups*” pois esta metodologia permite um aluno aprofundar este assunto e partilhar a sua opinião muito mais a fundo, do que com um simples inquérito por questionário.

Os alunos nesta questão voltaram a estar divididos, não quanto à importância que a relação transmite para o seu sucesso escolar porque aí todos eles concordaram que ela é crucial, mas qual o tipo de relação é que um professor deve fomentar com os seus estudantes. Para a maioria dos alunos o professor é a peça principal para que estes alcancem o seu sucesso escolar, não só pela transmissão de conhecimentos, mas porque um professor tem o poder de fazer um aluno feliz, confiante, bondoso, determinado e empenhado. No fundo, o professor tem o poder de moldar os jovens tornando-as pessoas mais responsáveis e adultas, e essa é uma característica que os alunos, uns de uma forma direta e outros de uma forma mais indireta, referem neste “*focus groups*”. Mas também temos alunos que expressam que apesar da relação ser fulcral, tem de ser uma relação controlada. Quando um professor procura uma relação de demasiada proximidade com os seus alunos, pode ser benéfico para uns, mas também pode ser desfavorável para outros por acharem que o professor tem uma relação mais próxima com uns, do que com outros.

Uma aluna do 12.º 7 refere:

*“Sim porque se nós não gostarmos do professor, automaticamente não vamos estar tão atentos nas aulas ou ter motivação para estudar. Mesmo que a matéria não seja muito interessante, um professor que gostamos consegue fazer com que tudo valha a pena.”* (Grupo G)

Uma aluna do 11.º 5 disse o seguinte:

*“A criação de laços com os alunos, cria melhores condições para o aluno aprender porque esses laços nos fazem felizes, e quando somos felizes naquilo que fazemos, vamos ter muito melhor rendimento não só ao nível escolar, como a nível cognitivo e emocional.” (Grupo A)*

Ainda temos outro aluno do 11.º 5 que expressa:

*“Sim, mas a relação não deve ser em exagero. É bom manter uma boa relação com o professor, mas tanto do professor como do aluno às vezes existe um excesso de confiança. Esse excesso de confiança até pode ser bom para o aluno em questão para se sentir melhor na comunidade escolar, quando nos apercebemos que só aquele aluno tem atenção, deixa-nos tristes e desmotivados para a disciplina em questão. Já me senti um pouco de parte por causa destas situações.” (Grupo C)*

### **3.3.6 – “O professor deve ser o capitão da sua turma”**

Outra questão que também já foi discutida e analisada através dos inquéritos por questionários, mas que decidi voltar a tratar nos “*focus groups*”, foi a questão de saber quais as características que realmente são importantes que um professor deve conter. Apesar de ter perguntado apenas duas características que para os alunos são essenciais neste “*focus groups*”, mais de metade dos participantes não ficaram pelas duas características, mas exploraram a vertente de um ponto de vista de uma forma bastante genuína, honesta e até ternurenta. Obviamente, e não fugindo ao que referiram ao longo de toda esta investigação, a maioria dos alunos identificaram características que envolvessem o professor empático, dinâmico e motivador. Mas também referiram outras, tais como ser paciente, apaixonado (pelo que faz), humilde, compreensivo, acessível, profissional, bem-disposto, entre outras.

Uma aluna do 12.º 7 diz o seguinte:

*“Professores atentos à turma e dinâmicos. Professores com empatia e compaixão e pacientes a ensinar a sua turma. As pessoas são diferentes e aprendem de um modo diferente. Eu por exemplo odiava história até ao 9.º ano, mas a partir do secundário comecei a ter professores que mostraram empatia e que criaram uma boa relação com os seus alunos. Agora sinto-me muito mais motivada e interessada na disciplina, fazendo com o estudo seja mais fácil.”* (Grupo F)

Outro aluno do 11.º 5 diz o seguinte:

*“Professor dinâmico e ativo. Falar com todos os alunos, dar mais oportunidades aos alunos com dificuldade para participar. Quando um professor puxa por nós perdemos a timidez de esclarecer as dúvidas.”* (Grupo E)

Outro aluno do 11.º 5 refere:

*“Cativante e dinâmico. Um professor deve ter noção dos alunos que tem a sua frente e deve saber como motivá-los para que a aula corra de uma forma dinâmica e animada.”* (Grupo C)

### **3.3.7 – “A tolerância e a compreensão são valores que um professor deve transmitir”**

O objetivo desta e da questão seguinte foi perceber, na perspetiva dos alunos, quais seriam os limites para um professor mostrar a sua descontração e informalidade perante uma turma num caso bastante concreto. Posto isto, decidi expor um exemplo concreto aos meus alunos: “Imaginem que tinham um prazo para entregar um trabalho e no dia houve um aluno que não o trouxe feito por um motivo válido. O professor decide dar mais dois dias para que esse aluno possa entregar o trabalho. Deixa de ser menos rigoroso por isso?”

A grande maioria dos alunos disseram que não deixava de ser rigoroso. A maioria defende que, se o motivo fosse mesmo válido, o professor só tinha de perceber e dar esses dois dias ao aluno em questão. Outros participantes referem que se o trabalho

tivesse sido marcado a algum tempo, o aluno teve tempo de o fazer mesmo que perto da data de entrega tenha acontecido algum inconveniente. Por último, temos também alguns alunos que defendem que não deixava de ser rigoroso se desse esses dois dias, se o caso com o aluno em específico não fosse algo decorrente.

Uma aluna do 11.º 5 diz o seguinte:

*“Se a razão fosse mesmo válida, o professor não deixa de ser rigoroso porque a tolerância e a compreensão devem ser valores que um professor deve transmitir”*  
(Grupo A)

Outro aluno do 11.º 5, refere:

*“Depende. O trabalho pode ter sido marcado a algum tempo e por isso não era por esse motivo válido que o aluno não teve tempo para fazer o trabalho. Visto que o trabalho não foi marcado na mesma semana e o aluno teve o tempo de o fazer antes, o professor não deixava de ser rigoroso se desse os tais dois dias, desde que descontasse no trabalho”* (Grupo C)

Ainda temos outra aluna do 11.º 5 diz o seguinte:

*“Sim, porque não deixava de ser rigoroso porque o motivo era válido. Apesar de que, se o aluno tivesse antecedentes, aí já quebra um bocado a confiança e o aluno teria de provar ao professor que realmente o motivo era válido”.* (Grupo A)

### **3.3.8 – “Uma data é uma data”**

Percebendo já que os alunos não acham que o professor deixa de ser rigoroso se deixar um aluno, por um motivo válido, entregar um trabalho dois dias depois da data de entrega do mesmo, será que mantem a mesma ideia se a razão não for válida?

Sem surpresas, os alunos prontamente disseram que deixava de ser rigoroso, mas, um aspeto curioso que foi acontecendo em quase todos os “*focus groups*”, foi que

os participantes acrescentavam sempre “o professor não deixava de ser rigoroso se...”, como se houvesse sempre uma alternativa para que o professor mantivesse o rigor.

Uns defendem que o professor não perdia o seu rigor se descontasse no trabalho do aluno que o iria entregar dois dias depois da data prevista; outros referem que perde o rigor, mas não deixa de ser justo se der esses dois dias a toda a turma.

Temos ainda alguns que defendem que não deixava de ser rigoroso se fosse um caso excepcional, e que o aluno efetivamente necessitava desses dois dias para completar o seu trabalho e outros que defendem que falariam com o aluno em questão para tentar perceber o motivo dele não ter acabado o trabalho até a data proposta.

Um aluno do 12.º 7 diz:

*“Deixa de ser rigoroso porque uma data é uma data e esse aluno teve o mesmo tempo que todos para fazer o trabalho. Caso o professor dê-se esses dois dias, para não perder o seu rigor este teria de descontar no trabalho desse aluno.”* (Grupo E)

Outro aluno do 12.º 7 diz:

*“Deixa de ser rigoroso, mas não deixava de ser justo se por exemplo dê-se mais dois dias à turma toda.”* (Grupo D)

Ainda temos a opinião de outra aluna do 12.º 7, que diz o seguinte:

*“Falava primeiro com o aluno e tentava perceber o que se passava com ele, e depois conforme o que se passava tomava as medidas.”* (Grupo F)

## Considerações finais

“Não podemos ficar felizes por termos conseguido dar uma aula a 98% de uma turma, mas sim preocupados por não termos conseguido chegar aos 2% que faltaram.”

Professor Rui Correia (2019)

É com esta frase do professor Rui Correia que começo as minhas considerações finais. Como diz o povo, “quem não arrisca, não petisca”, e foi com este pensamento que tive a ideia de interpelar o professor Rui Correia, através da rede social *Facebook*, sobre se estaria disponível para contribuir com a sua sabedoria nas considerações finais do meu relatório de estágio. Confesso que não esperava uma resposta, porque sei que a vida do professor Rui, principalmente depois de ter ganho o “*Global Teacher Prize Portugal*” deve ser ocupada, pois acredito que seja uma pessoa constantemente procurada por várias pessoas e instituições para que ele possa contribuir em múltiplos trabalhos e projetos. Mas não foi isso o sucedido. Provando ser um professor de excelência, mas acima de tudo uma excelente pessoa, o professor Rui Correia respondeu-me de uma forma atenciosa e carinhosa, dizendo que teria todo o gosto em falar comigo sobre o trabalho que estava a desenvolver. E assim foi. Fomos falando e combinamos fazer uma chamada via Facebook no dia 29 de agosto, pelas 16h, para discutirmos alguns assuntos que podiam ser pertinentes para o meu trabalho.

O primeiro ponto que discutimos foi sobre que características é que os alunos consideram importantes existir num professor. O professor Rui Correia foi muito claro sobre este assunto, dizendo que para o aluno existe três características essenciais que ele valoriza num professor: ser feliz, atencioso e interessante.

Um professor quanto mais cuidar da sua vida pessoal, melhor será a sua vida profissional, por isso deve ser uma pessoa feliz e ativa na sua vida. Como o professor disse, e já tinha referido em outras entrevistas que deu, “um professor deve ir ao ginásio, comer bem, dormir bem, deitar-se e levantar-se cedo e viver o seu dia a dia como se fosse o último”. Esta característica é muito importante para que um professor se sinta bem

consigo próprio, e quanto mais um professor se sente bem com ele mesmo, melhor será a sua relação com os alunos.

Sobre um professor ser atencioso vai ao encontro da frase indicada no início destas considerações finais. Para o professor Rui Correia, é muito importante que um professor esteja atento à sua turma, e não apenas a 98% da mesma. Esta atenção não é só dirigida para a postura dos alunos em sala de aula, mas também fora dela. Segundo Rui Correia, “os alunos têm muitas vezes a ideia de que querem ser como nós, e isso é espetacular”, e por isso mesmo penso que um professor tem de estar atento não só aos conteúdos programáticos que transmite, mas, acima de tudo, em divertir-se a dar as aulas e criar laços com os seus alunos, de modo a poder influenciá-los a optar pelas melhores escolhas.

Esta atenção e disponibilidade para o aluno vai ao encontro da outra questão de partida do meu relatório de estágio: de que modo a afetividade demonstrada por um professor ajuda um aluno no seu crescimento pessoal e na aprendizagem?

Quando apresentada esta questão, o professor reparou que eu separei o “crescimento pessoal” e a “aprendizagem”, e é algo que o professor discorda que se deve fazer. Para o mesmo, “não deve haver distinções entre a vida pessoal e a vida escolar do aluno” porque a vida escolar faz parte (e muito) da vida pessoal do estudante. Para além disto, o professor considera a afetividade muito importante numa sala de aula e nas relações que os professores têm com os seus alunos. Ele considera que os professores devem gastar tempo para conhecer os seus alunos e mostrar que estão verdadeiramente interessados nas suas vidas, pois assim um professor está a demonstrar que para além de ter alunos à sua frente, também os considera pessoas com quem vale a pena criar ligações. Ele acaba mesmo por referir que um professor não tem o direito de olhar para os alunos como se eles não fossem pessoas. Cada atitude que eles demonstram, seja ela correta ou não, deve ser de grande interesse para o professor, e este nunca deve julgar, mas questionar o porquê de os alunos agirem de determinada forma.

Em relação ao tipo de aulas que motivam e ajudam os alunos a adquirir os conhecimentos, segundo o professor Rui Correia parte, em primeiro lugar, de um professor compreender os seus alunos. É importante um professor ter a noção que muito

difícilmente os seus alunos estarão dispostos a estar atentos a uma aula que é dada às 8h30 da manhã com a mesma energia que estariam se fosse a outra hora do dia, por exemplo. É por isso mesmo que um dos principais fatores para o professor Rui é um professor ser sempre enérgico e empático quando leciona as suas aulas, senão é impossível motivá-los. Outra questão muito importante são as curiosidades que um professor tem preparadas, que vão para além do manual escolar. Segundo o professor, “todos os alunos gostam de aprender, só não gostam de ser ensinados” e quando um professor consegue encontrar pequenas curiosidades sobre o assunto e partilhá-las em sala de aula, os alunos interessam-se muito mais pela disciplina. Tudo depende da capacidade motivadora que um professor tem sobre o aluno, e essa motivação vem do saber, mas também da empatia. Outra coisa muito importante que um professor deve convencer os seus alunos é que errar faz parte da aprendizagem, e para que isto seja possível, o professor Rui refere a importância de criar um ambiente de descontração em sala de aula onde o erro é bem aceite. Só assim os alunos poderão ter a motivação certa para aprender.

No fundo, tudo depende da postura do professor. Um professor pode conseguir trazer muitos materiais e jogos interativos para uma turma, mas mesmo assim não conseguir fazer com que os alunos aprendam, assim como um professor totalmente expositivo pode fazer com que a aula seja dinâmica e interessante.

Por último, sobre os limites de um professor informal, tanto eu como o professor discutimos o que realmente é um “professor informal”. Chegamos à conclusão que um professor informal é aquele que proporciona que um aluno esteja descontraído em sala de aula, de forma a facilitar o seu diálogo e a sua aprendizagem. Mas com isto não quer dizer que um professor informal não possa ser rígido. O próprio professor Rui Correia considera-se “profundamente informal e rígido” com os seus alunos, no sentido que este não admite perder tempo nas suas aulas e tenta sempre passar a mensagem aos seus alunos em cada ano letivo que foi a educação que o permitiu ser mais bem-sucedido do que os seus antepassados, e é a mesma que fará com que os seus alunos sejam também mais bem-sucedidos que os seus antepassados, pois permite as pessoas serem mais cultas, mais livres e ganharem dinheiro. Quando os alunos entendem esta lógica, principalmente

aqueles que vivem em famílias desfavorecidas, os limites da informalidade e da formalidade pouco importam, porque todos trabalharam para obter o seu sucesso e a indisciplina em sala de aula deixa de ser um problema real.

Mas falando de faltas de respeito, o professor Rui Correia referiu dois exemplos muito claros. Um deles é quando um professor é incoerente, expressando que “a única coisa que os alunos não aceitam é falta de critério e falta de coerência”. O que o professor Rui quer dizer com isto é que por vezes os alunos preferem ter um professor que seja totalmente formal e exigente, do que um professor que demonstra ser informal e descontraído num dia, e no dia seguinte já demonstra uma postura completamente diferente. A coerência é a chave não só para as relações entre os professores e os seus alunos, mas em todas as relações humanas. O outro exemplo de falta de respeito mencionado pelo professor Rui Correia é quando um professor elogia um aluno só para que ele possa gostar dele: “elogiar sem ser sincero e ter uma justificação lógica é uma falta de respeito que os alunos não aceitam de bom grado”.

Estas foram as principais ideias que o professor Rui Correia, de uma forma muito generosa, discutiu comigo e que decidi partilhar no meu relatório de estágio. Mas o professor não foi o único a tirar ilações da minha investigação, pois os alunos também demonstraram ao longo da investigação que têm muito para nos contar.

Confesso que fiquei surpreendido pela maturidade que eles demonstraram em toda a investigação, tanto nas respostas dadas, como também na forma como participaram nas atividades. De facto, eles conseguiram fazer com que esta investigação e este trabalho valesse a pena.

É de salientar que, tal como o professor Rui e outros autores que referi neste relatório, os alunos têm a noção que o mais importante de um professor é este saber motivá-los, produzindo aulas interativas com o objetivo de transmitir o conhecimento de uma forma mais eficaz. Outra característica que os alunos consideram fulcral é este ser justo e imparcial. Este ponto tem que com aquilo que eles consideram “os limites de um professor informal” e com a tal “coerência” que o professor Rui Correia referiu. Os professores não podem demonstrar aquilo que são com o intuito de os alunos gostarem

da sua pessoa, porque ao fazer isso não está a ser justo nem com os alunos, nem com ele mesmo. É importante um professor manter-se coerente em relação ao que é, pois esse é o primeiro passo para que as relações professores-alunos se tornem úteis para o processo de aprendizagem.

De facto, a característica que os alunos acabaram mais por salientar, tanto nos inquéritos por questionário, como nos “*focus groups*”, foi a importância de um professor ser empático e formar uma relação com os seus alunos.

Os alunos consideram que o primeiro passo para serem felizes numa escola é “terem asas para voar”. Só é possível obter estas asas, quando um professor está disposto a perder tempo em conhecer os seus alunos e aceitá-los tal como eles demonstram ser. E os alunos também acabam por considerar que o conhecimento e a afetividade estão interligados, pois um professor que mostra empatia com os seus alunos não só desperta o interesse e a motivação, como faz sentirem-se que podem estar à vontade para errar e esclarecerem as suas dúvidas. E estamos todos de acordo quando dizemos que o erro faz parte da aprendizagem.

Principalmente no “*focus groups*”, os alunos demonstraram que um professor tem um poder enorme em fazer com que eles acreditem em si mesmos, ou, pelo contrário, que os faça duvidar das suas capacidades. Novamente os alunos vão ao encontro dos autores quando referem que o professor tem o poder de fomentar a autoestima do aluno, e fazer entender que o seu esforço e dedicação são recompensados não só na escola, mas durante toda a sua vida.

Para que os alunos conheçam o afeto e a empatia, cabe aos professores demonstrar os seus significados. Quando os alunos percebem os benefícios de uma relação afetiva com o seu professor, onde não são julgados pelo que pensam e sentem-se ouvidos e compreendidos pelos mesmos, eles procuraram mais relações deste tipo ao longo da sua vida. Ao criarem outras relações afetivas com as outras pessoas, irão transmitir valores como a humildade, a solidariedade e a compaixão, fazendo então com que o mundo seja um local mais bonito para se viver.

Para isto ser possível, é a chave é mesmo um professor estar disponível para ouvir o seu aluno. Foi por esta importância em escutar um aluno que decidi complementar o título do meu relatório com uma das frases ditas por uma aluna num dos *focus groups* que realizei: “nós sentimos que não somos ouvidos”.

Concluindo as minhas considerações finais, este pequeno espaço será dedicado à minha perspectiva em relação ao meu tema, e sobre o trabalho desenvolvido.

Poderia estar novamente a dizer quais as características essenciais para ser um bom professor, para que serve a afetividade no mundo escolar, quais as aulas que os alunos gostam mais e quais os limites de um professor informal, mas penso que tanto o professor Rui Correia, como os meus alunos, já o fizeram muito bem.

Portanto, aproveitarei o meu “tempo de antena” não para discutir a importância de um professor para a vida de um aluno, mas sim para falar um pouco da importância de um aluno para a vida de um professor.

De facto, é muito importante salientar que não somos os únicos que ensinamos e guiamos os nossos alunos. Aprendi neste ano de estágio que os alunos são a nossa maior motivação para que, todos os dias, estejamos dispostos a acordar às 7h da manhã para os acompanhar. Quando chegamos a casa depois de um dia de trabalho que durou 12 horas com aulas, reuniões e afins, são os alunos que nos dão forças para ainda termos a capacidade de preparar as aulas. No fundo, são os alunos que nos motivam a ser o melhor que conseguimos ser e que nos fazem acreditar em nós. Quando, no fim de uma aula, chegam a nossa beira só para esboçar um sorriso e dizer que gostaram da aula que nós preparamos, eles também têm influência na nossa autoestima e no nosso bem-estar.

É, por isso mesmo, que eu penso que no mundo escolar não existem as pessoas que ensinam e as pessoas que são ensinadas, porque todos nós temos algo a aprender seja com quem for.

## Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem (1994). A Alegria de Ensinar. Porto: Edições ASA.
- ARANTES, Valéria A. (2003). Afetividade na escola - Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus.
- CARDOSO, Jorge Rio (2013). O Professor do futuro. Lisboa: Guerra e Paz.
- ESTEVES, Manuela. (2006). Análise de Conteúdos. Porto: Porto Editora.
- FABER, Aber, & MAZLISH, Elaine. (2005). Como falar para o aluno aprender. São Paulo: Summus Editorial.
- FERNANDES, Dina. (2017). Conta-me histórias - o que pensam os alunos sobre o "bom professor".
- FREIRE, Paulo. (1996). Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- GOMEZ, M. T., MIR, V., & SERRANTS, M. G. (1993). Como criar uma boa relação pedagógica . Porto: Edições ASA.
- GUERRA, Miguel Santos. (2006). Arqueologia dos Sentimentos: Estratégias para uma educação dos afetos. Tradução de José Carlos Eufrásio. Porto: Edições ASA.
- KUPFER, M. C. (2003). Afetividade e cognição: uma dicotomia em discussão. In V. A. Arantes, Afetividade na Escola - Alternativas Teóricas e Práticas (pp. 51-52). São Paulo: Summus Editorial.
- NÓVOA, António. (2009). Professores: Imagens do futuro presente. Lisboa: EDUCA.
- PERÉZ, Juan. (2016). Ferramentas de Coaching Educativo - 12 ferramentas e 25 exemplos práticos. Porto: Porto Editora.
- PERRENOUD, Philippe. (2000). 10 Novas Competências para Ensinar. São Paulo: artmed.
- VIEIRA, Helena. (2000). A comunicação na Sala de Aula. Lisboa: Editoria Presença.

- WILKINSON, S. (2014). Focus groups methodology: a review.

Documentos legais:

- Carta Educativa do Concelho de Espinho, Espinho (2007)

- Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira (2017)

Webgrafia:

- CALDEIRA, Jean dos Santos (2013). Relação Professor-aluno: uma reflexão sobre a importância da afetividade no processo de ensino-aprendizagem. Pontícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Brasil.

Acedido de: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019\\_4931.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/8019_4931.pdf)

- FERREIRA, F., & ANDRADE, N. F. (2018). Afetividade e ensino-aprendizagem: influência favorável na relação professor-aluno-objeto de conhecimento.

Acedido de: <http://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/2056>

- GALEGO, C., & GOMES, A. A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o "*focus groups*" como instrumento de investigação.

Acedido de: <https://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/1012>

- Notícia sobre os adoslescentes que não gostam da escola no Público.

Acedido de: [https://www.publico.pt/2018/12/19/sociedade/noticia/adolescentes-portugueses-estao-exaustos-percentagem-nao-gostam-escola-triplicou-ultimos-20-anos-1855029?fbclid=IwAR3A9p-54LPOL-cd\\_sCjb6ADE7\\_c\\_NftgM8YdV-bo-QKUZwYJCUpJQxdHG0](https://www.publico.pt/2018/12/19/sociedade/noticia/adolescentes-portugueses-estao-exaustos-percentagem-nao-gostam-escola-triplicou-ultimos-20-anos-1855029?fbclid=IwAR3A9p-54LPOL-cd_sCjb6ADE7_c_NftgM8YdV-bo-QKUZwYJCUpJQxdHG0)

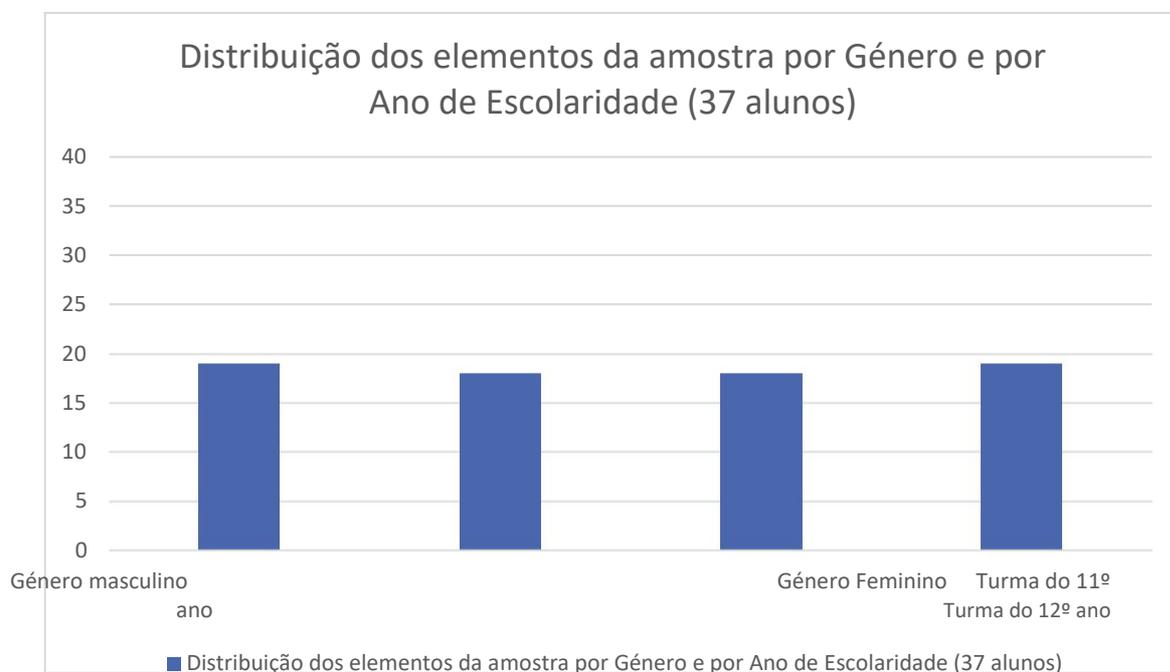
- TASSONI, E. C. (2019). Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno.

Acedido de: <http://23reuniao.anped.org.br/textos/2019t.PDF>

## **Anexos**

## Anexo 1 – Distribuição da amostra por género e ano de escolaridade

**Gráfico 1**



**Tabela 1**

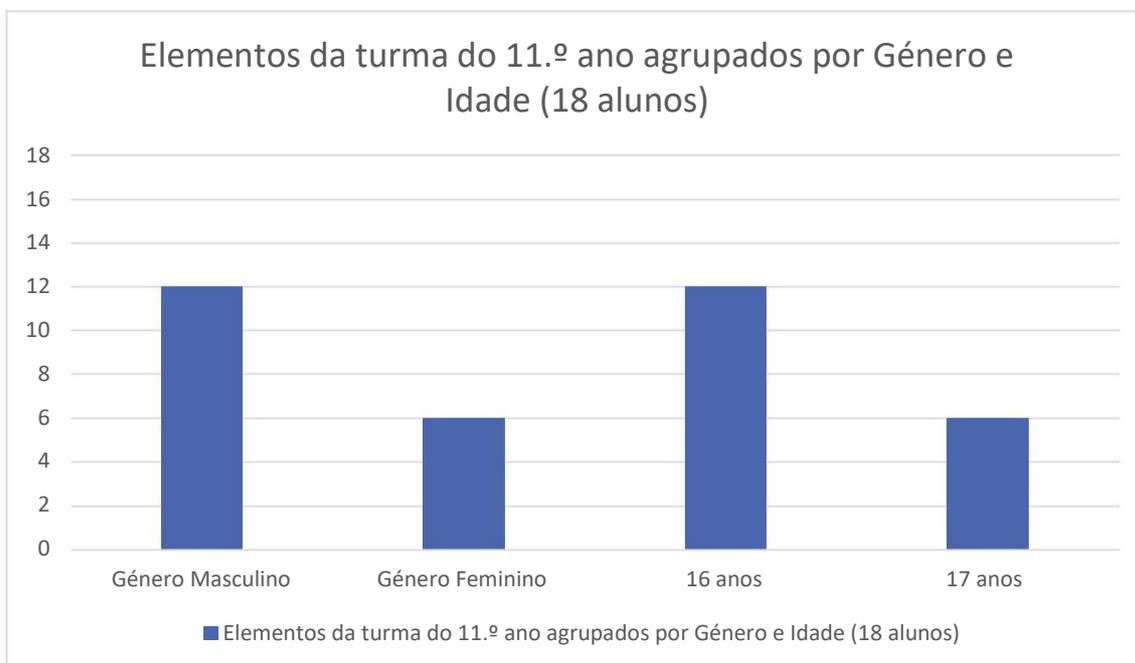
Ano de Escolaridade	Nº de Alunos	% na Amostra
<b>11º ano</b>	18	49%
<b>12º ano</b>	19	51%
<b>TOTAL</b>	37	100%

**Tabela 2**

Ano de Escolaridade	Género Feminino	Género Masculino	% na Amostra
<b>11º ano</b>	6	12	49%
<b>12º ano</b>	12	7	51%
<b>TOTAL</b>	18	19	100%

## Anexo 2 – Distribuição dos elementos da turma do 11.º ano por género e idade

**Gráfico 2**



**Tabela 3**

<b>Idade</b>	<b>N.º de alunas</b>	<b>N.º de alunos</b>
<b>16 anos</b>	4	8
<b>17 anos</b>	2	4
<b>TOTAL</b>	6	12

### Anexo 3 – Distribuição dos elementos da turma do 12.º ano por género e idade

Gráfico 3

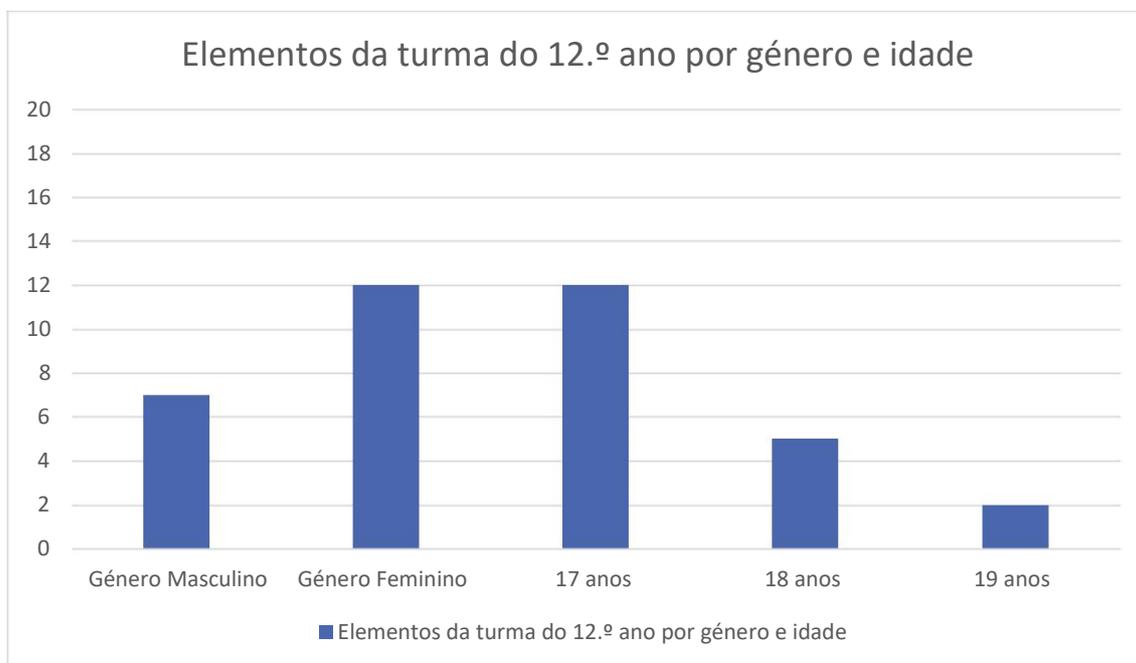


Tabela 4

Idade	N.º de alunas	N.º de alunos
16 anos	4	8
17 anos	2	4
<b>TOTAL</b>	6	12



## Anexo 5 – Inquérito por questionário



### Inquérito por Questionário

*Este inquérito é realizado no âmbito do Relatório de Estágio do Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto no ano letivo 2018/2019, com o título: “Relação professor-aluno no século XXI”*

*Este inquérito por questionário tem como objetivo tentar compreender de que forma deve ser a relação professor-aluno, do ponto de vista do aluno.*

*A confidencialidade e anonimato da informação recolhida estão assegurados.*

#### 1- IDENTIFICAÇÃO

##### 1.1 - Sexo:

Masculino:

Feminino:

##### 1.2 – Idade: \_\_\_\_\_

##### 1.3 – Ano que frequenta:

11º ano

12º ano

2- Existem determinadas características que influenciam a relação entre aluno e professor.

**Assinale com um X, de acordo com o seu nível de concordância, os seguintes fatores:**

<i>É importante um professor:</i>	<b>Concordo Totalmente</b>	<b>Concordo</b>	<b>Indiferente</b>	<b>Discordo</b>	<b>Discordo Totalmente</b>
<b>16- Motivar os seus alunos</b>					
<b>17- Promover a participação na(s) disciplina(s)</b>					
<b>18- Ser autoritário e exigente</b>					
<b>19- Ser justo e imparcial</b>					

20- Respeitar os alunos					
21- Ter empatia com os alunos					
22- Ser competente na área científica					
23- Fomentar a autonomia do aluno					
24- Preocupar-se com a vida pessoal do aluno					
25- Ser informal e descontraído					
26- Adotar uma postura formal e rígida					
27- Estar atento às dificuldades dos alunos					
28- Tornar as aulas dinâmicas					
29- Ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos					
30- Ser um professor competente em vez de um professor simpático					

3- Das 15 características apresentadas, **indique, por ordem de importância, as cinco que considera fulcrais** para que haja uma boa relação professor-aluno. Coloque apenas os números.

1º- \_\_\_\_\_

2º- \_\_\_\_\_

3º- \_\_\_\_\_

4º- \_\_\_\_\_

5º- \_\_\_\_\_

4- Num breve texto, refira um episódio de um(a) professor(a) que lhe tenha ficado na memória e que tenha contribuído para **o seu sucesso escolar**.

---



---



---

---

---

---

---

---

---

Obrigado pela sua colaboração.

## Anexo 6 – Resultados gerais do inquérito por questionário (Questão 2)

**A** – Concordo Totalmente; **B** – Concordo; **C** – Indiferente;  
**D** – Discordo; **E** – Discordo Totalmente

<b>Características</b>	
<b>1</b>	“Motivar os seus alunos”
<b>2</b>	“Promover a participação na(s) disciplina(s)”
<b>3</b>	“Ser autoritário e exigente”
<b>4</b>	“Ser justo e imparcial”
<b>5</b>	“Respeitar os alunos”
<b>6</b>	“Ter empatia com os alunos”
<b>7</b>	“Ser competente na área científica”
<b>8</b>	“Fomentar a autonomia do aluno”
<b>9</b>	“Preocupar-se com a vida pessoal do aluno”
<b>10</b>	“Ser informal e descontraído”
<b>11</b>	“Adotar uma postura formal e rígida”
<b>12</b>	“Estar atento às dificuldades dos alunos”
<b>13</b>	“Tornar as aulas dinâmicas”
<b>14</b>	“Ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos”
<b>15</b>	“Ser um professor competente em vez de um professor simpático”

**Tabela 5**

<b>Carac.</b>	<b>A</b>	<b>B</b>	<b>C</b>	<b>D</b>	<b>E</b>	<b>TOTAL</b>
<b>1</b>	36	1				37
<b>2</b>	18	18	1			37
<b>3</b>	2	17	10	7	1	37
<b>4</b>	28	7	2			37
<b>5</b>	30	5	2			37
<b>6</b>	24	10	3			37
<b>7</b>	26	11				37
<b>8</b>	13	21	3			37
<b>9</b>	4	12	16	3	1	36*
<b>10</b>	5	14	12	6		37
<b>11</b>	1	7	7	17	5	37
<b>12</b>	20	17				37
<b>13</b>	31	3	3			37
<b>14</b>	14	19	1	3		37
<b>15</b>	1	13	11	11	1	37

\*apenas 36 no total porque houve um aluno que não respondeu.

### Anexo 7 - Resultados gerais do inquérito por questionário (Questão 3)

<b>Características</b>	
<b>1</b>	“Motivar os seus alunos”
<b>2</b>	“Promover a participação na(s) disciplina(s)”
<b>3</b>	“Ser autoritário e exigente”
<b>4</b>	“Ser justo e imparcial”
<b>5</b>	“Respeitar os alunos”
<b>6</b>	“Ter empatia com os alunos”
<b>7</b>	“Ser competente na área científica”
<b>8</b>	“Fomentar a autonomia do aluno”
<b>9</b>	“Preocupar-se com a vida pessoal do aluno”
<b>10</b>	“Ser informal e descontraído”
<b>11</b>	“Adotar uma postura formal e rígida”
<b>12</b>	“Estar atento às dificuldades dos alunos”
<b>13</b>	“Tornar as aulas dinâmicas”
<b>14</b>	“Ser rigoroso e atual nos conhecimentos transmitidos”
<b>15</b>	“Ser um professor competente em vez de um professor simpático”

**Característica Fulcral = CF**

**Tabela 6**

<b>Carac.</b>	<b>1ª CF</b>	<b>2ª CF</b>	<b>3ª CF</b>	<b>4ª CF</b>	<b>5ª CF</b>	<b>TOTAL</b>
<b>1</b>	13	7	6		5	31
<b>2</b>	1	2		4	3	10
<b>3</b>						0
<b>4</b>	6	8	6	5	1	26
<b>5</b>	3	4	1	2	7	17
<b>6</b>	2	2	5		2	11
<b>7</b>	7	1	4	4	4	20
<b>8</b>				3	2	5
<b>9</b>				1	3	4
<b>10</b>			4	1	2	7
<b>11</b>	1			1		2
<b>12</b>	1	4	4	9	1	19
<b>13</b>	2	7	5	6	5	25
<b>14</b>		1	2		1	4
<b>15</b>	1	1		1	1	4
						<b>185</b>

## Anexo 8 - Resultados gerais do inquérito por questionário (Questão 4)

Tabela 7

<b>Categoria</b>	<b>Nº de alunos que identificaram a categoria</b>
<b>1- Professor empático</b>	13
<b>2- Professor dinâmico/motivador</b>	11
<b>3- Professor atento (nível escolar)</b>	7
<b>4- Não sabe/Não responde ao que é solicitado</b>	3
<b>5- Má experiência</b>	2
<b>6- Professor exigente</b>	1

Tabela 8

<b>Nº de inquérito</b>	<b>Categoria identificada</b>
<b>INQ. 1 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 2 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 3 (11.º ano)</b>	1
<b>INQ. 4 (11.º ano)</b>	5
<b>INQ. 5 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 6 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 7 (11.º ano)</b>	3
<b>INQ. 8 (11.º ano)</b>	2

<b>INQ. 9 (11.º ano)</b>	5
<b>INQ. 10 (11.º ano)</b>	1
<b>INQ. 11 (11.º ano)</b>	1
<b>INQ. 12 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 13 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 14 (11.º ano)</b>	3
<b>INQ. 15 (11.º ano)</b>	1
<b>INQ. 16 (11.º ano)</b>	6
<b>INQ. 17 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 18 (11.º ano)</b>	2
<b>INQ. 19 (12.º ano)</b>	4
<b>INQ. 20 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 21 (12.º ano)</b>	2
<b>INQ. 22 (12.º ano)</b>	3
<b>INQ. 23 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 24 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 25 (12.º ano)</b>	3
<b>INQ. 26 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 27 (12.º ano)</b>	2
<b>INQ. 28 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 29 (12.º ano)</b>	4
<b>INQ. 30 (12.º ano)</b>	1

<b>INQ. 31 (12.º ano)</b>	3
<b>INQ. 32 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 33 (12.º ano)</b>	3
<b>INQ. 34 (12.º ano)</b>	4
<b>INQ. 35 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 36 (12.º ano)</b>	1
<b>INQ. 37 (12.º ano)</b>	3

**Anexo 9 – Autorização a preencher pelos encarregados de educação para a participação dos alunos no “focus groups”**



Caro Encarregado(a) de Educação,

**Solicito a sua autorização para que o seu (sua) educando(a) compareça na Biblioteca Municipal de Espinho, no dia 12 de Junho, entre as 14h e as 16h para participar numa entrevista para uma investigação social** inerente ao meu Relatório de Estágio com o título “A importância da relação professor-aluno para o sucesso escolar de um jovem” do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

A gravação será utilizada apenas para enriquecer o meu relatório de estágio, e não será publicada em nenhuma plataforma digital nem partilhado com outra identidade.

**Autorizo**

**Não autorizo**

o(a) meu(minha) educando(a), \_\_\_\_\_ n.º  
\_\_\_\_\_ da turma \_\_\_\_\_ a estar presente na escola no dia 12 de Junho entre as  
14h e as 16h para a gravação de som de uma entrevista conduzida pelo professor.

## **Anexo 10 – Relato do “focus groups” completo do Grupo A (nomes fictícios)**

**Moderador (Eu):** Gostam de andar na escola? O que gostam mais e o que gostam menos?

**Andreia:** Sim. O que gosto mais são as amizades que fazemos, mas por outro lado, o que gosto menos, é a desunião entre os colegas de turma.

**Janete:** Sim. O que gosto mais é aprender coisas novas e o que gosto menos é o ambiente escolar que é propício há existência da desunião e dos “grupinhos”.

**Beatriz:** Sim, mas identifico vários problemas que a escola proporciona na vida de um adolescente. As cargas horárias são muito pesadas e sobrecarrega-nos imenso no dia a dia. Outro problema é sem dúvida a parcialidade demonstrada por alguns professores na hora de ouvir os alunos. Nem sempre um professor está disponível para ouvir um aluno argumentar sobre o que acha correto ou errado. Por vezes, sentimos que não somos ouvidos

**Gustavo:** Gosto de andar na escola porque considero que esta é fulcral para o nosso crescimento, não só individual, mas também coletivo porque nos faz envolver com várias pessoas de diferentes faixas etárias. Também considero que a escola tem um papel fundamental para desenvolver a nossa autonomia e nosso espírito crítico, mas penso que a escola não temos métodos necessários para garantir este desenvolvimento. Considero que isso deve-se ao facto de por vezes os professores nem sempre poderem inovar nos seus métodos de ensino pois o extenso programa curricular não o permite. Este é um fator que nos prejudica mais do que nos beneficia e faz com que o sistema escolar se torne monótono e desmotivador.

**Moderador:** Qual é a vossa disciplina favorita e a que menos gostam, e porquê?

**Janete:** A disciplina que mais gosto são História e, ao longo meu percurso escolar, também sempre gostei de Ciências porque são disciplinas que sempre despertaram o meu

interesse e sempre tive professores dinâmicos e competentes. As que gosto menos são as disciplinas de línguas, nomeadamente inglês, porque acho que as aulas poderiam ser mais dinâmicas.

**Andreia:** As que mais gosto são matemática e físico-química e a que menos gosto é Educação Física. As aulas de matemáticas fazem nos sentir mais ativos durante o tempo de aula porque aprendemos a resolver problemas propostos pela professora, que muitas das vezes são problemas que é a própria professora que os dá. Não gosto de Educação-física porque não tenho uma boa relação com o professor.

**Beatriz:** As nossas preferências vão mudando depende das relações que temos com os professores. A que mais gosto é de História e a que sempre menos gostei foi Físico-química. Eu nunca tive uma boa professora de Físico-química porque sentíamos que a professora estava constantemente frustrada por causa dos seus problemas pessoais e que não queria saber dos alunos. Por outro lado, as professoras de história que tive sempre foram mais dinâmicas e souberam criar uma boa relação com os seus alunos. Penso que quando um professor é mais dinâmico, acho que aprendemos muito melhor e ganhamos outro tipo de interesse pela disciplina.

**Moderador:** Acham que esta questão de gostarem de uma disciplina depende mais do professor ou das vossas escolhas pessoais?

**Gustavo:** Eu acho que depende mais do professor, até porque os professores podem e devem influenciar as nossas escolhas e gostos pessoais.

**Beatriz:** Se o professor tiver uma postura mais relaxado e espontâneo connosco e demonstrar um sentimento de empatia em vez de querer marcar a sua posição através de uma postura mais rígida, irá ajudar muito mais os alunos a obter o conhecimento. A criação de laços com os alunos cria melhores condições para o aluno aprender porque esses laços nos fazem felizes, e quando somos felizes naquilo que fazemos, vamos ter muito melhor rendimento tanto a nível escolar, como a nível cognitivo e emocional.

**Moderador:** Que tipo de aulas é que vos incentivam mais para aprender?

**Gustavo:** Penso que os trabalhos de grupo e debates são aulas interessantes e que faz com que sejamos nós próprios a pesquisar sobre os assuntos e aprender de uma forma diferente e autónoma. Já aconteceu a um colega nosso que está sempre a dizer que é burro, fazer um trabalho espetacular porque sentiu-se motivado com esse novo método de trabalho. Eu posso confirmar isso porque eu fiz parte do grupo dele.

**Beatriz:** O trabalho cooperativo pode ajudar alguns alunos com mais dificuldades obter o sucesso escolar. Os debates também são uma boa maneira para ensinar porque aumenta o nosso espírito crítico e a nossa autonomia e evita que nos sintamos humilhados se estivermos errados.

**Moderador:** Se tivessem de escolher duas características essenciais para um professor ou professora para melhorar o vosso rendimento escolar, que características é que escolhiam?

**Gustavo:** Paciência com os alunos, porque nós somos todos diferentes. Imparcial com os seus alunos porque é importante o professor se manter imparcial.

**Beatriz:** Humildade, porque um professor muitas das vezes acha que os alunos não têm opiniões a dar porque não tem experiência de vida suficiente para tal. Outro é empatia.

**Janete:** Compreensivo, que ajuda um aluno sentir-se com atenção e ter condições pessoais para evoluir em termos académicos. Tem de ser motivador também.

**Andreia:** Ser motivador com os seus alunos e ter paciência e saber lidar os seus alunos.

**Moderador:** Imaginem que tinham um prazo para entregar um trabalho, mas houve um aluno que não teve o trabalho pronto no dia da entrega, por um motivo válido. Se o professor deixasse esse aluno entregar o trabalho dois dias depois, achavam o professor menos rigoroso por isso?

**Beatriz:** Não, porque as razões eram plausíveis.

**Janete:** Se o aluno ao menos tivesse começado o trabalho e provasse que o motivo era mesmo válido, sim.

**Andreia:** Sim, não deixava de ser rigoroso porque o motivo era válido. Apesar de que, se o aluno tivesse antecedentes, aí já quebra um bocado a confiança e o aluno teria de provar ao professor que realmente o motivo era válido.

**Moderador:** E se a razão não fosse válida, mas mesmo assim, o professor dê-se os tais dois dias para ele acabar o trabalho, era menos rigoroso?

**Gustavo:** Mesmo sem razão válida, se não fosse recorrente, o professor não deixava de ser rigoroso se desse mais dois dias ao aluno.

**Janete:** Acho que o professor não deixava de ser rigoroso se estendesse esses dois dias para todos, e não só para um.

**Beatriz:** Acho que esta questão tem mais a ver com o professor ser compreensivo do que rigoroso. Eu deixava o aluno entregar.

## **Anexo 11 – Relato do “focus groups” completo do Grupo B (nomes fictícios)**

**Moderador:** Gostam de andar na escola? O que gostam mais e o que gostam menos?

**Leonardo:** Gosto de andar na escola. O que mais gosto da escola é de ser um local que conhecemos pessoas novas e nos ajuda a crescer como pessoa. O que gosto menos são das aulas, principalmente quando são pouco práticas.

**Guilherme:** Não gosto de andar na escola, mas reconheço que ela é fundamental na nossa vida. Gosto do convívio, mas o que menos gosto são as aulas e acho que os testes não deviam existir porque nos fazem sentir pressionados em relação ao que devíamos saber ou não.

**Dinis:** Eu gosto da escola. O que gosto mais é o convívio e o que menos gosto são os testes e algumas aulas, apesar que há outras aulas que gosto, dependendo do professor.

**Moderador:** Visto que para vocês as aulas são maçadoras, qual é o vosso tipo de aula perfeita?

**Leonardo:** As aulas perfeitas acho que deveriam ser as mais práticas. Em economia por exemplo ter mais visitas a empresas e ver como funciona a contabilidade de uma empresa acho que era algo que nos motivava em vez de só falarmos sobre isso na teoria.

**Guilherme:** Para haver uma aula perfeita tudo começa pelo professor. Este não devia ser tão rígido, mas sim ser mais aberto e natural com os seus alunos de modo a tornar as suas aulas mais dinâmicas.

**Moderador:** Como foi a vossa relação com os professores ao longo do vosso percurso escolar? Consideram que tiveram mais professores que vos marcou pelas boas ou más razões?

**Dinis:** Eu acho que já tive de tudo, mas todos os anos tive um professor que fez sempre a questão de criar uma cara perante os seus alunos, o que levava a ser de determinada

forma dentro de uma sala de aula, e de outra forma totalmente diferente fora dela. Isto só leva à nossa desmotivação pelas disciplinas, e, conseqüentemente, pela escola.

**Henrique:** Concordo com o Rafael. Um professor não é só fora da sala de aula que tem de cativar os alunos, mas também dentro da sala de aula para desenvolver o nosso rendimento escolar.

**Moderador:** Qual a vossa disciplina favorita e a que menos gostam, e porquê?

**Henrique:** A minha favorita é Educação física porque é uma disciplina que podemos estar mais à vontade e que nos faz divertir. A que menos gosto é matemática pelas dificuldades que tenho à disciplina.

**Leonardo:** A minha disciplina favorita é Educação física pelas mesmas razões que o Henrique. A que menos gosto é matemática, não só pelas dificuldades, mas também por causa do método escolhido para a disciplina ser ensinada. Normalmente, Matemática é a disciplina que achamos mais difícil e os professores não pensam em outros métodos para nós a percebermos. Para além da nossa preocupação com a disciplina, os professores ainda nos metem mais pressão em cima ao referir constantemente que a Matemática é uma disciplina difícil e que só a estudar todos os dias é que a vamos perceber.

**Dinis:** A que eu gosto mais é Educação física pelas mesmas razões que os meus colegas e a que menos gosto é inglês por causa da professora. Eu reconheço importância na disciplina e na própria língua, mas a professora não nos consegue motivar a gostar de aprendê-la.

**Moderador:** Digam-me duas características que consideram importantes para um professor ter de modo a vos incentivar e a motivar a alcançar o vosso sucesso escolar.

**Leonardo:** Boa aparência e saber motivar os alunos com uma aula bem estruturada através de diálogos abertos entre o aluno e o professor. Preocupar-se em motivar os alunos.

**Dinis:** Ser um professor acessível para os alunos de modo a deixá-los à vontade e partilhar as próprias opiniões sobre algumas temáticas para nos ajudar a formar a nossa opinião também. Ser um professor prático e dinâmico também são características importantes.

**Henrique:** Ser um professor acessível e imparcial.

**Guilherme:** Um professor mais dinâmico e prático. Haver mais trabalhos de grupo e diálogo era algo que devia ser implementado, não só para termos novas formas de obter o conhecimento, mas também para desenvolver uma relação mais saudável entre a turma e criar uma maior união entre todos. Esta união é importante até para que as aulas possam ser mais rentáveis tanto para o professor como para o aluno. O professor deve ser o capitão da sua turma.

**Moderador:** Ao longo do vosso percurso já vos aconteceu começar a gostar de uma disciplina que nem gostavam muito só por causa do professor?

**Leonardo:** Nunca gostei de história, mas desde o meu 10.º ano comecei a gostar devido à professora ser muito mais dinâmica e empática connosco.

**Dinis:** Matemática foi sempre uma disciplina que tive bastantes dificuldades, mas já me aconteceu uma professora ter-me motivado de tal forma que levou a acreditar em mim mesmo e obter um bom resultado à disciplina.

**Moderador:** Imaginem que um professor vos dá um certo prazo para vocês entregarem um trabalho, mas no dia há um aluno que por um motivo válido não o consegue entregar e o professor deixa-o entregar o trabalho dois dias depois. Deixa de ser menos rigoroso?

**Todos:** Não porque o motivo é válido.

**Moderador:** Agora imaginem que a razão não era assim tão válida, mas o professor mesmo assim dá mais dois dias para esse aluno entregar o seu trabalho. Deixa de ser menos rigoroso?

**Todos:** Dava na mesma os dois dias, mas a partir daí não havia mais abébias.

## **Anexo 12 – Relato do “focus groups” completo do Grupo C (nomes fictícios)**

**Moderador (Eu):** Gostam de andar na escola? O que gostam mais e o que menos gostam, e porquê?

**Nuno:** Em geral gosto, apesar de algumas aulas serem um bocado aborrecidas. O que gosto mais é de estar com os meus colegas (convívio).

**Fernando:** Em geral gosto, mas concordo com o Zenha que há aulas mais secantes que outras. O que gosto mais é o convívio com os colegas.

**José:** Apesar de saber que a escola pode ser má, este é um período essencial na nossa vida. É um período onde podemos conviver com os nossos amigos e não temos a responsabilidade de um adulto.

**Miguel:** O período da escola é dos mais importantes que temos na nossa vida porque é onde crescemos a nível pessoal e intelectual. Conhecemos também amigos para a vida. Passamos tanto tempo na escola que ela é como se fosse a nossa segunda casa. Pontos negativos da escola é a carga de trabalho que às vezes não deixa com que eu possa ter o tempo livre que desejava.

**Moderador:** Quais é que são as vossas disciplinas favoritas e menos favoritas e porquê?

**Nuno:** Favorita EF e menos gosto português. EF porque é prática e gosto de fazer desporto. Português porque não me identifico com a disciplina.

**Miguel:** Gosto mais de matemática por ser uma aula mais prática. O que eu não gosto é português porque acho desnecessário dar algumas obras clássicas porque os tempos são outros e a disciplina devia se atualizar.

**José:** A disciplina que gosto mais é Educação Física porque gosto de fazer desporto e são aulas mais práticas e podemos estar mais a vontade. Não temos de estar calados para rentabilizar a aula. A que menos gosto é português porque a escrita já não é igual à antigamente, por isso para mim o plano curricular já não faz muito sentido.

**Fernando:** A minha disciplina preferida é matemática porque é prática e passa-se mais rapidamente o tempo e dá-me satisfação resolver os exercícios. A que menos gosto é português por estudarmos obras antigas que para mim não dizem muito.

**Moderador:** Que tipos de aulas é que gostavam ou gostam mais de ter?

**Fernando:** Penso que as aulas que eu mais gosto são as aulas mais dinâmicas e que nos faz resolver problemas para obter o conhecimento. É por isso é que gosto de matemática

**Miguel:** Aula com debates entre os alunos e os professores e aprender para além do que está no livro.

**Nuno:** Uma aula que o professor saiba cativar os alunos com diferentes métodos de ensino.

**Moderador:** Ao longo do vosso percurso já vos aconteceu não gostar de uma disciplina, e começar a gostar só por causa do professor? E como isso aconteceu?

**Nuno:** Matemática. As aulas eram interessantes porque a professora tinha uma boa empatia com a turma e sentíamos à vontade com a mesma.

**José:** A mim aconteceu o contrário. Inglês foi sempre uma disciplina que gostava, mas nos últimos anos fui perdendo o gosto devido à professora. Mas já aconteceu gostar de uma disciplina por causa de um professor porque quando um professor se sente motivado em nos ensinar, a nossa vontade e o gosto pela disciplina mudam também.

**Miguel:** Português. Apesar de não gostar da disciplina, a maneira que o professor nos dá aula acaba por nos despertar certo interesse.

**Moderador:** Vocês consideram a vossa relação com o professor algo fulcral para o vosso rendimento escolar e crescimento pessoal?

**Fernando:** Sim, mas a relação não deve ser em exagero. É bom manter uma boa relação com o professor, mas tanto do professor como do aluno às vezes existe um excesso de

confiança. Esse excesso de confiança até pode ser bom para um aluno se sentir melhor na comunidade escolar, mas quando nos apercebemos que só aquele aluno tem atenção, deixa-nos tristes e desmotivados. Já me senti um pouco de parte por causa destas situações.

**Miguel:** Sim porque quando temos uma melhor relação com o professor, automaticamente a nossa motivação para estudar e agradar o professor e fazer com que ele perceba que eu tenho capacidades, é maior.

**Moderador:** Se tivessem de escolher duas características que acham essencial um professor possuir para melhorar o vosso rendimento escolar, quais escolhiam?

**José:** Profissionalismo e boa disposição. Um professor deve ter um saber científico apurado para que possa abordar certo tema de várias maneiras, mas não adianta o fazer se não tiver uma boa empatia com os seus alunos, porque só assim é que os motiva a aprender.

**Fernando:** Profissionalismo e versátil. Versátil na maneira que ensina.

**Miguel:** Cativante e dinâmico. Um professor deve ter noção dos alunos que tem a sua frente em deve saber como motivá-los para que a aula corra de uma forma dinâmica e animada.

**Nuno:** Cativante e boa disposição. Um professor deve querer sempre criar uma relação de empatia com os seus alunos para que estes queiram aprender com ele.

**Moderador:** Imaginem que há um prazo para entregar um trabalho, mas, por um motivo válido, um aluno não o entregou na data estipulada. O professor deixava de ser menos rigoroso se deixasse o aluno em questão entregá-lo dois dias depois?

**Fernando:** Depende. O trabalho pode ter sido marcado a algum tempo e por isso não era por esse motivo válido que o aluno não teve tempo para fazer o trabalho. Visto que o

aluno teve tempo de o fazer antes, o professor não deixava de ser rigoroso se desse os tais dois dias, desde que descontasse no trabalho.

**Miguel:** Acho que não tem muito a ver com deixar de ser rigoroso, mas sim em ser compreensivo. Por isso acho que o professor podia deixar, desde que a justificação fosse mesmo válida.

**Moderador:** E se a razão não fosse tão válida quanto isso, mas mesmo assim o professor dava mais dois dias para o aluno em questão entregar o trabalho, deixava de ser rigoroso?

**Todos dizem que sim.**

### **Anexo 13 – Relato do “focus groups” completo do Grupo D (nomes fictícios)**

**Moderador (Eu):** Gostam de andar da escola? O que gostam mais e o que gostam menos, e porquê?

**Fausto:** Gosto. O que mais gosto da escola é das amizades e do convívio. O que menos gosto são algumas aulas e ter de estudar.

**David:** Gosto de andar na escola. O que mais gosto são as aulas mais interativas e dinâmicas e que nos faz aprender de uma forma mais descontraída. O que menos gosto é das aulas que são muito pesadas e teóricas e que temos que estar concentrados do início ao fim.

**Diana:** Gosto de andar na escola. Gosto das amizades e do convívio que ajudam a tornar os nossos anos escolares menos maçadores. Não gosto da pressão que por vezes o mundo escolar e o sistema no geral nos põem, no sentido de nos obrigar a estudar e a devorar uma grande quantidade de matéria de disciplinas diversas com o objetivo de obtermos uma certa média para entrar na faculdade naquilo que gostamos e que queremos para o nosso futuro.

**Inês:** Gosto da escola. Gosto de aprender coisas novas e do convívio. Mas o que menos gosto é da pressão e que temos uma carga de matérias que nos cria stress e ansiedade. Penso que existem matérias que não são necessárias.

**Moderador:** Quais são as vossas disciplinas favoritas e as que menos gostam?

**Inês:** A que menos gosto é Educação Física porque é uma disciplina que apesar de eu ter mais um bocado de dificuldades, sinto-me mais exposta. A que eu mais gosto é Espanhol porque eu adoro a língua e há sempre muita interação. É a minha disciplina desde o 7.º.

**Diana:** Não tenho nenhuma disciplina que não gosto, mas se tivesse de escolher uma era Educação Física pela mesma razão da Inês, de me sentir um bocado exposta. A minha

preferida é Espanhol, e surpreendi-me muito com Ciência Política, pois acabou por ser uma disciplina decisiva para me ajudar a escolher o curso que quero, que é psicologia.

**David:** Apesar das minhas notas não refletirem, a minha disciplina preferida é História porque gosto de aprender e saber curiosidades sobre o mundo que nem sempre estão no manual. A que menos gosto é português porque reflete tudo o que eu não gosto da escola. A professora é monótona e não inova nos métodos de ensino, o que nos desmotiva imenso.

**Fausto:** A que eu gosto mais é Educação Física porque são aulas mais práticas. A que menos gosto é português porque sinto que aprendemos algo desnecessário, que não traz inovação nenhuma à turma.

**Moderador:** Acham importante a vossa relação com o professor para se interessarem mais pela disciplina?

**Inês:** A relação é importante, mas não propriamente para aprender melhor a disciplina. Eu gosto muito da professora de Educação Física, mas continuo a odiar a disciplina. E já me aconteceu o professor não me dizer muito, mas não influenciou o meu gosto e rendimento. Para mim o mais importante numa relação professor aluno é conseguir fazer com que o aluno se sinta à vontade a partilhar os seus problemas pessoais de modo a estar mais à vontade na aula. Penso que a relação é mais importante em termos pessoais.

**Fausto:** Sim porque isso influencia o nosso rendimento nas aulas. As aulas este ano foram mais interessantes e dinâmicas que no ano passado devido aos professores e à professora Anabela.

**Moderador:** Que tipos de aula é que vocês gostam ou gostavam de ter?

**Fausto:** As aulas em grupo ou a pares são mais interessantes porque sozinho sinto que tenho de estar permanentemente concentrado, e eu não consigo. Em grupo ou a pares podemos sempre partilhar algumas ideias.

**David:** As aulas mais interativas e diferentes. As aulas em grupo fazem com que nos sentimos mais relaxados a descontração por vezes é o principal fator que nos permite aprender da melhor forma. Também acho importante haver uma constante interatividade entre o professor e o aluno para evitar uma aula monótona.

**Diana:** Aulas a pares ou em grupo. Penso que trabalhar em conjunto faz com que alcancemos os nossos objetivos e melhores resultados. Permite-nos ter uma postura mais informal e que as nossas participações não sejam vistas como certas ou erradas, mas como uma partilha de opinião. Os jogos interativos também são interessantes.

**Inês:** Uma aula ideal para mim é quando o professor fala e expõe a matéria, mas ao mesmo tempo, que procura interagir com os seus alunos constantemente. As utilizações dos vídeos também são importantes para que possamos aprender de uma forma mais diferente sem ser pelo manual. No fim da aula, penso que devia de haver uma parte para trabalhar em conjunto para fazer exercícios, havendo assim um espaço da aula para partilharmos as nossas ideias e esclarecer algumas dúvidas uns com os outros.

**Moderador:** Imaginem que tinham um prazo para entregar um trabalho, e no dia que o fosse para entregar, um aluno não o trouxe feito por um motivo válido. O professor dá mais dois dias a esse aluno para entregar o seu trabalho. O professor deixa de ser menos rigoroso por isso?

**Inês:** Se a razão fosse mesmo válida, o professor não deixa de ser rigoroso porque a tolerância e a compreensão devem ser valores que um professor deve ter.

**David:** Eu acho que discutia com o professor e falava sobre os problemas e combinava com o professor uma data para entregar.

**Moderador:** E se no dia, o aluno não entregasse o trabalho por um motivo não tão válido quanto isso e o professor dava na mesma dois dias para entregar o trabalho, deixava de ser rigoroso?

**Fausto:** Deixa de ser rigoroso, mas não deixava de ser justo se por exemplo dê-se mais dois dias à turma toda.

**David:** Eu acho que não deixava de ser rigoroso se desse os dois dias na mesma, mas descontava no trabalho.

**Moderador:** Se tivessem de escolher duas características importantes que um professor deveria ter, que características escolhias?

**Fausto:** Profissionalismo e empatia com os seus alunos. Um professor deve formar uma relação pessoal e profissional com os seus alunos de modo a motivar e deve ser profissional ao nível de conseguir explicar a matéria de várias maneiras.

**David:** Ser motivador e amigável com os alunos. Motivador para que os alunos possam ter interesse em aprender o que o professor tem para ensinar e amigável para que os alunos tenham coragem de participar nas suas aulas.

**Diana:** Justo/Imparcial, considerar os alunos todos iguais. Motivador e dinâmico, para esclarecer as dúvidas dos alunos porque nem sempre é fácil um aluno expor as suas dificuldades e as suas dúvidas porque não estão à vontade para tal.

**Inês:** Compreensivo e flexível. Saber expor a matéria de formas diferentes dependendo das turmas que tem e as personalidades dos seus alunos.

#### **Anexo 14 – Relato do “focus groups” completo do Grupo E (nomes fictícios)**

**Moderador (Eu):** Gostam de andar na escola? O que mais gostam e o que menos gostam, e porquê?

**Paulo:** O que mais gosto da escola é aprender coisas novas e convívio com as pessoas. O que menos gosto é algumas aulas mais teóricas.

**Pedro:** Gosto de andar na escola. O que mais gosto da escola é do convívio e o que menos gosto são as aulas.

**Augusto:** Gosto de andar na escola. O que mais gosto da escola é o convívio. O que menos gosto são as aulas.

**Cristiano:** Gosto de andar na escola. O que gosto mais é pelo convívio e aprender coisas novas, e acho que a escola é fundamental da nossa vida.

**Sandra:** Gosto de andar na escola. O que gosto mais é de obter novos conhecimentos, mas o que não gosto são as aulas mais aborrecidas.

**Moderador:** Que tipo de aulas é que gostam mais de ter ou gostavam de ter?

**Pedro:** Mais aulas com os jogos que os professores estagiários implementaram, fazendo aulas mais práticas.

**Todos dizem que as aulas deviam ser mais praticas do que teóricas.**

**Moderador:** Quais são as vossas disciplinas favoritas e as que menos gostam?

**Paulo:** A minha disciplina favorita é Educação Física porque é a disciplina mais prática que temos. Gosto também de matemática e de história porque gosto de aprender a história do mundo, e como chegamos aos nossos dias. A que menos gosto é português por causa da professora que tem um método de dar aulas bastante maçador.

**Pedro:** A minha disciplina favorita é história e geografia por abranger mais a área da política e da economia e serve para percebermos os acontecimentos do mundo. A que menos gosto é português por causa da professora porque sempre gostei de português até ao 10.º ano, mas depois com esta professora desmotivei-me bastante.

**Augusto:** Educação Física e Espanhol. São disciplinas práticas e que existe bastante interação. A que gosto menos gosto é português. Até ao 9.º ano penso que português seria essencial, mas a partir do 10.º ano penso que já não faz sentido ter esta disciplina.

**Cristiano:** História e Geografia porque gosto de saber sobre a história do mundo e os acontecimentos que marcaram e continuam a marcar nos dias de hoje. A que menos gosto é inglês porque sempre tive muitas dificuldades e português pelos mesmos motivos que os meus colegas.

**Sandra:** História e Ciência Política. História porque gosto de saber o que aconteceu no passado e ciência política porque gosto de aprender alguma cultura geral, e penso que esta disciplina nos enriquece muito a esse nível. A que gosto menos é Espanhol porque a minha relação com o professor não é muito boa.

**Moderador:** Vocês consideram importante gostar de um professor para ter melhor rendimento escolar ou gostar de uma disciplina que não acham especial interesse?

**Pedro:** Sim. Eu antes de mudar de curso no 10.º ano, eu gostava muito do meu professor de português porque ele se esforçava e empenhava-se para ver quais eram as nossas dificuldades e esclarecer as nossas dúvidas. Desde que apanhei esta professora, sinto que a professora tem uma postura de como se nós fossemos todos iguais e não procura se relacionar nem saber quais são as dificuldades de cada um. Trata-nos como verdadeiros robôs.

**Cristiano:** Acho que gostar de um professor nos motiva mais para ouvir o que ele está a dizer e estar mais concentrado nas aulas. A motivação que ele nos passa é o mais importante para o nosso sucesso naquela disciplina

**Sandra:** Sim. A minha professora de História do ano passado era muito exigente e só fazíamos exercícios através dos documentos. Eu não achava nada interativo e as aulas eram uma seca. Este ano é a minha disciplina favorita porque os professores foram muito mais interativos e dinâmicos connosco.

**Moderador:** Digam-me duas características que acham importante um professor possuir para melhorar o vosso rendimento escolar.

**Cristiano:** Professor dinâmico e ativo. Falar com todos os alunos, dar mais oportunidades aos alunos com dificuldade para participar. Quando um professor puxa por nós perdemos a timidez de esclarecer as dúvidas.

**Augusto:** Dinâmico e social. Dar-se bem com os alunos de uma forma natural, ajuda com que o aluno perca o medo de ser natural também, facilitando assim a nossa aprendizagem.

**Pedro:** Profissionalismo e exigência. Um professor que exige mais de si mesmo, vai querer exigir mais dos alunos e vamos ter vontade de chegar às expectativas do mesmo.

**Paulo:** Ativo e dinâmico. Que não faça sempre as mesmas aulas e que inove de aula para aula para garantir o nosso interesse.

**Sandra:** Profissionalismo e dinâmico. Porque não adianta inovar e ter várias formas de dar uma aula se o professor não saber o que vai dar.

**Moderador:** Imaginem que o professor vos dá um prazo para entregar um trabalho, e no dia da entrega, houve um aluno que não o entregou por uma razão válida. O professor decide dar mais dois dias a esse aluno para entregar o trabalho. O professor deixa de ser rigoroso por isso?

**Todos dizem que não, justificando que o motivo era válido.**

**Moderador:** Agora imaginem que o aluno não tem o trabalho feito e o motivo não é assim tão válido quanto isso, mas mesmo assim o professor dá mais dois dias ao aluno. Deixa de ser rigoroso?

**Cristiano:** Deixa de ser rigoroso porque uma data é uma data e esse aluno teve o mesmo tempo que todos para fazer o trabalho. Caso o professor dê-se esses dois dias, para não perder o seu rigor este teria de descontar no trabalho desse aluno.

## **Anexo 15 – Relato do “focus groups” completo do Grupo F (nomes fictícios)**

**Moderador:** Gostam de andar na escola? O que gostam mais e do que gostam menos, e porquê?

**Vanessa:** Gosto porque é um sítio que encontro os meus amigos. O que menos gosto são as crianças barulhentas que causam mau ambiente escolar.

**Fábio:** Gosto de andar na escola. Gosto de aprender coisas que me interessam tais como temas atuais e que envolvam situações políticas e sociais. Mas por outro lado, o que menos gosto são alguns métodos de aprendizagem que são secantes.

**Sara:** Eu gosto de andar na escola. O que mais gosto é relação que tenho com as pessoas que me mantêm motivada e empenhada para alcançar o meu sucesso escolar e o que menos gosto são as aulas onde o professor quer ser a figura principal, esquecendo que tem alunos à frente.

**Moderador:** Quais as vossas disciplinas favoritas e as que menos gostam, e porquê?

**Sara:** A que eu mais gosto é História porque eu penso que é uma disciplina que nos ajuda a perceber o presente. A que menos gosto é português por causa da inexistência de empatia entre a professora e os seus alunos. Parece que dá as aulas para as paredes.

**Fábio:** A minha favorita é História porque toca nos pontos que eu acho interessantes em aprender. A que menos gosto é Espanhol por causa da minha relação com o professor. Se a minha interação com o mesmo fosse diferente talvez gostaria da disciplina.

**Moderador:** Que tipo de aulas vocês mais gostam ou gostariam de ter?

**Vanessa:** Gosto das aulas onde os professores percam tempo a explicar as coisas de uma forma mais dinâmica e com calma para que todos os alunos o possam entender. É sinal de que os professores se esforçam para que os alunos efetivamente aprendem.

**Sara:** Gosto das aulas em que o professor seja dinâmico e que o professor demonstre interesse em ensinar. Esse interesse acaba por influenciar a nossa vontade de querer estar na sala de aula a aprender.

**Fábio:** Aulas dinâmicas onde o professor seja bastante interativo com os seus alunos.

**Moderador:** Imaginem que tem um trabalho para fazer e que no dia de o entregar há um aluno que, por um motivo válido, não o tem pronto para entregar. O professor depois de ter ouvido a razão, decide dar mais dois dias para que o aluno possa acabar o trabalho e entregar. Seria menos rigoroso por isso?

**Vanessa:** Depende da situação. Se o trabalho estivesse quase feito na data prevista, acho que o professor não deixava de ser rigoroso.

**Sara:** Não. O motivo era válido.

**Fábio:** Penso que essa questão tem haver mais com o professor ser tolerante, e não com o ser rigoroso. E neste caso, penso que devia ser tolerante.

**Moderador:** Agora imaginem que o motivo não era assim tão válido quanto isso, mas mesmo assim o professor dava esses dois dias para o aluno acabar o trabalho. Deixava de ser menos rigoroso ou tolerante por isso?

**Sara:** Falava primeiro com o aluno e tentava perceber o que se passava com ele, e depois conforme o que se passava tomava as medidas.

**Fábio:** Dava apenas um.

**Vanessa:** Deixava se fosse a primeira vez que o aluno se atrasasse, mas se em todos os trabalhos esse aluno não entregava os trabalhos a tempo, aí já tomava medidas e não deixava.

**Moderador:** Se tivessem de escolher duas características importantes para um professor ter para melhorar o vosso rendimento escolar, qual delas é que escolheriam?

**Fábio:** Um professor com um espírito jovem e compreensivo. Ter um espírito jovem não só no sentido de se envolver melhor com os seus alunos, mas também para usar novos métodos de ensino com suportes tecnológicos que os professores mais velhos não usam. Compreensivo no sentido de compreender a mentalidade de um adolescente e saber lidar com ela.

**Sara:** Professores atentos à turma e dinâmico. Professores com empatia e compaixão e paciente a ensinar a sua turma. As pessoas são diferentes e aprendem de um modo diferente. Eu por exemplo odiava história até ao 9.º ano, mas a partir do Ensino Secundário, comecei a ter professores que mostraram empatia e que criaram uma boa relação com os seus alunos. Agora sinto-me muito mais motivada e interessada na disciplina, fazendo com o estudo seja mais fácil.

**Vanessa:** Dinâmico e exigente (profissional). Ser um professor que saiba explicar bem as coisas e que exija um aluno a participar na aula e que seja atento à turma e aos seus alunos. Já tive casos que os professores não queriam saber dos alunos e que nos trataram como robots. Eu adorava português, mas quando passei a ter esta professora eu desisti e desliguei da disciplina porque tem um discurso monótono e não sabe cativar.

## **Anexo 16 – Relato do “focus groups” completo do Grupo G (nomes fictícios)**

**Moderador (Eu):** Gostam de andar na escola? O que gostam mais e o que gostam menos, e porquê?

**Patrícia:** Eu gosto de andar na escola. O que gosto mais é de fazer amigos e do convívio. O que gosto menos da escola é a carga horária das aulas. Fazer amigos é importante para nós, visto que nos ajudam a obter mais sucesso tanto a nível pessoal, como a nível escolar. O horário é pesado, não este ano, mas já aconteceu noutros anos que influenciou o meu rendimento escolar.

**Marta:** Gosto. Não gosto de estudar, mas o que gosto mais são os amigos.

**Moderador:** Quais as vossas disciplinas favoritas e as que menos gostam e porquê?

**Marta:** A minha disciplina favorita é Espanhol e a que menos gosto é português. Espanhol é porque considero mais fácil de estudar e tenho mais jeito com as línguas. Português é devido à professora que não nos consegue cativar.

**Moderador:** Acham importante gostar de um professor para gostar da disciplina? Tem influência no vosso sucesso escolar?

**Luísa:** É importante gostar do professor porque se houver uma relação boa entre o professor e os alunos, a motivação para estudar e ter boas notas será maior. Já aconteceu começar a gostar de uma disciplina só por causa do professor na disciplina de Inglês.

**Patrícia:** Sim porque se nós não gostarmos do professor, automaticamente não vamos estar tão atentos nas aulas ou ter motivação para estudar. Mesmo que a matéria não seja muito interessante, um professor que gostamos consegue fazer com que tudo valha a pena.

**Alexandra:** Acho importante gostar do professor. Em Portugal adoro história por causa dos professores porque nota-se que eles gostam de ensinar e isso reflete-se no aluno. Na Venezuela éramos tratados como robôs.

**Marta:** Acho importante sim, mas não em exagero para não levar o ensino e a escola para a brincadeira e para o desleixo. Mas é muito importante o professor se preocupar em chegar aos alunos através dos seus métodos de ensino. Por exemplo, em Português a professora nunca passa PowerPoints, nem usa nenhuma nova tecnologia, com que faz que quase adormecemos nas aulas.

**Moderador:** Qual é o vosso tipo de aula perfeita?

**Alexandra:** Para mim uma aula perfeita é quando o professor começa a falar de uma forma natural sobre a matéria, e não se reger apenas pelo livro. Faz com que estejamos mais atentos e cativa a nossa atenção.

**Marta:** Aulas com poucos alunos acho importante para evitar que o professor se foque apenas numa parte da turma. Uma aula mais espontânea e que não se restrinja apenas ao livro e que nos cativa com o seu vocabulário.

**Moderador:** Se tivessem de escolher duas características importantes para um professor ter, quais escolheriam?

**Patrícia:** Um professor deveria ser dinâmico e carismático.

**Marta:** Imparcial e espontâneo.

**Alexandra:** Rigoroso e Objetivo.

**Luísa:** Carismático e profissional.

**Moderador:** Imaginem que dou um prazo para entregarem um trabalho, e houve um aluno que, por um motivo válido, não conseguiu trazer o trabalho feito. Deixava de ser menos rigoroso se desse mais dois dias para o aluno entregar o trabalho?

**Todas responderam que não.**

**Moderador:** E se o motivo não fosse não fosse assim tão válido quanto isso e o professor dava na mesma mais dois dias para o aluno acabar o trabalho, deixava de ser rigoroso?

**Marta:** Sim porque a data estava estipulada e um professor deve ser rigoroso com datas.

**Luísa:** Eu penso que não, se fosse a primeira vez que o aluno não tivesse um trabalho pronto a tempo.

**Alexandra e Patrícia concordam com a Luísa.**